

A.W. PINK



UM GUIA PARA A
ORAÇÃO FERVOROSA



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)



The Arrival of the Pilgrim Fathers (Antonio Gisbert, por volta de 1864)

A.W. Pink

Um Guia para a Oração Fervorosa

2ª Edição

São Paulo
O Estandarte de Cristo
2019

Título Original
A Guide to Fervent Prayer
Por A.W. Pink

■
Copyright © 2018 Editora O Estandarte de Cristo
São Paulo, SP, Brasil

■
2ª edição em português: 2019.
ISBN: 978-85-85200-07-7

■
Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora O Estandarte de Cristo. Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

■
Salvo indicação em contrário e leves modificações, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF •
Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

■
Tradução: Camila Rebeca Teixeira, William Teixeira e Amanda Ramalho

Revisão de Tradução: William e Camila Rebeca Teixeira

Revisão ortográfica: Helen Bampi

Capa: William Teixeira

Imagem da capa: The Arrival of the Pilgrim Fathers (Antonio Gisbert, por volta de 1864)

■
Visite: OEstadarteDeCristo.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Pink, Arthur Walkington, 1886-1952.

P655g Um guia para a oração fervorosa [recurso eletrônico] / A. W. Pink; tradução Camila Rebeca Vieira de Almeida Teixeira, William Teixeira Pedrosa, Amanda Carvalho - 2. ed - São Paulo (SP): O Estandarte De Cristo, 2019.

Formato: Mobi

Requisitos de sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Título original: A Guide to Fervent Prayer

ISBN 978-85-85200-07-7

1. Bíblia. 2. Oração. 3. Vida cristã. I. Teixeira, Camila Rebeca Vieira de Almeida. II. Pedrosa, William Teixeira. III. Carvalho, Amanda. IV. Título.

CDD 248.4

Sumário

Prefácio

Oração Particular

Introdução

Capítulo 1 | Hebreus 13:20-21

Capítulo 2 | 1 Pedro 1:3-5

Capítulo 3 | 1 Pedro 5:10-11

Capítulo 4 | 2 Pedro 1:2-3

Capítulo 5 | Judas 24-25

Capítulo 6 | Apocalipse 1:5-6

Prefácio

A necessidade vital do tema, a beleza e caráter bíblico das exposições, a profundidade das considerações e a variedade dos ensinamentos práticos, são alguns dos motivos pelos quais muito recomendamos a leitura, em oração, deste preciosíssimo livro que o Senhor agora nos concede compartilhar com muitos irmãos, e com todos aqueles a quem ao nosso Deus aprouver.

Precisamos de orações vivas e de vidas de oração. A oração é para a alma o que a respiração é para o corpo. Pelos movimentos desta respiração celeste, entendemos que há vida, que estamos vivos; ou não. Precisamos de homens dispostos a orar, e não a pecar.

A oração é uma parte natural da adoração a Deus. Mas, para que possa ser aceita, deve ser feita ao único Deus verdadeiro, em nome do Filho, com a ajuda do Espírito, segundo a Sua vontade, com entendimento, reverência, humildade, fervor, fé, amor e perseverança (João 14:13-14; Romanos 8:26; 1 João 5:14).

Por que devemos orar? Oramos porque agradou ao Espírito Santo gravar nas linhas eternas da Escritura Sagrada, e isso de forma abundante, o mandamento positivo para que oremos, “sem cessar”, “em todo o tempo”, com “toda oração e súplica”, “vigiai, pois, em todo o tempo, orando”. Jesus ensinou Seus discípulos a orarem sempre e nunca desfalecer

(1 Tessalonicenses 5:17; Efésios 6:18; Lucas 21:36, 18:1; Salmo 86:3; 2 Timóteo 1:3; Atos 6:4).

Por que orar se Deus é soberano e decreta o fim desde o princípio, e já decretou de antemão tudo que acontecerá (Isaías 46:10; Salmos 135:6, 115:3; Provérbios 16:4)? É justamente o fato de Deus ser soberano e de fazer tudo que Lhe apraz, que torna possíveis as nossas orações; se nosso Deus não fosse soberano e nem fizesse tudo “segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo” (Efésios 1:9) de forma que algo ou alguém pudesse frustrá-lo ou impedi-lo (Isaías 43:13; Jó 11:10, 42:2) ou dizer-lhe: “Que fazes?” (Daniel 4:35), de que adiantaria pedir algo a um *deus* tal como este que não tem todo o poder para conceder a petição? Ou como eu agradeceria e louvaria a Deus somente por ter feito algo, se desconfiasse que Ele não o fez sozinho, ou que Ele é impotente para fazer algo à parte da vontade da criatura ou das circunstâncias? Agora, se Deus é soberano, todo-poderoso, justo, bom e sábio, eu oro, suplico e louvo porque eu sei que se Ele quiser o fará, e que operando Ele ninguém impedirá (Isaías 43:13). O Deus que decretou os fins desde o princípio decreta também os meios para alcançar estes fins, se os fins são decretos eternos, os meios (como por exemplo, as orações) também o são. Deus, em Sua providência ordinária, faz o uso de meios, e ainda assim é livre para operar sem, acima e contra eles, como Lhe agrade. Ora, Deus nos ordenou usar os meios: “portanto, vós orareis” (Mateus 6:9; 1 Tessalonicenses 5:17; Efésios 6:18; Lucas 21:36, 18:1). Assim, não podemos esperar que Deus nos abençoe, nem que estejamos

fazendo Sua vontade, se não estamos usando os meios que Ele mesmo prescreveu a nós em Sua Palavra, mas, antes, desprezando-os.

Assim disse o Senhor Jesus: “Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai” (Mateus 6:5-15). Aqui, o Senhor não especulou a respeito da possibilidade de os Seus seguidores orarem em secreto ou não, Ele não diz “se talvez orares”, “se quiseres orar”, “se tiveres tempo para orar”; não, o Senhor diz: “quando orares”, a oração secreta e constante na vida dos verdadeiros seguidores de Cristo não é uma possibilidade, é uma certeza plena. Jesus sabia muito bem que os Seus orariam. Assim como o pastor usa o seu cajado para apartar as ovelhas dos bodes, a oração secreta é o cajado que separa os filhos de Deus dos filhos do Diabo, pois aqueles que entram em seus aposentos e fecham a porta, o fazem como filhos e para “orar a seu Pai”. Certamente os que assim não fazem, e isso não lhes aflige nem incomoda, são bastardos, e não filhos (Hebreus 12:8).

A oração particular é o teste de nossa sinceridade, o indicador de nossa espiritualidade, o principal meio de crescimento na graça. A oração particular é a única coisa, acima de todas as demais, que Satanás busca impedir, pois ele bem sabe que, se ele puder ser bem sucedido neste ponto, o cristão falhará em todos os outros. [\[1\]](#)

No relacionamento do homem com Deus, toda iniciativa parte de Deus, e então o homem reage à ação inicial de Deus. Deus sempre age, nunca reage, Suas ações sempre são primárias. Por exemplo: se alguém

ama a Deus, é porque Ele o amou primeiro (1 João 4:19), se alguém O escolhe, foi porque Ele o escolheu primeiro (João 15:16), se alguém é uma nova criatura, é porque Ele antes o ressuscitou estando tal pessoa morta em delitos e pecados (Efésios 2:1-10), de sorte que sempre as atitudes positivas dos homens em relação a Deus são fruto de uma atitude primária, eterna, positiva, graciosa, benevolente e condescendente da parte de Deus para com tal homem. Assim, se você não ora a Deus hoje, tema e trema! Pois pode ser que você não ore na terra porque Cristo também não ora por você no céu, e nem tenha orado por você enquanto Ele esteve na terra, e talvez a única menção que Cristo tenha feito de você durante as Suas orações foi: “não rogo pelo mundo” (João 17:9).

Existem cristãos que possuem uma vida de oração sem, no entanto, possuírem um conhecimento bíblico correto; mas definitivamente não existem cristãos que possuem um conhecimento bíblico correto e não possuem uma vida de oração. Falar de Cristo não é o mesmo que falar com Cristo. Ocupar-se nas coisas de Deus não é o mesmo que se ocupar, em oração, com o próprio Deus das coisas. Existem cristãos falsos que são constantes em “oração”, mas é impossível que existam cristãos verdadeiros que não sejam constantes e diligentes na oração. Sobre isto, o puritano Joseph Alleine, diz:

Aquele que negligencia a oração é um pecador profano e não-santificado. Aquele que não é constante na oração é hipócrita, a menos que a omissão seja contrária ao seu costume, sob a força

de alguma tentação momentânea. Uma das primeiras coisas em que se manifesta a conversão é que ela leva os homens a orar.^[2]

Paulo diz ao Efésios que Deus predestinou os Seus para que “fossem santos”, e “por isso” diz o salmista: “todo aquele que é santo orará a ti” (Efésios 1:4; Salmos 32:6). Por outro lado, aqueles que não oram são dignos, sim, desta oração: “Derrama a tua indignação sobre os gentios que não te conhecem, e sobre as gerações que não invocam o teu nome” (Jeremias 10:25).

Os que se julgam versados nas Escrituras e como possuindo um bom conhecimento da sã doutrina, que é segundo a piedade, mas que não cultivam um hábito de profunda oração nem a valorizam, estão inchados, e não edificados. Certamente as palavras de Martyn Lloyd-Jones são verdadeiras:

Nossa condição definitiva como cristãos é testada pelo caráter da nossa vida de oração. Isso é mais importante que o conhecimento e o entendimento. Não pensem que eu estou diminuindo a importância do conhecimento. Tenho passado a maior parte da minha vida tentando mostrar a importância de se ter um bom conhecimento e entendimento da verdade. Isso é de importância vital. Só há uma coisa que é mais importante: a oração. O teste definitivo da minha compreensão do ensino bíblico é a quantidade de tempo que eu gasto em oração... Se todo o meu conhecimento não me conduz à oração, certamente há algo de errado em algum lugar.^[3]

Para que oremos com real fervor, precisamos oferecer orações “com o espírito, mas também... com o

entendimento”. Entendimento bíblico! Nesse sentido, o amado Charles Spurgeon afirma que “as brasas da ortodoxia são necessárias para o fogo de piedade”.^[4] Sim, de fato. Nesse sentido, crendo que o conhecimento bíblico de Deus relaciona-se diretamente ao fervor de nosso amor por Ele — que, quanto mais conhecemos e amamos a Deus, mais a oração se torna para nós não somente um dever, mas também um deleite, uma necessidade vital e agradável.

A oração em si mesma é uma arte que somente o Espírito Santo pode nos ensinar. Ele é o doador de todas as orações. Rogue pela oração; ore até que consiga orar, ore para ser ajudado a orar, e não abandone a oração porque não consegue orar, pois nos momentos em que você acha que não pode orar é que realmente está fazendo as melhores orações. Às vezes, quando você não sente nenhum tipo de conforto em suas súplicas e seu coração está quebrantado e abatido, é que realmente está lutando e prevalecendo com o Altíssimo.^[5]

Que o mesmo Senhor Jesus Cristo, centro destas palavras, aplique o que dEle há nas palavras deste escrito com poder, pelo Seu Santo Espírito de graça e de súplicas, nos corações de Seus escolhidos (Zacarias 12:10), para glória de Deus Pai. Amém e amém!

William Teixeira e Camila Almeida,
21 de outubro de 2014.

Oração Particular^[6]

“Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente.” (Mateus 6:6)

Por oito vezes ao longo deste versículo o pronome é usado no número singular e na segunda pessoa, algo único em toda a Escritura, como que para enfatizar a indispensabilidade, a importância e o valor da oração particular. Nós devemos orar no quarto bem como na igreja; de fato, se a anterior for negligenciada, não é de todo provável que a última será de muito valor. Aquele que é um dos participantes dos encontros de oração, de modo a ser visto pelos homens, e não é visto em seu quarto, sozinho, por Deus, é um hipócrita. A oração particular é o teste de nossa sinceridade, o indicador de nossa espiritualidade e o principal meio de crescimento na graça. A oração particular é a única coisa, acima de todas as demais, que Satanás busca impedir, pois ele

bem sabe que, se ele puder ser bem-sucedido neste ponto, o cristão falhará em todos os outros.

Infelizmente, quão negligentes nós temos sido, quão tristemente nós temos falhado em cumprir este dever, e que irreparáveis derrotados nós somos por esta pecaminosa negligência. Não é tempo propício para que alguns de nós atendam a esta palavra: “Considerai os vossos caminhos” (Ageu 1:5-7)?! Irá este ano testemunhar uma repetição de tristes falhas do passado? Podemos nós prosseguir roubando de Deus o que Lhe é devido, e de nossas almas a bem-aventurança da comunhão com Ele? O lugar secreto do Altíssimo é único em visão, paz e alegria. O quarto é onde as forças são renovadas, a fé é despertada e as graças são reavivadas. Nem sempre os cuidados e prazeres deste mundo é que são as causas impeditivas, alguns permitem que os deveres públicos impeçam o desempenho dos privados. Tenham cuidado, meus leitores, de estarem tão ocupados correndo de uma reunião para a outra, que as comunhões pessoais com Deus, em secreto, sejam desprezadas. Alguns estão tão ativamente engajados em leituras, na preparação de sermões, que a comunhão particular com Deus é impedida.

Não são poucos os que estão confundindo os seus cérebros sobre profecia, quando eles deveriam estar de joelhos diante de Deus. “O Diabo sabe que não sairá perdedor e que a alma curiosa terá pouco ganho, se ele puder persuadi-la a gastar mais de seu precioso tempo envolvida com os mistérios e as coisas altas de Deus. Aquele que se afeiçoa a ler o Apocalipse de João mais do que suas epístolas, ou as profecias de Daniel mais do que

os Salmos de Davi e que ocupa-se mais com a conciliação de diferentes Escrituras do que com a mortificação de concupiscências, ou é mais dado a vãs especulações do que a coisas que promovem a edificação, não é o homem que está separado para a oração particular. Aqueles que examinam noções especulativas, expressões obscuras, são apenas a *companhia de sábios tolos*, que nunca desfrutam de algum deleite em estar com Deus, em particular. Ó quão santos, felizes, celestiais e humildes poderiam ter sido muitos homens, se apenas houvessem passado no quarto de oração a metade do tempo que gastaram em busca daquelas coisas que são difíceis de entender” (Thomas Brooks, puritano).

Os santos mais eminentes, nos tempos do Antigo e do Novo Testamento, dedicaram-se à oração particular. “E Abraão plantou um bosque em Berseba, e invocou ali o nome do SENHOR, o Deus Eterno” (Gênesis 21:33). Abraão plantou aquele bosque apenas para que ele tivesse um local isolado, onde pudesse derramar sua alma diante de seu Criador. “Por isso foi Isaque a meditar no campo à tarde” (Gênesis 24:63), a palavra hebraica para “meditar” também significa orar, e é em outro lugar é traduzida como “comungar” e “orar”. Assim, também, Jacó, Moisés, Samuel, Davi, Elias, Ezequias etc. foram homens cujas devoções particulares são registradas na Escritura Sagrada. Em relação a Daniel, nós lemos: “Ele se punha de joelhos, três vezes por dia, e orava, e dava graças diante do seu Deus” (6:10), mesmo ocupado

como ele deveria ter sido, não permitiu que as funções públicas impedissem as devoções particulares.

O próprio Cristo, quando sobre a terra, exercitou-se muito a Si mesmo na oração particular. Refletindo sobre passagens como Mateus 14:23, Marcos 1:35, 6:46 e Lucas 5:16, onde encontramos que Ele se retirou “em um monte”, “em lugar solitário”, “no deserto”, para que Ele pudesse estar sozinho com Deus, livre de perturbações e distrações. Mas por que esteve tanto em oração particular? Alguém tem sugerido as seguintes razões: Primeiro, para conferir uma grande honra e valor a ela, para ressaltar e magnificar este dever. Em segundo lugar, para que Ele pudesse evitar todos os espetáculos e aparições de ostentação e aplausos do povo, o Senhor evitava completamente qualquer coisa que se parecesse com orgulho e vanglória. Em terceiro lugar, a fim de colocar diante de nós um padrão muito abençoado e um exemplo gracioso, a saber, que não devemos nos satisfazer apenas com orações públicas, nem somente com orações familiares, mas que também devemos nos aplicar à oração secreta. Em quarto lugar, para que Ele pudesse revelar-se aos nossos entendimentos e consciências como um misericordioso e fiel Sumo Sacerdote “que vive para sempre para interceder por nós”.

É o exercício de nós mesmos em oração secreta que nos distingue dos hipócritas, que realizam seus exercícios religiosos somente para serem vistos pelos homens: Mateus 6:1, 2, 5, 16. O hipócrita considera em mais alta estima os aplausos de seus companheiros do que considera a aprovação de seu Criador. A glória dos

homens é a sua comida e bebida. A marca distintiva de um hipócrita é que ele é uma coisa em público, mas outra bem diferente em particular. Mas o verdadeiro cristão conscientiza-se de sua vida de oração, sabe que Deus o vê e ouve em segredo e cultiva a comunhão com Ele em reservado. A diligência com que realizamos nossas devoções particulares é o critério de nossa sinceridade. Nós nunca lemos na Escritura que Faraó, o rei Saul, Judas, Demas, Simão, o mágico e os escribas e fariseus alguma vez derramaram a sua alma diante do Senhor em secreto! O hipócrita está mais preocupado com um bom nome do que com uma boa vida, com uma reputação de piedade do que com uma boa consciência. Não é assim com os filhos de Deus.

Em segredo, podemos mais livre, integral e seguramente derramar nossas almas a Deus, do que podemos na presença dos nossos companheiros. Não há risco em abrir nosso coração e confessar em detalhes os nossos pecados mais vis diante de Deus em reservado, mas pode haver um perigo considerável ao fazê-lo diante de nossos companheiros cristãos. Ninguém com sabedoria e prudência pensaria em expor seus males físicos e doenças a qualquer um, senão ao seu amigo íntimo ou médico; nem ele deveria tornar conhecidas as suas fraquezas e iniquidades a qualquer um, senão para o seu melhor amigo, o Grande Médico. Não há necessidade de timidez ou reserva na confissão quando nós estamos a sós com Deus. Foi quando Davi estava sozinho na caverna (veja o título do Salmo) que ele derramou a sua queixa e “expôs-lhe a sua angústia” (Salmos 142:2). Observe cuidadosamente a repetição da

expressão “cada família à parte” e “suas mulheres à parte” de Zacarias 12:12-14, para expressar não só a solidez de seu sofrimento e tristeza, mas para mostrar a sua sinceridade.

É impressionante observar que Deus tenha com frequência concedido as mais livres comunicações de Si mesmo àqueles que estavam diante dEle em secreto. Foi dessa forma com Moisés no monte, quando Yahwéh deu-lhe a lei, e novamente quando Ele o indicou o padrão para o tabernáculo. Foi enquanto Daniel esteve envolvido em oração particular que Deus enviou o Seu anjo para revelar a Ele os segredos de Seu conselho a respeito da restauração de Jerusalém e a duração disso mesmo até o Messias (9:3, 21-27); como foi também durante um período quando ele estava sozinho diante do trono da graça, que Deus lhe assegurou que ele era “um homem muito amado” (10:11, 19). É em secreto que Deus usualmente concede Suas mais doces e melhores bênçãos. Cornélio foi grandemente elogiado e graciosamente recompensado por causa de sua oração particular (Atos 10:1-4). A Pedro foi concedida aquela maravilhosa visão sobre os gentios enquanto orava sozinho (Atos 10:9-13).

A Escritura possui muitos registros para ilustrar e demonstrar a grande prevalência da oração particular. Oh, que maravilhas seguiram a luta secreta com Deus, que grandiosas misericórdias foram obtidas, que juízos foram desviados e que livramentos foram garantidos! Quando Isaque estava sozinho pedindo a Deus por uma boa esposa, ele conheceu Rebeca (Gênesis 24:63-64). Enquanto Ezequias estava chorando e orando em

particular, Deus enviou o profeta Isaías para assegurar-lhe que Ele acrescentaria quinze anos aos seus dias (Isaías 38:5). Quando Jonas foi encerrado no ventre da baleia, ele foi liberto em resposta à sua súplica (2:1-10). Oh, o poder da oração particular, ele foi demonstrado nos mortos sendo ressuscitados (1 Reis 17:18-22; 2 Reis 4:32-35). Que o Espírito Santo graciosamente use essas considerações para estimular o escritor e o leitor.

“De manhã, SENHOR, ouves a minha voz; de manhã te apresento a minha oração e fico esperando” (Salmos 5:3). Façamos com que esta seja nossa resolução e, desde que nós fomos poupados, nossa prática, no decorrer do ano no qual acabamos de entrar. É ao mesmo tempo nossa prudência e nosso dever assim começar cada dia com Deus. “Não buscará o povo ao Senhor, seu Deus?”. Certamente, a luz da natureza impõe que nós deveríamos agir assim, enquanto que a luz do Evangelho nos oferece ampla instrução e encorajamento para isso. Quando Ele nos diz: “Buscai a minha presença”, não deveriam os nossos corações responderem como ao único a quem amamos: “buscarei, pois, SENHOR, a tua presença” (Salmos 27:8)? Mas, supomos que nossos corações têm esfriado, e nós temos perversamente nos desviado dEle? Bem, quando Ele diz: “Voltai, ó filhos rebeldes, eu curarei as vossas rebeliões”, não deveríamos prontamente responder: “Eis-nos aqui, vimos ter contigo; porque tu és o SENHOR, nosso Deus” (Jeremias 3:22)?

Oh, meu leitor, não há aqui mais do que o suficiente que nós precisamos dizer ao Senhor nosso Deus, o único a quem servimos? Quão muitos e importantes são os

interesses que habitam entre nós e Ele. Nós estamos constantemente dependendo dEle, toda a nossa esperança está nEle. Não está toda a nossa felicidade temporal e eternal na dependência de Seu favor? Nós não temos necessidade de buscar a Sua aprovação, buscá-IO com todo o nosso coração, suplicar como que por nossas próprias vidas que Ele levantará a luz de Seu rosto sobre nós, para pleitear a justiça de Cristo como que por este meio somente nós podemos esperar obter a benignidade de Deus (Salmos 71:16)?! Não estamos conscientes de que nós tenhamos ofendido profundamente o Senhor nosso Deus pelos nossos numerosos e graves pecados, e tenhamos, deste modo, contraído impureza? Nós não deveríamos confessar nossa loucura e clamar por perdão e purificação pelo sangue de Cristo? Nós não temos recebido incontáveis benevolências e bênçãos dEle, não devemos nós reconhecer o mesmo e retribuir graças e louvores? Sim, oração é o mínimo que podemos oferecer a Deus.

Façamos agora umas poucas sugestões sobre como este dever precisa ser cumprido.

Em primeiro lugar, *reverentemente*. Em todas as nossas aproximações a Deus, nós devemos precisamente considerar a Sua exaltada majestade e inefável santidade, e humilhar-nos diante dEle como fez Abraão (Gênesis 18:27). A expressão: “te apresento a minha oração” (Salmos 5:3) significa um pensamento firme ou aplicação minuciosa da mente. Nós precisamos considerar sobre o cumprimento deste solene dever, como aqueles que têm no coração algo de grande importância com o qual nós não ousamos brincar.

Quando nós viermos ao trono de graça e invocarmos o Altíssimo, não devemos oferecer sacrifícios de tolos: “Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus” (Eclesiastes 5:2). Aquele que atira uma flecha no alvo, a direciona com mão firme e olho fixo, então quando inclinar o coração a chegar-se a Deus, isso deve ser desembaraçado de todo o mais. Ah, seja capaz de dizer: “Firme está o meu coração, ó Deus” (Salmos 57:7). Observe que o temor da grandeza de Deus esteja sobre sua alma seja acompanhado de um profundo sentido de sua completa indignidade.

Em segundo lugar, *sinceramente*. Nós não podemos ser muito fortemente ou muito frequentemente advertidos contra essa mera adoração externa a que estamos tão constantemente inclinados, e que é a ruína de todo o bem espiritual. No passado, Israel foi acusado de fazer menção ao nome de Deus, “mas não sinceramente” (Isaías 48:1). Os desejos de nossos corações motivam e correspondem às petições que apresentamos. Como nós precisamos implorar a Deus que isso seja gravado em nossos espíritos! Como nós necessitamos examinar nossos corações e ver se o que pretendemos é o mesmo que falamos, pois “Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão” (Êxodo 20:7). Habitue-se a desafiar a si mesmo pelo questionamento: Eu sou coerente comigo mesmo quando eu invoco a Deus, ou eu penso que posso impor-me a Ele com hipocrisia. “Perto está o SENHOR de todos os que o invocam, de todos os que o invocam em verdade” (Salmos 145:18). Como um auxílio a isso, pense sobre o

alto valor dessas coisas espirituais que você busca, sua profunda necessidade delas, e questione: Eu realmente as desejo?

Em terceiro lugar, *submissamente*, ou seja, subservientemente à glória de Deus e ao nosso próprio bem maior. Nossas petições devem sempre ser apresentadas com a condição: “Que seja feita a tua vontade”. Nós somos sempre inclinados a agir errado e com frequência não sabemos “de que espírito somos” (Lucas 9:55). A oração de fé inclui submissão tão verdadeiramente quanto inclui confiança, pois se a última for sem a primeira isso é presunção, e não fé. Orar com fé não é acreditar em certa crença de que Deus nos dará aquilo que pedimos, mas que Ele nos concederá o que for mais sábio e melhor. Se nós soubéssemos seguramente de antemão que Deus certamente nos daria todas as coisas que pedimos, teríamos razão para ter medo de orar, pois com frequência nós desejamos coisas que demonstraram ser uma maldição para nós se as houvéssemos obtido! Nossa sabedoria, bem como nossa obrigação, é orar de modo condicional e submisso. Nós apenas nos curvamos diante da soberania de Deus.

Em quarto lugar, *confiadamente*. Há alguns homens que por causa de sua alta posição ou austeridade de conhecimento consideram a todos inferiores. Destes nós deveríamos ter receio de nos aproximar. E porque não temos nenhuma boa palavra para apresentar ou falar, assim nós deveríamos, portanto, abandonar a ideia de conversar com eles. Mas não há motivo pelo qual um crente seja desencorajado a conversar com Deus, não, Ele nos ordena: “Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de

recebermos misericórdia” (Hebreus 4:16). Não deixem, então, que a percepção da grandeza e da santidade de Deus, nem que a compreensão de sua própria completa indignidade, detenham vocês. Tal é a compaixão de Deus pelos humildes suplicantes, que nem mesmo o Seu terror os fará ter medo. É diretamente contra Sua vontade revelada que Seu povo devesse assustar-se dessa maneira. Ele os encoraja como filhos: “Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai” (Romanos 8:15). Por este mesmo espírito de adoção, nós somos trazidos para a proximidade, liberdade e confiança dos filhos de Deus, e, embora nós sejamos cheios de pecado, ainda “temos um advogado junto ao Pai” (1 João 2:1).

Em quinto lugar, *fervorosamente*. Davi disse: “Imploro de todo o coração a tua graça” (Salmos 119:58). Não é suficiente que nossas línguas balbuciem mera formalidade, nossos corações devem estar envolvidos, nós somos mais preocupados com o exercício de nossas afeições do que com a escolha de nossas palavras. É para ser sentido que nós oramos mais distantes de nossas memórias do que de nossas consciências. Mas me permita sinalizar que o fervor na oração não é uma ação de nosso instinto animal, então não há gritaria e nem agitação no corpo; atores agem estimulando a si mesmos para fingir um grande fervor para comover as suas audiências, e advogados fazem o mesmo para impressionar um juiz. O fervor é expresso na Escritura como uma invocação ao nome do Senhor (Romanos 10:13), um levantar as mãos em direção a Ele (Jó 11:13), uma árdua busca por Ele (Salmos 63:8), um

apegar-se a Ele (Isaías 64:7), um derramar do coração perante Ele (Salmos 62:8). É uma luta na oração (Romanos 15:30). Deus odeia os mornos. Observem a intensidade de Daniel (9:19). Davi compara a sua oração a um “incenso” (Salmos 141:2), e nenhum incenso é oferecido sem fogo!

Antecipemos agora uma objeção: Eu poderia estar frequentemente em oração diante de Deus, mas o pecado tem tanto poder sobre mim, que rompe a comunhão e apaga completamente o espírito de oração em meu coração, eu me sinto tão imundo, que para mim seria um escárnio colocar-me diante do Deus três vezes santo. Ah, mas Deus ouvir as nossas orações não depende de nossa santidade, mas sim da mediação de Cristo: “Não é por amor de vós que eu faço isto, ó casa de Israel, mas pelo meu santo nome” (Ezequiel 36:22). Não é pelo que os cristãos são por si mesmos, mas por causa do que eles são em Cristo, que Deus responde às suas súplicas: “a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo” (1 Pedro 2:5). Quando Deus responde às nossas petições não é por causa de nossos méritos, nem por causa de nossa oração, mas pelos méritos de Seu Filho (vejam Efésios 4:32). Tentem se lembrar, meus angustiados irmãos, que vocês são membros do corpo místico de Cristo, e como Lutero disse: “Que homem amputará seu nariz por que há sujeira nele?”.

Por mais desesperado que seja o nosso caso, maior é nossa necessidade de orar: se a graça em nós está fraca, a contínua negligência em orar a fará ainda mais fraca. Se nossas corrupções são fortes, a omissão em

orar as fará ainda mais fortes. Os pecados que são lamentados nunca impedem o acesso e o sucesso de nossas petições. Jonas foi um homem cheio de paixões pecaminosas, ainda assim as suas orações prevaleceram com Deus (2:1, 2, 7, 10). Davi disse: “Se prevalecem as nossas transgressões, tu no-las perdoas” (Salmos 65:3). Em outra ocasião ele disse: “O SENHOR ouviu a voz do meu lamento” (Salmos 6:8), suas próprias lágrimas oraram! Deus ouve os suspiros e gemidos daqueles que não conseguem colocá-los em palavras. Então encoraje a si mesmo pela grandiosidade da misericórdia de Deus, pelas Suas promessas pactuais, pela Sua paternidade e pelas respostas que você já recebeu no passado.

Introdução

Muito tem sido escrito sobre o que geralmente é chamado de “oração do Senhor” (que prefiro denominar “oração da família”) e muito sobre a oração sacerdotal de Cristo em João 17, mas muito pouco sobre as orações dos apóstolos. Pessoalmente, não conheço nenhum livro dedicado às orações apostólicas, e com exceção de um folheto sobre as duas orações de Efésios 1 e 3 quase não tem havido exposição separada delas. Não é fácil explicar essa omissão. Alguém poderia pensar que as orações apostólicas são tão cheias de doutrinas importantes e valores práticos para os crentes, que elas deveriam ter atraído a atenção daqueles que escrevem sobre temas devocionais. Enquanto muitos de nós depreciam grandemente os esforços daqueles que nos querem fazer crer que as orações do Antigo Testamento são obsoletas e inadequadas para os santos desta era evangélica, parece-me que mesmo os professores dispensacionalistas devem reconhecer e apreciar a adequação peculiar aos cristãos das orações registradas nas epístolas e no livro do Apocalipse. Com exceção das orações de nosso Redentor, somente nas orações apostólicas encontramos louvores e petições dirigidas especificamente ao “Pai”. De todas as orações das Escrituras, só estas são oferecidas em nome do Mediador. Além disso, apenas nestas orações apostólicas

encontramos a plenitude dos clamores do Espírito de adoção.

Quão grande bênção é ouvir alguns santos idosos, que há muito tempo andam com Deus e desfrutaram de comunhão íntima com Ele, derramando seus corações diante do Senhor em adoração e súplica. Mas quanto mais abençoados teríamos reputados a nós mesmos se tivéssemos tido o privilégio de ouvir os louvores e os clamores a Deus daqueles que conviveram com Cristo durante os dias de Sua habitação entre os homens! E se um dos apóstolos ainda estivesse aqui na terra, que grande privilégio consideraríamos ouvi-lo quando estivesse dedicado à oração! Parece-me que a maioria de nós estaria muito disposta a passar por considerável inconveniência e viajar uma longa distância, a fim podemos desfrutar de tão grande privilégio. E se o nosso desejo fosse concedido, quão atentos nós ouviríamos as suas palavras, como se diligentemente procurássemos entesourá-las em nossas memórias. Bem, nem tanta inconveniência, nem tal viagem é necessária. Aproveite ao Espírito Santo gravar uma série de orações apostólicas para nossa instrução e satisfação. Nós evidenciamos nossa apreciação de tal bênção? Será que já fizemos uma lista delas e meditamos sobre sua importância?

Não Encontramos Nenhuma Oração Apostólica em Atos

Na minha tarefa preliminar de levantamento e classificação das orações dos apóstolos que foram registradas, duas coisas me impressionaram. A primeira observação foi uma surpresa completa, enquanto a segunda foi totalmente esperada. Aquilo que pode

parecer estranho, e que para alguns dos meus leitores pode ser quase surpreendente, é isto: o livro de Atos, que fornece a maioria das informações que possuímos sobre os apóstolos, não tem uma única oração deles ao longo de seus vinte e oito capítulos. Ainda assim, um pouco de reflexão deve nos mostrar que esta omissão está em pleno acordo com o caráter especial do livro; pois Atos é muito mais histórico do que devocional, composto muito mais de uma crônica do que o Espírito operou através dos apóstolos do que dentro deles. As ações públicas dos embaixadores de Cristo estão ali ressaltadas, em vez de seus exercícios privados. Eles são certamente mostrados como sendo homens de oração, como é visto por suas próprias palavras: “Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra” (Atos 6:4). Uma e outra vez nós os observamos envolvidos neste exercício santo (Atos 9:40, 10:9, 20:36, 21:5, 28:8), mas não nos é dito o que eles disseram em oração. O mais próximo que Lucas chega de registrar palavras claramente atribuíveis aos apóstolos está em Atos 8:14-15, mas mesmo ali ele apenas nos dá a quintessência daquilo pelo qual Pedro e João oraram. Eu considero a oração de Atos 1:24 como pertencendo aos 120 discípulos. A grande oração eficaz registrada em Atos 4:24-30 não é a de Pedro e João, mas de toda a companhia (v. 23), que se reuniram para ouvir seu relato.

Paulo, um Exemplo na Oração

A segunda característica que me impressionou, enquanto contemplava o assunto em que estamos prestes a envolver-nos, é que a grande maioria das orações dos apóstolos registrada surgiu a partir do coração de Paulo. E isso, como já dissemos, era

realmente de se esperar. Se alguém perguntar por que isso é assim, várias razões podem ser dadas em resposta. Em primeiro lugar, Paulo era, por excelência, o apóstolo dos gentios. Pedro, Tiago e João ministraram principalmente aos crentes judeus (Gálatas 2:9), e esses apóstolos, mesmo em seus dias de não convertidos, estavam acostumados a dobrar os joelhos diante do Senhor. Mas os gentios tinham saído do paganismo, e, então, era apropriado que seu pai espiritual fosse também o seu exemplo devocional. Além disso, Paulo escreveu duas vezes mais epístolas inspiradas por Deus do que todos os outros apóstolos juntos, e ele deu expressão a oito vezes o número de orações em suas epístolas que os outros fizeram nas suas. Mas, principalmente, chamamos a atenção para a primeira coisa que o Senhor disse de Paulo depois de sua conversão: “Eis que ele está *orando*” (Atos 9:11). O Senhor Jesus Cristo estava, por assim dizer, batendo na tecla da vida subsequente de Paulo, pois ele seria eminentemente distinguido como um homem de oração.

Não é que os outros apóstolos eram desprovidos desse espírito. Porque Deus não usa ministros que não oram, uma vez que Ele não tem filhos mudos. “Clamam a ele de dia e de noite” é apontado por Cristo como uma das marcas distintivas dos eleitos de Deus (Lucas 18:7). No entanto, alguns de seus servos e alguns de seus santos são habilitados a desfrutar comunhão mais próxima e constante com o Senhor do que outros, e tal era obviamente o caso (com exceção de João) com o homem que em uma ocasião chegou a ser arrebatado ao paraíso (2 Coríntios 12:1-5). Uma medida extraordinária “do espírito de graça e de súplicas” (Zacarias 12:10) foi-

lhe concedida, a fim de que ele parecesse ter sido ungido com o espírito de oração acima até mesmo do que seus companheiros apóstolos. Tal era o fervor de seu amor por Cristo e pelos membros do Seu corpo místico, tal era a sua solicitude intensa pelo seu bem-estar e crescimento espiritual, que continuamente jorrava de sua alma um fluxo de oração a Deus e de ações de graças por causa deles.

O Amplo Espectro da Oração

Antes de prosseguir, deve-se salientar que nesta série de estudos não proponho limitar-me às orações de súplicas dos apóstolos, mas sim utilizá-las em maior alcance. Na oração escriturística está incluído muito mais do que simplesmente dar a conhecer os nossos pedidos a Deus. Nós precisamos ser lembrados disso. Além disso, nós, os crentes, precisamos ser instruídos em todos os aspectos da oração em uma época caracterizada pela superficialidade e a ignorância da religião revelada por Deus. A Escritura-chave que nos apresenta o privilégio de expressarmos as nossas necessidades diante do Senhor enfatiza isto mesmo: “Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplica, *com ação de graças*” (Filipenses 4:6). A menos que expressemos gratidão por misericórdias já recebidas e demos graças ao Pai por Ele nos conceder o favor continuado de fazer petições a Ele, como podemos esperar que nos ouça e que nos conceda respostas de paz? No entanto, a oração, em seu sentido mais elevado e máximo, se eleva acima das ações de graças pelos presentes dados, o coração é levado a contemplar o

próprio doador, de modo que a alma se prostre diante dEle em culto e adoração.

Embora não devemos nos desviar do nosso tema imediato e entrar no assunto da oração em geral, deve-se salientar que ainda há um outro aspecto que deve ter precedência sobre ação de graças e súplica, a saber, a autoaversão e a confissão da nossa própria indignidade e pecaminosidade. A alma deve solenemente lembrar-se de Quem é que ela está se aproximando, que é o Altíssimo, diante de quem os serafins cobrem seus rostos (Isaías 6:2). Embora a graça divina tenha feito do cristão um filho, ele ainda é uma criatura, e, como tal, está a uma distância infinita e inconcebível abaixo do Criador. É adequado que ele sinta profundamente esta distância entre ele e seu Criador e que a reconheça, tomando o seu lugar no pó, diante de Deus. Além disso, precisamos lembrar que por natureza somos não apenas criaturas, mas criaturas pecadoras. Assim, é necessário que haja um sentimento e um reconhecimento disso enquanto nos curvamos diante do Santo. Só dessa forma podemos, com algum significado e realidade, pleitear a mediação e os méritos de Cristo como o fundamento de nossa aproximação.

Assim, em termos gerais, a oração inclui a confissão dos pecados, as petições para o suprimento de nossas necessidades e a reverência dos nossos corações para com o doador. Ou, podemos dizer que os principais aspectos da oração são humilhação, súplica e adoração. Por isso esperamos incluir no escopo desta série^[7] não apenas passagens como Efésios 1:16-19 e 3:14-21, mas também versículos simples, como 2 Coríntios 1:3 e

Efésios 1:3. Que a cláusula “Bendito seja Deus” é em si uma forma de oração fica claro no Salmo 100:4: “Entrai pelas portas dele com gratidão, e em seus átrios com louvor; louvai-o, e bendizei o seu nome”. Outras referências podem ser dadas, mas que isso seja suficiente. O incenso que foi oferecido no tabernáculo e no templo consistia na composição de várias especiarias (Êxodo 30:34-35), e era a mistura de uma com a outra que fazia o perfume tão aromático e agradável. O incenso era um tipo de intercessão de nosso grande Sumo Sacerdote (Apocalipse 8:3-4) e das orações dos santos (Malaquias 1:11). De igual modo, deve haver uma mistura proporcional de humilhação, súplica e adoração quando nos aproximamos do trono da graça, uma não deve excluir a outra, mas deve haver uma mistura de todas elas.

Oração, um Dever Primário dos Ministros

O fato de que tantas orações são encontradas nas epístolas do Novo Testamento chama atenção para um aspecto importante do dever ministerial. As obrigações do pregador não acabam totalmente quando sai do púlpito, pois ele precisa regar a semente que semeou. Por causa dos jovens pregadores, permita-me estender um pouco este ponto. Já foi visto que os apóstolos perseveravam “na oração e no ministério da palavra” (Atos 6:4), e, assim, eles deixaram um excelente exemplo a ser observado por todos os que os seguem na vocação sagrada. Observem a ordem apostólica, mas não se limitem apenas a observá-la, mas prestem atenção e pratiquem-na. É provável que o sermão mais laborioso e cuidadosamente preparado se mostre inútil

para os ouvintes, a menos que tenha nascido da angústia da alma diante de Deus. A menos que o sermão seja o produto de oração fervorosa, não devemos esperar que ele desperte o espírito de oração em quem o ouve. Como já foi apontado, Paulo misturava súplicas com as suas instruções. É nosso privilégio e dever nos retirarmos para um lugar secreto depois que deixamos o púlpito, e ali implorar a Deus para escrever Sua Palavra nos corações daqueles que nos ouviram, para que impeça o inimigo de arrebatá-la a semente, e assim abençoe nossos esforços para que possam dar frutos para o Seu louvor eterno.

Lutero costumava dizer: “Há três coisas que são necessárias para tornar um pregador bem-sucedido: oração, meditação e tribulação”. Eu não sei a partir de que elaboração o grande Reformador fez isso. Mas acho que ele quis dizer o seguinte: que a oração é necessária para levar o pregador a um estado adequado para lidar com as coisas divinas e revesti-lo com poder de Deus; que a meditação na Palavra é essencial, a fim de fornecer-lhe material para a sua mensagem; e que a tribulação é necessária como lastro para o seu navio, pois o ministro do Evangelho precisa de tribulações para mantê-lo humilde, assim como ao apóstolo Paulo foi dado um espinho na carne para que ele não se exaltasse indevidamente pela excelência das revelações que lhe foram dadas. A oração é o meio designado para receber comunicações espirituais para a instrução de nosso povo. Devemos estar muito tempo com Deus antes que possamos ser capacitados a ir e falar em Seu nome. Paulo, ao concluir sua epístola aos Colossenses, os informa das fiéis intercessões de Epafras, um dos seus

ministros, que estava longe de casa, visitando a Paulo. “Saúda-vos Epafros, que é dos vossos, servo de Cristo, combatendo sempre por vós em orações, para que vos conserveis firmes, perfeitos e consumados em toda a vontade de Deus. Pois eu lhe dou testemunho de que tem grande zelo por vós” (Colossenses 4:12-13). Poderia um elogio como esse ser feito a seu respeito quanto à sua congregação?

Oração, um Dever Universal dos Crentes

Mas que não se pense que esta marca enfática das epístolas indica um dever apenas dos pregadores. Longe disso. Estas epístolas são dirigidas a filhos de Deus em geral, e tudo o que neles está é necessário e adequado para sua caminhada cristã. Os crentes também devem orar muito, não só para si, mas por todos os seus irmãos e irmãs em Cristo. Devemos orar deliberadamente de acordo com esses modelos apostólicos, pedindo as bênçãos particulares que precisamos. Eu há muito tempo tenho sido convencido de que não há melhor caminho — caminho mais prático, valioso e eficaz — de expressar solicitude e afeição para com os nossos irmãos em Cristo do que levá-los diante de Deus pela oração, nos braços de nossa fé e amor.

Ao estudar essas orações nas epístolas e meditar sobre elas cláusula por cláusula, podemos aprender mais claramente que bênçãos devemos desejar para nós mesmos e para os outros, isto é, os dons e graças espirituais dos quais temos grande necessidade de ser solícitos. O fato de que essas orações, inspiradas pelo Espírito Santo, foram colocadas em registro permanente no volume sagrado declara que os favores particulares

solicitados aqui são aqueles que Deus deseja que busquemos obter dEle (Romanos 8:26-27, 1 João 5:14-15).

Os Cristãos Devem Dirigir-se a Deus como Pai

Vamos concluir estas observações preliminares e gerais chamando atenção para algumas das características mais definidas das orações apostólicas. Observe, então, para quem estas orações são dirigidas. Embora não exista uma uniformidade engessada de expressão, mas sim variedade adequada neste assunto, a maneira mais frequente em Deus é abordado é como Pai: “o Pai das misericórdias” (2 Coríntios 1:3); “O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (Efésios 1:3, 1 Pedro 1:3); “O Pai da glória” (Efésios 1:17); “O Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (Efésios 3:14). Nesta língua, vemos evidência clara de como os santos apóstolos tomaram atenção à injunção de seu Mestre. Pois, quando eles pediram a Ele, dizendo: “Senhor, ensina-nos a orar”, Ele respondeu assim: “Quando orardes, dizei: *Pai* nosso, que estás nos céus” (Lucas 11:1-2). Isso Ele também ensinava por meio de exemplo, em João 17:1, 5, 11, 21, 24 e 25. A instrução e exemplo de Cristo foram registrados para o nosso aprendizado. Nós não somos desatentos de quantos ilegal e levianamente se dirigiram a Deus como “Pai”, mas seu abuso não garante a nossa negligência em reconhecer esse relacionamento abençoado. Nada é mais calculado para aquecer o coração e dar a liberdade de expressão vocal do que uma percepção de que estamos nos aproximando de nosso Pai. Se temos recebido verdadeiramente “o Espírito de

adoção” (Romanos 8:15), não vamos extingui-lo, mas, por meio dele, clamemos: “Aba, Pai”.

A Brevidade e Precisão da Oração Apostólica

Em seguida, observemos a sua brevidade. As orações dos apóstolos são curtas. Não algumas, ou mesmo a maioria, mas todas elas são extremamente breves, a maioria delas englobava apenas um ou dois versículos, e a mais longa estende-se a apenas sete versículos. Como isso repreende as orações longas, sem vida e cansativas de muitos púlpitos. Orações prolixas são geralmente vazias. Cito novamente Martinho Lutero, desta vez a partir de seus comentários sobre a oração do Senhor dirigida aos leigos e símplices:

Quando orares, deixa que as tuas palavras sejam poucas, mas os teus pensamentos e afeições muitos, e, acima de tudo, deixa-os serem profundos. Quanto menos falares, melhor orarás. A oração exterior e corpórea é aquele zumbido dos lábios, aquele balbuciar externo que é feito sem qualquer atenção, e que atinge os ouvidos dos homens; mas a oração em espírito e em verdade é o desejo interno, os movimentos, os suspiros que emanam das profundezas do coração. A primeira é a oração dos hipócritas e de todos os que confiam em si mesmos, a última é a oração dos filhos de Deus, que andam em Seu temor.

Observe, também, a sua precisão. Embora extremamente breves, ainda assim suas orações são muito explícitas. Não havia palavras vagas ou meras generalizações, mas pedidos específicos de coisas definidas. Quanta falha há neste ponto. Quantas orações

ouvimos que eram tão incoerentes e descabidas, tão carentes de sentido e unidade, que quando o “amém” foi dito mal conseguíamos nos lembrar de uma coisa pela qual tinha sido dado graças ou de algum pedido que havia sido feito! Apenas uma impressão incerta permaneceu na mente, e uma sensação de que o suplicante havia se envolvido em mais uma forma de pregação indireta do que haviaorado objetivamente. Mas examine qualquer das orações dos apóstolos e será visto, mesmo de relance, que as orações deles são como as que seu Mestre fez em Mateus 6:9-13 e João 17, compostas de adorações bem definidas e petições muito objetivas. Não há nem moralismo nem pronúnciação de banalidades religiosas, mas o derramar diante de Deus de certas necessidades e um simples pedido pelo provimento delas.

A Preocupação e a Universalidade das Orações dos Apóstolos

Considere também a preocupação delas. Nas orações apostólicas registradas, não há súplicas a Deus para o suprimento de necessidades temporais e (com uma única exceção) não há pedido para Ele interferir em benefício deles de forma providencial (embora petições para estas coisas são legítimas quando feitas em proporção adequada às preocupações espirituais). Em vez disso, as coisas que pediam eram totalmente de natureza espiritual e piedosa: Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação; Tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da

glória da sua herança nos santos; e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder (Efésios 1:17-19); segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior; para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus (Efésios 3:16-19); que o vosso amor cresça mais e mais em ciência e em todo o conhecimento, para que aproveis as coisas excelentes, para que sejais sinceros, e sem escândalo algum até o dia de Cristo (Filipenses 1:9-10); para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo (Colossenses 1:10); para que possamos ser inteiramente santificados (1 Tessalonicenses 5:23).

Observe também a universalidade delas. Não que seja errado ou não espiritual orar por nós mesmos individualmente ou suplicar por misericórdias temporais e providenciais. Pretendo, em vez disso, direcionar a atenção para onde os apóstolos colocaram sua ênfase. Somente uma vez nós encontramos Paulo orando por ele mesmo, e raramente por pessoas em particular (como é de se esperar com orações que fazem parte do registro público da Sagrada Escritura, embora sem dúvida ele orou muito por indivíduos, em secreto). Seu costume geral era orar por toda a família da fé. Nisso, ele segue

de perto o padrão de oração que nos foi dado por Cristo, que eu gosto de pensar como a *oração da família*. Todos os seus pronomes estão no plural: “Pai nosso”, “dá-nos” (não apenas “dá-me”), “perdoa-nos”, e assim por diante. Assim, encontramos o apóstolo Paulo nos exortando a fazer “súplica por *todos* os santos” (Efésios 6:18), e em suas orações ele nos dá um exemplo disso. Ele implorou ao Pai para que a igreja de Éfeso pudesse “perfeitamente compreender, com *todos* os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento” (Efésios 3:18-19). Que corretivo para o egocentrismo! Se eu estiver orando por “*todos* os santos”, incluo a mim mesmo.

A Omissão Impressionante

Finalmente, deixe-me apontar uma omissão surpreendente. Se todas as orações apostólicas forem lidas com atenção, encontraremos que em nenhuma delas foi dado espaço para aquilo que ocupa tanta proeminência nas orações dos arminianos. Nem uma vez encontramos pedidos para que Deus salvasse o mundo em geral, ou derramasse o Seu Espírito sobre toda a carne, sem exceção. Os apóstolos não oraram pela conversão de uma cidade inteira onde uma igreja cristã em particular estava localizada. Nisso eles novamente estavam de acordo com o exemplo dado a eles por Cristo: “Eu não rogo pelo mundo”, disse Ele, “mas por aqueles que me deste” (João 17:9). Deve-se objetar que o Senhor Jesus foi ali orar apenas pelos Seus apóstolos ou discípulos imediatos, a resposta é que, quando Ele estendeu Sua oração além deles, não era pelo mundo

que Ele orou, mas somente para o Seu povo crente até o fim dos tempos (ver João 17:20-21). É verdade que Paulo ensina: “que se façam deprecações, orações, intercessões, e ações de graças, por todos [todas as classes de] homens; pelos reis e por todos os que estão em eminência” (1 Timóteo 2:1-2a), quanto a este dever muitos são lamentavelmente negligentes, embora isso não seja para a sua salvação, mas “para que *tenhamos* uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade” (v. 2b). Há muito a aprender com as orações dos apóstolos.

1

HEBREUS 13:20-21

Ora, o Deus de paz, que pelo sangue da aliança eterna tornou a trazer dos mortos o nosso Senhor Jesus Cristo, grande pastor das ovelhas, vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando em vós o que perante ele é agradável por Cristo Jesus, ao qual seja glória para todo o sempre. Amém.

Esta oração contém um epítome notável de toda a epístola, uma epístola para a qual cada ministro do Evangelho deve dedicar atenção especial. Nada mais é tão necessário hoje quanto sermões expositivos sobre as epístolas aos Romanos e aos Hebreus, a primeira supre o que é mais adequado para repelir o legalismo, o antinomianismo e o arminianismo que agora são tão abundantes, enquanto a última refuta os erros cardeais de Roma e expõe as pretensões sacerdotais dos seus clérigos. Isso fornece o antídoto divino para o espírito venenoso do ritualismo que agora está fazendo tais incursões fatais em tantas seções de um protestantismo decadente. Aquilo que ocupa a parte central neste

tratado vitalmente importante e mui bendito é o sacerdócio de Cristo, que encarna a essência do que foi prenunciado tanto em Melquisedeque quanto em Arão. No livro de Hebreus, é mostrado que Seu único sacrifício perfeito para sempre aboliu as instituições levíticas e pôs um fim a todo o sistema judaico. Essa oblação completamente suficiente realizada pelo Senhor Jesus fez completa expiação pelos pecados de Seu povo, satisfazendo plenamente cada reivindicação legítima que a lei de Deus tinha sobre eles, tornando, assim, desnecessário qualquer esforço deles para apaziguá-IO. “Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados” (Hebreus 10:14). Ou seja, Cristo separou infalível e irrevogavelmente para o serviço de Deus os que creram, e isso pela excelência de Sua obra consumada.

A Ressurreição Declara a Aceitação da Obra do Cristo por Parte de Deus

A aceitação de Deus em relação ao sacrifício expiatório de Cristo foi demonstrada pelo fato de que Deus ressuscitou a Cristo dentre os mortos e O pôs à direita de Sua Majestade nas alturas. O que caracterizou o judaísmo foi o pecado, a morte e o afastamento de Deus, o perpétuo derramamento de sangue e o povo afastado da presença divina. Porém, o que marca o cristianismo é um Salvador ressuscitado e entronizado, que afastou os pecados de Seu povo de diante da face de Deus e garantiu para eles o direito de acesso a Ele. “Tendo, pois, irmãos, ousadia [liberdade] para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela

sua carne, e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé” (Hebreus 10:19-22a). Assim, somos encorajados a nos aproximarmos de Deus com plena confiança nos méritos infinitos do sangue e justiça de Cristo, dependendo inteiramente destes. Em sua oração, o apóstolo faz súplica para que a totalidade do que havia estabelecido diante deles na parte doutrinária da epístola seja efetivamente aplicada aos seus corações. Em uma frase breve, mas abrangente, Paulo ora para que toda graça e virtude fossem operadas na vida dos hebreus redimidos, para o que eles foram exortados nos capítulos anteriores. Devemos considerar o objeto, o fundamento, o pedido e a doxologia desta invocação de bênção.

Os Títulos divinos Invocados Distintamente

“O Deus de paz” é aquele a quem a oração é dirigida. Como eu indiquei em algum dos capítulos do meu livro chamado *Gleanings from Paul* [Comentários sobre Escritos Seleccionados de Paulo], os vários títulos pelos quais os apóstolos se dirigem a Deus não foram utilizados de forma aleatória, mas foram escolhidos com discernimento espiritual. Eles não foram nem tão extremamente pobres na linguagem a ponto de sempre suplicar a Deus usando o mesmo nome, nem eram tão descuidados a ponto de se dirigirem a Ele com o primeiro nome que lhes viesse à mente. Em vez disso, em suas abordagens a Ele, cuidadosamente escolhiam aquele atributo da natureza divina, ou aquela relação especial que Deus mantém com o Seu povo, que mais se conformava à bênção específica que buscavam. O mesmo princípio de discriminação aparece nas orações

do Antigo Testamento. Quando os santos homens do passado buscavam por força, eles olhavam para o Poderoso. Quando desejavam perdão, apelavam para “a multidão de Suas misericórdias”. Quando clamavam por libertação de seus inimigos, eles pleiteavam a Sua fidelidade à aliança.

O Deus de Paz

Eu abordei este título “o Deus de paz”, no capítulo 4 de *Gleanings from Paul* (pp. 41-46), mas gostaria de explicá-lo ainda mais com várias linhas de pensamento.

Primeiro, é um título distintamente paulino, uma vez que nenhum outro escritor do Novo Testamento emprega a expressão. Seu uso aqui é uma das muitas provas internas de que ele era o escritor desta epístola. Ele ocorre seis vezes em seus escritos: Romanos 15:33, 16:20; 2 Coríntios 13:11; Filipenses 4:9; 1 Tessalonicenses 5:23 e aqui em Hebreus 13:20; “O Senhor da paz” é usado uma vez em 2 Tessalonicenses 3:16. É evidente, portanto, que Paulo tinha um prazer especial em contemplar Deus neste caráter particular. E ele bem poderia, pois este é algo extremamente bendito e abrangente; é por essa razão que eu fiz o meu melhor, de acordo com a medida de luz concedida a mim, para expor o seu significado. Um pouco mais tarde eu sugerirei o porquê de Paulo, em vez de qualquer outro dos apóstolos, ter sido aquele que cunhou esta expressão.

Em segundo lugar, é um título forense, vendo Deus em Seu caráter oficial como juiz. Isso nos diz que Ele agora está reconciliado com os crentes. Significa que a

inimizade e conflito que existiam anteriormente entre Deus e os pecadores eleitos agora chegaram ao fim. A hostilidade anterior tinha sido ocasionada pela apostasia do homem de seu Criador e Senhor. A entrada do pecado neste mundo perturbou a harmonia entre o céu e a terra, rompeu a comunhão entre Deus e o homem e marcou o início da discórdia e da guerra. O pecado trouxe sobre si mesmo o justo desagrado de Deus e clamou por Sua ação judicial. A alienação mútua se seguiu; pois um Deus santo não pode estar em paz com o pecado, pois está “irado com os ímpios todos os dias” (Salmos 7:11). Mas a sabedoria divina dispusera um modo pelo qual os rebeldes seriam restaurados ao Seu favor sem a menor diminuição de Sua honra. Através da obediência e sofrimentos de Cristo, a reparação integral foi feita para com a lei, e a paz foi restabelecida entre Deus e os pecadores. Pelas operações graciosas do Espírito de Deus, a inimizade que estava no coração de Seu povo é vencida, e eles são levados a se submeterem lealmente a Ele. Assim, a discórdia foi removida e a amizade, criada.

Em terceiro lugar, é um título restritivo. Deus é “o Deus de paz” apenas para aqueles que estão unidos salvificamente a Cristo, pois agora não há nenhuma condenação para aqueles que estão nEle (Romanos 8:1). Mas o caso é muito diferente em relação àqueles que se recusam a curvarem-se perante o cetro do Senhor Jesus e a se abrigarem debaixo de Seu sangue expiatório. “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece” (João 3:36). Observe que não é

dito que o pecador ainda ficará sob a ira do Deus da lei, mas que ele já está sob ela. “Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre *toda* a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça” (Romanos 1:18). Além disso, em virtude de sua relação federal com Adão, todos os descendentes deste são “por natureza filhos da ira” (Efésios 2:3), e entram neste mundo como os objetos do desprazer judicial de Deus. Longe de ser “o Deus de paz” para aqueles que estão fora de Cristo, “o SENHOR é homem de guerra” (Êxodo 15:3). Ele “é tremendo para com os reis da terra” (Salmos 76:12).

“O Deus de Paz”, um Título Evangélico

Em quarto lugar, este título, “o Deus de paz”, é, portanto, um título evangélico. A boa nova que Seus servos são comissionados a pregar a toda criatura é designada “o evangelho da paz” (Romanos 10:15). Mui apropriadamente é assim nomeado, pois apresenta a pessoa gloriosa do Príncipe da Paz e da Sua obra toda-suficiente pela qual Ele fez “a paz pelo sangue da Sua cruz” (Colossenses 1:20). O empreendimento do evangelista é explicar como Cristo o fez, isto é, pela Sua entrada na terrível brecha que o pecado havia feito entre Deus e os homens, e por ter transferido a Cristo as iniquidades de todos os que creem nEle, sofrendo a completa penalidade que era devida por essas iniquidades. Quando o inocente foi feito pecado por Seu povo, Ele esteve sob a maldição da lei e da ira de Deus. É de acordo com o Seu próprio propósito eterno e gracioso (Apocalipse 13:8) que Deus Pai declara: “Desperta, ó espada, contra o meu pastor, e contra o varão que é o

meu companheiro” (Zacarias 13:7). Agora, após a justiça ter sido satisfeita, Deus está apaziguado; e todos nós que somos justificados pela fé “temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo” (Romanos 5:1).

Em quinto lugar, é, portanto, um título pactual, pois tudo o que foi acordado entre Deus e Cristo foi de acordo com a estipulação eterna. “E o conselho de paz haverá entre ambos os ofícios” (Zacarias 6:13). Foi eternamente concordado que o Bom Pastor faria a completa satisfação pelos pecados do Seu rebanho, reconciliando Deus com eles e eles com Deus. Esse pacto entre Deus e o Fiador dos seus eleitos é expressamente denominado uma “aliança de paz”, e a inviolabilidade desta aparece nesta bendita declaração: “Porque os montes se retirarão, e os outeiros serão abalados; porém, a minha benignidade não se apartará de ti, e a aliança da minha paz não mudará, diz o Senhor que se compadece de ti” (Isaías 54:10). O derramamento do sangue de Cristo foi o selo ou ratificação da aliança, como Hebreus 13:20 prossegue a declarar. Em consequência disso, pode observar sorrisos de benignidade na face do Juiz Supremo enquanto Ele contempla o Seu povo em Seu Ungido.

Em sexto lugar, este título “o Deus de paz” é também um título dispensacional, e, como tal, teve um apelo especial para aquele que tão frequentemente o utiliza. Apesar de ser um judeu por nascimento, e um hebreu de hebreus por formação, Paulo foi chamado por Deus para “pregar aos gentios as insondáveis riquezas de Cristo” (Efésios 3:8). Este fato pode indicar a razão pela qual esta denominação, “o Deus de paz”, é peculiar

a Paulo; pois, ao passo que os outros apóstolos ministravam e escreviam principalmente para a circuncisão, Paulo era o apóstolo por excelência para a incircuncisão. Portanto, mais do que qualquer um, ele renderia adoração a Deus em consideração ao fato de que a paz estava sendo pregada aos que estavam longe, bem como para aqueles que estavam perto (Efésios 2:13-17). Esta revelação especial a respeito de Cristo foi feita para ele: “Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um [judeus e gentios crentes]; e, derrubando a parede de separação que estava no meio [a lei cerimonial, que sob o judaísmo os havia dividido], para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz [entre eles], e pela cruz reconciliar ambos com Deus em um corpo, matando com ela as inimizades” (Efésios 2:14-16). Assim, por conta de ele ter recebido essa revelação especial, havia um aspecto especial no fato de o apóstolo dos gentios se dirigir a Deus por meio deste título, ao fazer súplica pelos hebreus, assim como acontecia quando ele usava este título para orar pelos gentios.

Por fim, este é um título relativo. Com isso eu quero dizer que ele está intimamente relacionado à experiência cristã. Os santos não são apenas os sujeitos daquela paz judicial que Cristo fez com Deus em nome deles, mas eles também são os participantes da graça divina, experimentalmente. A medida da paz de Deus que eles fruem é determinada pela medida em que eles são obedientes a Deus, pois a piedade e a paz são inseparáveis. A conexão íntima que existe entre a paz de Deus e a santificação dos fiéis aparece tanto em

1 Tessalonicenses 5:23 como aqui em Hebreus 13:20-21. Pois em cada passagem a solicitação é feita pela promoção da santidade prática, e em cada uma o “Deus de paz” é suplicado. Quando a santidade reinava sobre todo o universo, a paz também prevalecia. Não houve guerra no céu até que um dos chefes dos anjos tornou-se um demônio, e fomentou uma rebelião contra o Deus três vezes santo. Como o pecado traz conflitos e miséria, assim a santidade gera paz de consciência. A santidade é agradável a Deus, e quando Ele se agrada tudo é paz. Quanto mais esta oração é considerada em seus detalhes, e, como um todo, mais a adequação de seu discurso ficará evidente.

A Ressurreição de Cristo por Deus, Nosso Argumento

“Ora, o Deus de paz, que pelo sangue da aliança eterna tornou a trazer dos mortos o nosso Senhor Jesus Cristo, grande pastor das ovelhas” (v. 20). Essa referência à libertação de Cristo do túmulo, eu considero como o argumento sobre o qual o apóstolo baseia o pedido que segue. Posto que eu considero que este seja um dos versículos mais importantes do Novo Testamento, darei a minha melhor atenção a cada palavra nele, tanto mais que parte de seu conteúdo maravilhoso é tão pouco compreendida hoje. Devemos observar, em primeiro lugar, o personagem no qual o Salvador é visto aqui; em segundo lugar, o ato de Deus em trazê-lo dentre os mortos; em terceiro lugar, a conexão entre o ato e Seu ofício como “o Deus de paz”; em quarto lugar, como esta causa meritória dele era “o sangue da aliança eterna” e, em quinto lugar, o poderoso motivo que a causa

meritória fornece para encorajar os santos, com confiança, a se achegarem ao trono da graça, onde eles podem alcançar misericórdia e achar graça para socorro em ocasião oportuna. Que o Espírito Santo se digne a ser o nosso guia, enquanto nós, em oração, consideramos essa porção da verdade.

O Grande Pastor das Ovelhas

Este título de Cristo era muito pertinente e adequado em uma epístola aos judeus convertidos, pois o Antigo Testamento lhes havia ensinado a olhar para o Messias nessa função específica. Moisés e Davi, tipos eminentes dEle, eram pastores. Quanto ao primeiro, é dito: “Guiaste o teu povo, como a um rebanho, pela mão de Moisés e de Arão” (Salmos 77:20). Sob o nome do segundo, Deus prometeu o Messias de Israel: “E suscitarei sobre elas um só pastor, e ele as apascentará; o meu servo [o antitípico] Davi é que as apascentará; ele lhes servirá de pastor” (Ezequiel 34:23). Que aqui Paulo faz referência a esta profecia em particular é claro a partir de que ele chegou a dizer: “E farei com elas uma aliança de paz” (v. 25). Aqui em Hebreus 13:20, as mesmas três coisas estão reunidas: o Deus de paz, o grande Pastor e a aliança eterna, e isso de uma forma (em perfeito acordo com o tema da epístola) que refutou a concepção errônea que os judeus tinham formado sobre o seu Messias. Eles imaginavam que Ele lhes garantiria uma libertação exterior, como Moisés fizera, e um estado nacional próspero como Davi erguera. Eles não tinham ideia de que Ele derramaria o Seu precioso sangue e seria colocado no túmulo, embora deveriam ter

conhecido e compreendido isso à luz da revelação profética que já havia sido dada a eles.

Quando Cristo apareceu no meio deles, definitivamente se apresentou aos judeus nestas características. Ele não apenas declarou: “Eu sou o bom pastor”, mas acrescentou o seguinte: “o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas” (João 10:11). João Batista, o precursor de Cristo, anunciou a Sua manifestação pública desta maneira: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29). Nesse caráter dual, ou sob essa dupla revelação, o Senhor Jesus havia sido profetizado em Isaías 53 (como visto contra o pano de fundo de Ezequiel 34): “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; mas o Senhor fez cair sobre ele [ou seja, o Pastor, cujas ovelhas somos nós!] a iniquidade de nós todos!” (Isaías 53:6; cf. Zacarias 13:7). Observe a congruência maravilhosa da expressão entre o versículo seguinte da profecia de Isaías (53:7) e a oração que estamos estudando. Isaías profetiza: “Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a sua boca”. Observe como o mesmo Espírito que inspirou Isaías leva Paulo a dizer em Hebreus 13:20 que Deus, não “levantou”, mas “*tornou a trazer* dos mortos o nosso Senhor Jesus Cristo, grande pastor das ovelhas”. O fato de que Deus trouxe de volta dos mortos este grande Pastor significa que o Pai O tinha anteriormente levado à morte como um Substituto, um Cordeiro expiatório, pelos pecados de Suas ovelhas. Quão minuciosamente exata é a linguagem da Sagrada Escritura e quão perfeita é a

harmonia — a harmonia verbal — do Antigo e do Novo Testamento!

Pedro, em sua primeira epístola, sob o Espírito, se apropriou da mesma profecia maravilhosa sobre o Senhor Jesus. Depois de se referir a Ele como o “cordeiro imaculado e incontaminado”, por meio de Quem somos redimidos (1 Pedro 1:18-19), ele passa a citar algumas das expressões preditivas de Isaías 53, aquela que fala sobre nós “como ovelhas desgarradas”; aquela que se refere à virtude salvadora da paixão expiatória de Cristo: “por suas feridas fostes sarados”; e o ensino geral da profecia, que, ao carregar os nossos pecados em Seu próprio corpo sobre o madeiro, Cristo realizou o acordo celestial com o justo Juiz, como “o Pastor e Bispo de vossas [nossas] almas” (1 Pedro 2:24-25). Assim, ele foi levado a expor Isaías retratando o Salvador como um Cordeiro na morte e um Pastor na ressurreição. A inescusável ignorância dos judeus sobre Cristo neste ofício particular é demonstrada nisso, mesmo que a outro de seus profetas foi anunciado que Deus disse: “Desperta, ó espada, contra o meu pastor, contra o homem que é o meu companheiro, diz o Senhor dos exércitos; fere ao pastor...” (Zacarias 13:7). Ali Deus é visto em Seu caráter judicial como estando irado com o pastor por nossa causa, uma vez que Ele levou os nossos pecados, a justiça deve tomar satisfação dEle. Assim, “o castigo de nossa paz” foi colocado sobre Ele, e o bom Pastor deu a Sua vida pelas ovelhas como uma satisfação das justas reivindicações de Deus.

Este Grande Pastor

A partir do que foi exposto acima, podemos perceber melhor o motivo pelo qual o apóstolo Paulo O

chamou de “o grande pastor”, Aquele que não apenas foi prenunciado por Abel, pelos pastores patriarcais; tipificado por Davi, mas também retratado como o Pastor de Yahwéh nas predições messiânicas. Devemos notar que as Suas duas naturezas foram contempladas sob esta denominação: “meu pastor [...] o homem que é o meu companheiro, diz o Senhor dos Exércitos” (Zacarias 13:7). Como o profundo Thomas Goodwin apontou séculos atrás, este título também implica todos os ofícios de Cristo: Sua função profética: “Como pastor apascentará o seu rebanho” (Isaías 40:11; cf. Salmos 23:1-2); Seu ofício sacerdotal: “o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas” (João 10:11); Seu ofício real: pois o mesmo trecho que anunciou que Ele seria o Pastor sobre o povo de Deus também O denominou um “príncipe” (Ezequiel 34:23-24). O próprio Cristo aponta para a ligação entre Seu ofício real e Sua descrição como um pastor: “E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas” (Mateus 25:31-32). Ele é de fato este “grande Pastor”, todo-suficiente para o Seu rebanho.

Um Pastor Deve Ter Ovelhas

“Ora, o Deus de paz, que pelo sangue da aliança eterna tornou a trazer dos mortos o nosso Senhor Jesus Cristo, grande pastor das ovelhas”. Veja ali a relação do Redentor com os remidos. Pastor e ovelhas são termos correlatos, não se pode chamar adequadamente qualquer homem de um pastor se ele não tem ovelhas. A

ideia de Cristo como Pastor implica, necessariamente, que haja um rebanho eleito. Cristo é o Pastor das ovelhas, e não dos lobos (Lucas 10:3), nem mesmo dos bodes (Mateus 25:32-33), pois Ele não recebeu nenhuma ordem de Deus para salvá-los. Como a verdade fundamental da redenção particular nos confronta em inúmeras passagens em toda a Escritura! “Ele não derramou a Sua vida por todo o rebanho da humanidade, mas pelo rebanho dos eleitos que foi dado a Ele pelo Pai, como Ele declarou em João 10:14-16, 26” (John Owen).

Observe também como este título indica a Sua Mediação: como o Pastor, Ele não é o derradeiro Senhor do rebanho, mas o Servo do Pai, que se encarrega e cuida dele: “Eram teus, e tu mos deste” (João 17:6). A relação de Cristo para conosco é ainda vista na frase “nosso [não o] Senhor Jesus”. Ele é, portanto, o nosso pastor: nosso, em Seu ofício pastoral, que Ele ainda está exercendo; nosso, enquanto trazido dos mortos, para que nEle ressuscitemos (Colossenses 3:1).

A Superioridade de Cristo, o Grande Pastor

As palavras “grande pastor das ovelhas” enfatizam a superioridade imensurável de Cristo sobre todos os pastores típicos e ministeriais de Israel, assim como as palavras “um grande sumo sacerdote” (Hebreus 4:14) acentuam a Sua eminência sobre Arão e os sacerdotes levitas. Da mesma forma, isso denota a Sua autoridade sobre os pastores que Ele coloca sobre as Suas igrejas, pois Ele é “o Sumo Pastor” (1 Pedro 5:4) em relação a todos os subpastores. Ele é o Pastor das almas; e uma delas vale muito mais do que todo o mundo, tal é o valor

que Ele confere a eles ao redimi-las com o Seu próprio sangue. Esse adjetivo também olha para a excelência de Seu rebanho, Ele é o grande Pastor sobre um rebanho inteiro, indivisível, composto tanto de judeus quanto de gentios. Assim, Ele declarou: “Ainda tenho outras ovelhas que não são [judeus] deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá *um* rebanho e um Pastor” (João 10:16). Este “um rebanho”, um único rebanho, compreende todos os santos, tanto do Antigo e do Novo Testamentos (veja também como o apóstolo Paulo estabelece essa unidade do povo de Deus, por sua metáfora da oliveira em Romanos 11). A frase “o grande pastor” também tem relação com Suas habilidades: Ele tem um conhecimento específico de todas e cada uma de Suas ovelhas (João 10:3); Ele tem a habilidade de reuni-las, alimentá-las e curá-las (Ezequiel 34:11-16); e Ele tem poder para preservá-las efetivamente. “E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão” (João 10:28). Então, quão grandemente nós devemos confiar nEle, amá-LO, honrá-LO, adorá-LO e obedecê-LO!

“Ora, o Deus de paz, que pelo sangue da aliança eterna tornou a trazer dos mortos o nosso Senhor Jesus Cristo, grande pastor das ovelhas”. Nós devemos agora considerar cuidadosamente o ato especial de Deus em direção ao nosso Salvador que o apóstolo Paulo aqui utiliza como o seu apelo para a petição que se segue. No grande mistério da redenção, Deus Pai sustenta o ofício de Juiz supremo (Hebreus 12:23). Foi Ele quem colocou sobre o Fiador deles os pecados de Seu povo. Foi Ele quem chamou a espada da vingança para ferir o Pastor

(Zacarias 13:7). Foi Ele quem rica e altamente O recompensou e O honrou (Filipenses 2:9). “Saiba, pois, com certeza toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo” (Atos 2:36; cf. 10:36). Assim é no texto agora diante de nós: a restauração de Cristo a partir do túmulo é aqui vista não como um ato de poder divino, mas de justiça divina. Que Deus é aqui visto exercendo a Sua autoridade judicial resulta do termo utilizado. Nós sempre seremos perdedores se, em nosso descuido, deixarmos de observar e devidamente pesar cada variação individual na linguagem da Sagrada Escritura. Nosso texto não diz que Deus “ressuscitou”, mas sim que Ele “tornou a trazer dos mortos o nosso Senhor Jesus”. Isso coloca diante de nós um aspecto contundentemente diferente, contudo ainda mais abençoado da verdade, a saber, a libertação legal do corpo de nosso Fiador da prisão da morte.

A Ressurreição de Cristo, Parte de um Processo Legal

Havia um processo legal formal contra Cristo. Yahwéh depositou sobre Ele todas as iniquidades dos Seus eleitos, e, assim, foi declarado culpado aos olhos da lei divina. Assim, Ele foi justamente condenado pela justiça divina. E de acordo com isso, foi lançado na prisão. Deus irou-se contra Ele como o portador do pecado. Aproveu ao Senhor esmagá-LO, exigir a plena satisfação dEle. Mas a dívida sendo paga, a penalidade da lei tendo sido infligida, satisfez a justiça e Deus foi apaziguado. Em consequência, Deus Pai tornou-se “o Deus de paz”, tanto em relação a Cristo quanto para com

aqueles a quem Ele representava (Efésios 2:15-17). A ira de Deus sendo apaziguada e Sua lei magnificada e honrada (Isaías 42:21), Ele, então, exonerou o Fiador, O libertou e O justificou (Isaías 50:8, 1 Timóteo 3:16). Assim, isso foi predito: “Da opressão e do juízo foi tirado; e quem contará o tempo da sua vida?” (Isaías 53:8). Em sua excelentíssima exposição de Isaías 53 — praticamente inalcançável hoje — James Durham (1682) mostrou conclusivamente que o versículo 8 descreveu a exaltação de Cristo depois de Sua humilhação. Ele demonstrou que aqui o termo “o tempo da sua vida” faz referência à Sua duração ou continuidade (como o faz em Josué 22:27). “Como a Sua humilhação foi baixa, assim a Sua exaltação foi inefável: ela não pode ser declarada, nem adequadamente concebida, sendo a sua continuidade para sempre”.

Resumindo-o em poucas palavras, Durham ofereceu o seguinte como a sua análise de Isaías 53:8:

1. Algo é aqui afirmado sobre Cristo: “Ele foi tirado (ou “elevado”) da opressão e do juízo”.
2. Algo é sugerido, que não pode ser expresso: “quem contará o tempo [continuação] da sua vida?”
3. A razão é dada em referência a ambos: “Porquanto foi cortado da terra dos viventes”.

A cláusula “da opressão e do juízo foi tirado” não se limita a chamar atenção para o fato de que Cristo foi preso, mantido sob custódia e levado a julgamento perante o Sinédrio e os magistrados civis. Pelo contrário, ela nos lembra principalmente que aquela severa humilhação e sofrimento aos quais Cristo foi trazido ocorreu em consideração à Sua acusação perante o

tribunal de Deus como o Marido e Fiador legal de Seu povo (Suas ovelhas, João 10:14-15), Ele estava legalmente obrigado a pagar a penalidade devida por aqueles que pecaram contra Deus (já que Ele havia concordado voluntariamente em se tornar o Marido deles). “Pela transgressão do meu povo ele foi atingido” (Isaías 53:8). Os invejosos líderes judeus (e seus seguidores), que com mãos ímpias crucificaram e mataram o Príncipe da vida (Atos 2:23; 3:15), não tinham a menor consciência das grandes transações entre o Pai e o Filho, que estavam agora sendo legalmente aplicadas por Sua instrumentalidade. Eles estavam apenas prosseguindo em sua rebelião contra o Filho de Davi, o popularmente aclamado Rei de Israel (João 1:49; 12:13), de uma forma consistente com a preservação de seus próprios interesses egoístas como homens de poder, riqueza e prestígio entre os judeus. No entanto, em sua alta traição contra o Senhor da glória, a quem eles não conheceram (1 Coríntios 2:8), eles executaram a ordem de Deus (Atos 2:23; 4:25-28; cf. Gênesis 50:19-20) ao trazer o Substituto designado para a justiça como se Ele fosse um criminoso comum.

A palavra “prisão” pode ser considerada mais amplamente por aqueles apertos e opressões de espírito que o Senhor Jesus resistiu ao sofrer a maldição da lei, e o julgamento pela terrível sentença infligida sobre Ele.

Foi ao Seu juízo iminente que Cristo se referiu quando disse: “Importa, porém, que seja batizado com um certo batismo; e como me angustio até que venha a cumprir-se”! (Lucas 12:50). E são às dores e confinamento da prisão que Sua agonia no jardim e Seu

brado de nagústia na cruz devem ser atribuídos. Em última análise, o túmulo se tornou Sua prisão.

A Relevância da Libertação de Cristo a Partir da Prisão da Morte

A palavra hebraica *laqach*, traduzida na cláusula “da opressão e do juízo foi tirado”, às vezes significa libertar ou soltar, como um prisioneiro é liberado (veja Isaías 49:24-25; cf. Jeremias 37:17; 38:14; 39:14). A partir da opressão e juízo, o Fiador foi retirado ou libertado, de modo que “a morte não tem mais domínio sobre ele” (Romanos 6:9). Cristo recebeu a sentença de absolvição divina, assim como aquele que é julgado como tendo pagado a sua dívida é libertado pelo tribunal. Cristo não apenas recebeu a absolvição, mas foi efetivamente libertado da prisão, depois de ter pagado o último centavo exigido dEle. Embora Ele tenha sido levado para a opressão e o juízo, quando as plenas exigências da justiça foram cumpridas, Ele não podia mais ser detido. O apóstolo Pedro expressou desta forma: “Ao qual Deus ressuscitou, *soltas* as ânsias [ou “cordas”] da morte, pois não era possível que fosse retido por ela” (Atos 2:24). Matthew Henry declara: “Ele foi retirado da prisão da sepultura por uma ordem extraordinária do céu; um anjo foi enviado com o propósito de remover a pedra e colocá-lo em liberdade, pois a sentença contra Ele fora revertida, e retirada”. Nesse sentido, Thomas Manton insiste que a cláusula “quem contará o tempo da sua vida?” (Isaías 53:8) significa “quem contará a glória da Sua ressurreição, como as palavras anteriores contam a Sua humilhação, sofrimento e morte?”.

Manton afirma com razão: “Enquanto Cristo esteve em estado de morte, Ele era efetivamente um prisioneiro, sob a prisão da vingança divina; mas, quando Ele ressuscitou, então o nosso Fiador saiu da prisão”. De uma forma mui útil, ele passa a mostrar que a força peculiar da frase “tornou a trazer dos mortos” é mais bem explicada pelo honroso comportamento dos apóstolos, quando foram lançados ilegalmente na prisão. No dia seguinte, os magistrados mandaram quadrilheiros para a prisão, ordenando à sua guarda que os deixassem sair. Mas Paulo recusou ser “retirado secretamente” e ali permaneceu até que os próprios magistrados formalmente “os *tirassem*” (Atos 16:35-39). Assim foi com Cristo: Ele não saiu da prisão. Assim como Deus O havia “entregue” à morte (Romanos 8:32), assim Ele “tornou a trazer[-Lhe] dos mortos”. Diz Manton:

Era como se fosse uma absolvição daquelas nossas dívidas, as quais Ele se comprometeu a pagar: como Simeão foi liberado quando foram realizadas as condições, e quando José foi satisfeito com a visão de seu irmão, ele “trouxe-lhes fora a Simeão” (Gênesis 43:23).

Deus, em Seu caráter oficial como o juiz sobre todos, com justiça libertou o nosso Substituto. Apesar de que Cristo, como nosso Fiador, foi oficialmente culpado e, assim, condenado (Isaías 53:4-8), Ele era pessoalmente inocente e foi absolvido assim, por Sua ressurreição (Isaías 53:9-11; Hebreus 4:15, 7:26-28, 9:14; 1 Pedro 1:19). Ao trazer Seu Filho da sepultura, Deus estava dizendo que esse Jesus, o verdadeiro Messias, não morreu

por Seus próprios pecados, mas pelos pecados de outros.

O Deus da Paz Trouxe Cristo dentre os Mortos

Agora, observemos brevemente que foi como o Deus de paz que o Pai agiu quando Ele “tornou a trazer dos mortos o nosso Senhor Jesus Cristo”. A perfeita obediência e oblação expiatória de Cristo tinham satisfeito todos os requisitos da lei, retiraram as iniquidades daqueles por quem a expiação foi oferecida, e aplacaram a Deus e O reconciliaram com eles. Enquanto o pecado permaneceu, não poderia haver paz; mas, quando o pecado foi apagado pelo sangue do Cordeiro, Deus foi propiciado. Cristo tinha “feito a paz pelo sangue da sua cruz” (Colossenses 1:20), mas enquanto Ele continuou na sepultura não houve proclamação pública disso. Foi por Seu trazer Cristo dentre os mortos que Deus fez saber ao universo que Seu sacrifício havia sido aceito. Por meio da ressurreição de Seu Filho, Deus Pai declara publicamente que a inimizade havia acabado e a paz havia sido estabelecida. Ali estava a grande evidência e prova de que Deus fora apaziguado em relação ao Seu povo. Cristo tinha feito uma paz honrosa, de forma que Deus pudesse ser ao mesmo tempo “justo e justificador daquele que tem fé em Jesus” (Romanos 3:26). Observe também a respeito da relação que Cristo sustentou quando Deus O libertou dentre os mortos: não foi como uma pessoa privada, mas como o cabeça federal de Seu povo que o Pai lidou com Ele, como “grande pastor das ovelhas”, de modo que Seu

povo foi, então, legalmente liberto da prisão da morte com Ele (Efésios 2:5, 6).

As Petições de Cristo por Sua Própria Libertação

É uma grande bênção aprender com os Salmos — onde muita luz, não dada no Novo Testamento, é lançada sobre as ações do coração do Mediador — que Cristo suplicou a Deus pelo livramento do túmulo. No Salmo 88 (o tema profético deste é a paixão do Senhor Jesus), nós O encontramos dizendo: “Chegue a minha oração perante a tua face, inclina os teus ouvidos ao meu clamor; porque a minha alma está cheia de angústia, e a minha vida se aproxima da sepultura” (vv. 2, 3). Desde que as transgressões de Seu povo foram imputadas a Ele, essas “angústias” foram as tristezas e as tribulações que Ele experimentou quando os salários que eram devido aos pecados de Seu povo foram infligidos e executados sobre Ele. Ele passou a exclamar a Deus: “Puseste-me no abismo mais profundo, em trevas e nas profundezas. Sobre mim pesa o teu furor; tu me afligiste com todas as tuas ondas” (vv. 6, 7). Ali nos é concedida uma visão sobre o que o Salvador sentiu em Sua alma sob o golpe de Deus, como Ele suportou tudo o que estava contido na justa e santa maldição do Pai sobre o pecado. Ele não poderia ter sido levado a um estado inferior. Ele estava em total escuridão, o sol por algum tempo se recusou a brilhar sobre Ele, como Deus escondeu dEle o Seu rosto. Os sofrimentos da alma de Cristo foram o mesmo que “a segunda morte”. Ele sofreu a totalidade do que era para Ele, como o Deus-homem, o equivalente a uma eternidade no inferno.

O Redentor ferido passou a dizer: “Estou fechado, e não posso sair” (v. 8). Ninguém, senão o juiz, podia legalmente libertá-lo. “Mostrarás, tu, maravilhas aos mortos, ou os mortos se levantarão e te louvarão?” (v. 10). Em sua notável exposição, S.E. Pierce declarou:

Estas questões contêm o argumento mais poderoso que o próprio Cristo poderia incitar diante do Pai por Si próprio, emergindo de Seu atual estado de sofrimento e de Sua ressurreição do poder da morte. “Porventura os mortos se levantarão e te louvarão?”. No entanto, em mim Tu mostrarás prodígios ao levantar meu corpo da sepultura, ou a salvação dos Teus eleitos não pode ser concluída, nem a Tua glória nela pode brilhar plenamente. Tuas maravilhas não podem ser declaradas; os mortos eleitos não podem subir novamente e louvar-Te, como devem, senão sobre o fundamento da minha ressurreição.

“Eu, porém, Senhor, tenho clamado a ti” (v. 13). Que luz este salmo lança sobre estas palavras do apóstolo a respeito de Cristo: “O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia” (Hebreus 5:7). Na linguagem profética do Salmo 2:8, Deus o Pai diz ao Seu Filho: “*Pede-me*, e eu te darei os gentios por herança, e os fins da terra por tua possessão”. Da mesma forma, nosso Senhor primeiro clamou por Sua libertação da prisão do túmulo, e então o Pai “o trouxe”, em resposta ao Seu clamor. Eis como perfeitamente o Filho do homem está conformado com a nossa total dependência de Deus. Ele, também, embora

inocente, teve que orar por essas bênçãos que Deus já havia prometido a Ele!

Pelo Sangue da Aliança Eterna

Em último lugar, considere que o grande ato de Deus aqui citado é dito ser “pelo sangue da aliança eterna”. Houve grande confusão na mente dos diferentes escritores sobre esta epístola quanto ao significado exato destas palavras; e enquanto uma investigação completa desta interessante questão está realmente fora do escopo do presente artigo, no entanto alguns dos mais eruditos de nossos leitores ficariam descontentes se deixássemos de fazer algumas observações sobre isso. Então, pedirei aos outros que gentilmente suportem-me enquanto eu lido com um detalhe um tanto quanto técnico. Uma leitura cuidadosa através da epístola aos Hebreus mostra que a menção aqui é feita sobre “a aliança” (10:29), “uma melhor aliança” (8:6), “uma nova aliança” (8:8), e aqui à “aliança eterna”. Não poucos homens capazes concluíram que esta faça referência à mesma coisa por toda parte, mas eu não posso concordar com eles. É bastante claro em Hebreus 8:6-13 que a nova e melhor aliança feita com o Israel e Judá espirituais (isto é, a igreja) está em oposição à primeira (v. 7) ou velha (v. 13) aliança feita com a nação de Israel no Sinai (que é o “Israel segundo a carne”). Em outras palavras, o contraste é entre o judaísmo e o cristianismo sob dois pactos ou economias diferentes, ao passo que “a aliança eterna” é a antítese desse Pacto de Obras feito com Adão como a cabeça federal da raça humana.

Embora o Pacto das Obras foi o primeiro em manifestação, a aliança eterna, ou Pacto da Graça, foi o

primeira em ordem de origem. Em todas as coisas Cristo deve ter a preeminência (Colossenses 1:18), e, portanto, Deus entrou em um pacto com Ele antes que Adão fosse criado. Esse pacto foi por diversas vezes chamado de “Pacto da Redenção” e “Pacto da Graça”. Deus, nEle, fez plenas disposições e provisões para a salvação de Seus eleitos. Essa aliança eterna tem sido administrada sob diferentes economias ao longo da história humana, suas bênçãos foram concedidas a indivíduos favorecidos através de todas as eras. Sob a Antiga Aliança, ou o judaísmo, os requisitos e as disposições da aliança eterna foram tipificados ou prenunciados particularmente por meio da lei moral e cerimonial; sob a Nova Aliança, ou o cristianismo, seus requisitos e disposições estão estabelecidos e proclamados no e pelo Evangelho. Em cada geração, o arrependimento, a fé e a obediência foram exigidos daqueles que participariam (e participam) de suas bênçãos inestimáveis (Isaías 55:3). Em sua obra *Outlines of Theology* [Esboços de Teologia], o renomado teólogo A.A. Hodge diz o seguinte:

A frase “mediador da aliança” é aplicada a Cristo três vezes no Novo Testamento (Hebreus 8:6; 9:15; 12:24), mas, como em cada caso, o termo para o pacto é qualificado por um ou outro adjetivo “novo” ou “melhor”, isso evidentemente aqui é usado para designar não o Pacto da Graça propriamente, mas aquela nova dispensação daquela aliança eterna que Cristo introduziu em Sua pessoa, em contraste com a administração menos perfeita dela, que foi instrumentalmente introduzida por Moisés.

Cristo, o Mediador de uma Aliança Eterna

Assim, podemos tomar essas palavras “o sangue da aliança eterna” por seu valor nominal, como uma referência ao eterno pacto que Deus estabeleceu com Cristo. À luz das frases anteriores de Hebreus 13:20, é evidente que “o sangue da eterna aliança” tem uma conexão tripla. Em primeiro lugar, ele é ligado ao título divino aqui utilizado. Deus tornou-se historicamente “o Deus de paz”, quando Cristo fez propiciação e confirmou o acordo eterno com o Seu próprio sangue (Colossenses 1:20). Desde antes da fundação do mundo, Deus havia proposto e planejado esta paz entre Ele e os homens pecadores (Lucas 2:13-14) que Cristo deveria efetivar; tudo estava conectado em conformidade com o pacto que foi eternamente acordado entre Eles. Em segundo lugar, ele aponta para o fato da morte de Cristo. Como o justo Juiz sobre todos, Deus o Pai foi movido pelo derramamento do sangue precioso de Cristo a restaurá-LO da sepultura e exaltá-LO a um lugar de honra e autoridade suprema (Mateus 28:18; Filipenses 2:5-11). Visto que o Fiador cumpriu totalmente a Sua parte do acordo, convinha que o Governador deste mundo O livrasse da prisão como aquilo que era justamente devido a Ele. Em terceiro lugar, esta frase bendita está ligada ao ofício de Cristo. Foi pelo derramamento de Seu sangue por eles, de acordo com o pacto da aliança, que o nosso Senhor Jesus tornou-se “o grande pastor das ovelhas”, Aquele que buscaria os eleitos de Deus, os traria para o rebanho e ali os ministraria, proveria e protegeria (João 10:11, 15).

Deus trouxe o nosso Senhor Jesus dentre os mortos não simplesmente por contrato, mas também por causa

de Seus méritos, e, portanto, é atribuído não apenas à “aliança”, mas ao “sangue” dEle. Como o Filho de Deus, Ele não mereceu ou comprou isso, pois honra e glória Lhe eram devidas; mas, como o Mediador Deus-homem, Ele obteve a Sua libertação da sepultura como recompensa apenas por Sua obediência e sofrimentos. Além disso, isso não ocorreu como pessoa privada, mas foi como o cabeça de Seu povo é que Ele foi libertado, e isso garantiu a libertação deles também. Se Ele foi restaurado a partir do túmulo “através do sangue da eterna aliança”, igualmente eles devem ser. A Escritura atribui a nossa libertação do túmulo não somente à morte de Cristo, mas também à Sua ressurreição. “Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele” (1 Tessalonicenses 4:14; cf. Romanos 4:25). Assim, a garantia é dada para a igreja quanto à sua redenção completa e final. Deus, no passado, expressamente fez a promessa ao Pastor: “Ainda quanto a ti, por causa do sangue da tua aliança, libertei os teus presos da cova em que não havia água [ou seja, a sepultura]” (Zacarias 9:11). Assim como foi “por seu próprio sangue” que Cristo “entrou uma vez no santuário” (Hebreus 9:12), assim também sobre o fundamento do valor infinito deste sangue, nós igualmente entramos na sala do trono celestial (Hebreus 10:19). Como Ele declarou: “porque eu vivo, vós também vivereis” (João 14:19).

A Petição Bem Fundamentada

Passamos agora para a petição em si. “Ora, o Deus de paz [...] Vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando em vós o que perante

ele é agradável por Cristo Jesus”. Esse versículo está intimamente relacionado com o conjunto anterior, e a bendita conexão entre eles inculca uma lição de grande importância prática. Esta pode ser estabelecida, de forma simples, da seguinte maneira: a maravilhosa obra de Deus no passado deve aprofundar a nossa confiança em Deus e fazer-nos buscar de Suas mãos as bênçãos e misericórdias para o presente. Uma vez que Ele tão graciosamente forneceu tal Pastor para as ovelhas, que foi apaziguado em relação a nós e agora nenhuma carranca permanece em Seu rosto e que demonstrou tão gloriosamente tanto o Seu poder como a Sua justiça em trazer de volta a Cristo dentre os mortos, podemos seguramente esperar que Ele continue a nos conceder o Seu favor. Devemos olhar com expectativa para Ele, dia a dia, por todos os suprimentos necessários de graça. Aquele que ressuscitou o nosso Salvador é bem capaz de nos vivificar e fazer-nos fecundos para toda boa obra. Olhemos, portanto, para “o Deus de paz” e pleiteemos “o sangue da eterna aliança” a cada vez que nos aproximarmos do propiciatório.

Mais especificamente, o fato de Deus ter trazido de volta a Cristo dentre os mortos é a Sua garantia infalível para nós de que cumprirá todas as Suas promessas aos eleitos, todas as bênçãos da aliança eterna. Isso fica claro quando olhamos para Atos 13:32-34: “E nós vos anunciamos que a promessa que foi feita aos pais, Deus a cumpriu a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus; como também está escrito no salmo segundo: Meu filho és tu, hoje te gerei. E que o ressuscitaria dentre os mortos, para nunca mais tornar à corrupção, disse-o assim [por

meio desta ação]: As santas e fiéis bênçãos de Davi vos darei”. Ao restaurar Cristo dentre os mortos, Deus cumpriu a grande promessa feita aos santos do Antigo Testamento (no qual todas as Suas promessas estavam virtualmente contidas) e deu garantia do cumprimento de todas as promessas, por conceder-lhes virtude. As “fiéis bênçãos de Davi” são as bênçãos que Deus jurou na aliança eterna (Isaías 55:3). O derramamento do sangue de Cristo ratificou, selou e estabeleceu para sempre todos os artigos desta aliança. Deus, ao trazê-LO de volta dentre os mortos, garantiu ao Seu povo que infalivelmente lhes concederá todos os benefícios que Cristo obteve para eles, por meio de Seu sacrifício. Todas estas bênçãos: regeneração, perdão, purificação, reconciliação, adoção, santificação, preservação e glorificação foram dadas a Cristo para os Seus remidos, e estão seguras em Suas mãos.

Por Sua obra mediatória, Cristo abriu um caminho pelo qual Deus pode conceder, de forma consistente com toda a glória de Suas perfeições, todas as coisas boas que fluem a partir dessas perfeições divinas. Como a morte de Cristo foi necessária para que os crentes pudessem receber essas “fiéis bênçãos” de acordo com os desígnios divinos, assim a Sua ressurreição foi igualmente indispensável, para que, vivo no céu, Ele pudesse comunicar a nós os frutos de Seu trabalho como que de parto e a recompensa de Sua vitória. Deus cumpriu a Cristo todos os artigos pelos quais Ele se comprometeu na aliança eterna: Ele O trouxe dos mortos, O exaltou à Sua mão direita, O coroou com honra e glória, fazendo-O sentar-Se no trono de mediação e deu

a Ele aquele Nome que está acima de todo nome. E o que Deus fez por Cristo, o cabeça, é a garantia de que Ele cumprirá tudo o que prometeu aos membros de Cristo. É uma consideração mui gloriosa e bendita que o nosso tudo, tanto para o tempo e a eternidade, depende inteiramente sobre o que se passou entre o Pai e Jesus Cristo: que Deus Pai se recorda e é fiel aos Seus compromissos com o Filho e que estamos em Sua mão (João 10:27-30). Quando a fé verdadeiramente compreende essa grande verdade, todo medo e incerteza são dissipados; todo legalismo e falatório sobre a nossa indignidade são silenciados. “Digno é o Cordeiro” torna-se o nosso lema e canção!

Esse Tipo de Oração Produz Estabilidade Espiritual

Quão tranquilizador e estabilizador é para nós quando consideramos que temos uma participação pessoal em todos os atos eternos que se passaram entre Deus Pai e o Senhor Jesus Cristo em nosso nome antes mesmo que o homem fosse criado, assim como em todos os atos que foram acordados entre o Pai e o Filho e em toda a Sua obra mediatória que Ele operou e consumou. É somente esta salvação da aliança, em toda a sua bem-aventurança e eficácia, apreendida pela fé é que pode levantar-nos para fora de nós mesmos e nos elevar acima de nossos inimigos espirituais e que também pode permitir-nos triunfar sobre nossas presentes corrupções, pecados e misérias. Este é um assunto para a fé estar completamente envolvida, pois sentimentos nunca podem fornecer a base para a estabilidade espiritual e paz. Tal estabilidade só pode ser obtida por nos alimentarmos

consistentemente da verdade objetiva, que os conselhos divinos da sabedoria e da graça deram a conhecer nas Escrituras. Enquanto a fé é exercida nisso, enquanto o registro dos compromissos eternos do Pai e do Filho é recebido na mente espiritual, a paz e a alegria serão a nossa experiência. E quanto mais a fé se alimenta de verdade objetiva, mais somos fortalecidos subjetivamente, ou seja, emocionalmente. A fé diz respeito a cada cumprimento passado das promessas de Deus como uma certa evidência de Seu cumprimento de todo o restante de Suas promessas para nós, em Seu próprio tempo e modo. Especialmente a fé considerará o cumprimento de Deus de Sua promessa de trazer o nosso Senhor Jesus da sepultura sob esta luz. O próprio Pastor foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai? Tão seguramente, então, todas as Suas ovelhas serão libertadas da morte do pecado, vivificadas em novidade de vida, santificadas pelo Espírito Santo, recebidas no paraíso, onde sua guerra finda, e ressuscitarão corporalmente para a imortalidade no último dia.

“Ora, o Deus de paz... vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando em vós o que perante ele é agradável por Cristo Jesus”. Como indicado anteriormente, existe uma ligação muito estreita entre esse versículo e o anterior. Aqui temos a petição que o apóstolo ofereceu, em nome dos santos Hebreus, ao passo que o conteúdo do versículo anterior deve ser considerado como o argumento sobre o qual ele baseou seu pedido. Vejamos o quando este fundamento era apropriado, poderoso e comovente. O apelo é feito ao

“Deus de paz”. Como Aquele que estava reconciliado com o Seu povo, Ele é suplicado para conceder esta bênção (cf. Romanos 5:10). Além disso, uma vez que Deus havia trazido novamente nosso Senhor Jesus dentre os mortos, este era um fundamento muito adequado sobre o qual Ele vivificaria os Seus eleitos espiritualmente mortos, por meio da regeneração, os resgataria quando eles vagueavam, e completaria a obra de Sua graça neles. Foi na qualidade de “o grande pastor das ovelhas” que Nosso Senhor Jesus foi ressuscitado por Seu gracioso Pai da prisão da sepultura, a fim de que Ele seja capaz, como Alguém que vive para sempre, de cuidar do rebanho. O nosso grande Pastor está atualmente suprindo todas as necessidades de cada uma de Suas ovelhas por meio de Sua intercessão em nosso favor (Romanos 8:34; Hebreus 7:25). Por este meio eficaz, Ele agora está dispensando dons aos homens, especialmente aqueles dons que promovem a salvação de pecadores como nós (Efésios 4:8). Além disso, a mesma aliança eterna que prometeu a ressurreição de Cristo também garantiu a glorificação do Seu povo. Assim, o apóstolo invoca a Deus Pai, para aperfeiçoá-los de acordo com esse compromisso.

Uma Oração por Santidade e Fecundidade

“Ora, o Deus de paz... vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade”. Substancialmente, este pedido é por santificação prática e frutificação do povo de Deus. Enquanto a aliança eterna foi adequadamente denominada “Pacto da Redenção”, devemos cuidadosamente ter em mente que Ele foi designado para assegurar a santidade de Seus

beneficiários. Fazemos bem em refletir sobre o clamor profético que fez Zacarias, cheio do Espírito Santo, que o “bendito Senhor Deus de Israel... [deveria] lembrar-se da sua santa aliança... De conceder-nos que, libertados da mão de nossos inimigos [espirituais], o serviríamos sem temor [servil], em santidade e justiça perante ele, todos os dias da nossa vida” (Lucas 1:68, 72, 74, 75). E, embora isso também tenha sido apropriadamente designado como “Pacto da Graça”, ainda assim nós também devemos lembrar que o apóstolo Paulo disse: “Porque a graça salvífica de Deus se há manifestado a todos os homens [tanto gentios quanto judeus], ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, e justa, e piamente, aguardando a bem-aventurada esperança...” (Tito 2:11-13). O grande objetivo da aliança eterna, como de todas as obras divinas, era a glória de Deus e o bem de Seu povo. Isso foi designado não apenas como uma demonstração da generosidade divina, mas também como para assegurar e promover as reivindicações da santidade divina. Deus não entra naquele pacto com Cristo a fim de anular a responsabilidade humana, nem o Filho cumpre os Seus termos de modo a tornar desnecessária uma vida de obediência para os Seus remidos.

Cristo concordou não apenas a fazer propiciação para com Deus, mas a regenerar os Seus eleitos. Cristo se comprometeu não somente a atender a todas as exigências da lei em lugar deles, mas também a escrevê-la no coração deles e entronizá-la em suas afeições. Cristo comprometeu-se não apenas em tirar o pecado de diante de Deus, mas em torná-lo odioso e abominável

aos Seus santos. Antes da fundação do mundo, Cristo se comprometeu não somente em satisfazer as exigências da justiça divina, mas a santificar a Sua descendência, enviando o Seu Espírito para suas almas para conformá-las à Sua imagem e incliná-las a seguir o exemplo que Ele deixaria para eles. Tem sido pouquíssimo insistido, nos últimos tempos, por aqueles que têm escrito ou pregado sobre o Pacto da Graça, que Cristo engajou-se não somente pela dívida de Seu povo, mas pelo dever deles também; que Ele adquiriria a graça para eles, incluindo uma provisão completa para dar-lhes um novo coração e um novo espírito, para conduzi-los a conhecer o Senhor, para colocar Seu temor em seus corações e para torná-los obedientes à Sua vontade. Ele também se envolveu com a segurança deles, a saber, que, se eles abandonassem a Sua lei e não andassem em Seus juízos, Ele visitaria as suas transgressões com a vara (Salmos 89:30-36); que, se eles se desviassem e se afastassem dEle, Ele certamente os restauraria.

Paulo Faz da Profecia Messiânica Tema de Oração

“Vos aperfeiçoe... para fazerdes a sua vontade”. Foi com o conteúdo da aliança diante de seus olhos que o apóstolo elevou essa petição. Nos capítulos anteriores, foi demonstrado que a profecia do Antigo Testamento apresenta o Messias prometido como o Fiador de uma aliança de paz e como o “Pastor” de Seu povo. Resta agora ser demonstrado que Ele estava ali retratado como um pastor que aperfeiçoaria as Suas ovelhas em santidade e boas obras. “E meu servo Davi será rei sobre eles, e todos eles terão um só pastor” (Ezequiel 37:24).

Aqui o SENHOR anuncia que aquele Messias, o grandioso descendente de Davi, deve, em dias vindouros, unificar o Israel de Deus como seu Rei e os regerá, a todos e sem rival. No mesmo versículo, Ele declara ainda: “e andarão nos meus juízos e guardarão os meus estatutos, e os observarão”. Assim, depois de ter confessado a Deus como “o Deus de paz”, que libertou o nosso Senhor Jesus do domínio da morte “através do sangue da eterna aliança”, Paulo suplica que Ele opere em Suas ovelhas “o que perante ele é agradável por Cristo Jesus”. Pois, ainda que Deus prometeu fazer isso, Ele declara: “Ainda por isso serei solicitado pela casa de Israel” (Ezequiel 36:37). É sempre o dever sagrado do povo pactual de Deus orar pelo cumprimento de Suas promessas (como testemunham as várias petições da *Oração do Senhor*). Vemos, então, que esta oração abrangente, ditada pelo Espírito, não é apenas um epítome do conteúdo de toda esta epístola, mas também um resumo das profecias messiânicas.

A Fé em um Deus Reconciliado Produz Desejos por sua Glória

“Vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade”. Tal petição como essa pode ser corretamente oferecida enquanto alguém contempla a Deus como “o Deus de paz”. A fé deve considerá-LO primeiro como reconciliado conosco antes que haja qualquer verdadeiro desejo de glorificá-LO. Enquanto houver algum horror sensível ao pensamento de Deus, qualquer temor servil produzido pela menção de Seu nome, não podemos servi-LO, nem fazer o que é agradável aos Seus olhos. “Sem fé é impossível agradar

a Deus” (Hebreus 11:6), e a fé é completamente oposta ao terror. Precisamos primeiro ter certeza de que Deus não é um inimigo, mas nosso amigo, antes que a gratidão do amor possa nos levar a correr no caminho de Seus mandamentos. Essa segurança só pode vir até nós ao percebermos que Cristo retirou os nossos pecados e satisfaz cada reivindicação da lei de Deus contra nós. “Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo” (Romanos 5:1). Cristo fez a paz perfeita e eterna “pelo sangue da sua cruz” (Colossenses 1:20), em consequência disso Deus fez com aqueles que se rendem ao jugo de Cristo e confiam em Seu sacrifício uma “aliança eterna, que em tudo será bem ordenada e guardada” (2 Samuel 23:5). Isso deve ser apreendido pela fé antes que haja uma busca confiante dEle, ou de graça necessária para buscá-IO.

De outro ângulo, podemos perceber a adequação de essa petição ser dirigida ao “Deus de paz”, para que Ele agora nos aperfeiçoe em toda boa obra para fazer a Sua vontade. Pois fazer a vontade de Deus é mui essencial para o nosso desfrute de Sua paz, de uma forma prática. “Muita paz têm os que amam a tua lei” (Salmos 119:165), pois os caminhos de sabedoria “são caminhos de delícias, e todas as suas veredas de paz” (Provérbios 3:17). Por isso, é absolutamente inútil esperar tranquilidade de coração se abandonarmos os caminhos da sabedoria pelos caminhos da autossatisfação. Certamente, não pode haver paz de consciência enquanto qualquer pecado conhecido é entretido por nós. O caminho para a paz é o caminho da santidade. “E a todos quantos andarem conforme esta regra, paz e misericórdia sejam sobre eles...”

(Gálatas 6:16). A não ser que nós realmente resolvamos e nos esforcemos para fazer aquelas coisas que são agradáveis aos olhos de Deus, haverá continuamente tribulação e agitação dentro de nós, em vez de paz. Há um significado espiritual mais profundo do que normalmente é percebido naquele título “Príncipe da Paz”, que pertence ao Filho encarnado. Ele poderia dizer: “eu faço sempre o que lhe agrada” (João 8:29), e, portanto, uma calma imperturbável era a Sua porção. Que ênfase havia ali naquelas palavras: “Deixo-vos a paz, a *minha paz* vos dou” (João 14:27)!

Paulo Ora pelo Fortalecimento dos Santos em seus Deveres

“Vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade”. Esta petição coloca diante de nós, por evidente implicação, o lado humano das coisas. Essas coisas pelas quais o apóstolo Paulo fez solicitação em nome dos santos estavam relacionadas com aqueles deveres que eles eram obrigados a realizar, mas para o cumprimento deles a assistência divina é imperativa. A aliança eterna previu a entrada do pecado, e assim fez provisão não somente para retirá-lo, mas também para o estabelecimento da justiça eterna. Essa justiça é a perfeita obediência de Cristo, pela qual a lei divina foi honrada e engrandecida. Essa perfeita justiça de Cristo é imputada a todos os que creem, mas ninguém crê nEle salvificamente até que o Seu Espírito implante um princípio de justiça em suas almas (Efésios 4:24). E essa nova natureza ou princípio de justiça se evidencia pela realização de boas obras (Efésios 2:10). Não temos o direito de falar do Senhor Jesus como “O Senhor nossa

justiça”, a menos que sejamos praticantes pessoais da justiça (1 João 2:29). A aliança eterna de modo nenhum abole a necessidade de obediência por parte daqueles que participam de seus benefícios, antes fornece motivos comoventes e poderosos para mover-nos a isso! A fé salvífica opera pelo amor (Gálatas 5:6) e visa agradar o seu objeto.

Quanto mais as nossas orações são reguladas pelo ensinamento da Sagrada Escritura, mais elas serão marcadas por estas duas qualidades: os preceitos divinos serão transformados em petições; e o caráter e as promessas de Deus serão usados como nossos argumentos. Quando o salmista, durante suas meditações sobre a lei de Deus, declarou: “Tu ordenaste os teus mandamentos, para que diligentemente os observássemos”, ele estava, ao mesmo tempo, consciente de seu fracasso e disse: “Quem dera que os meus caminhos fossem dirigidos a observar os teus mandamentos!” (Salmos 119:4, 5). Mas Ele fez mais do que apenas lamentar os obstáculos do pecado interior, o salmista clamou: “Ensina-me, ó Senhor, o caminho dos teus estatutos... Faze-me andar na vereda dos teus mandamentos, porque nela tenho prazer” (Salmos 119:33-35). Assim também, quando buscou a confirmação de sua casa perante o Senhor, Davi se alegrou na promessa divina: “Agora, pois, ó Senhor Deus, esta palavra que falaste acerca de teu servo e acerca da sua casa, confirma-a para sempre, e *faze como tens falado*” (2 Samuel 7:25; veja também 1 Reis 8:25-26; 2 Crônicas 6:17). À medida que nos tornamos mais familiarizados com a Palavra de Deus e descobrimos os

detalhes do elevado padrão de conduta que nos é proposto ali, seremos mais precisos e diligentes na busca de graça para realizar nossos diversos deveres; e, à medida que nos familiarizarmos melhor com o “Pai das misericórdias” (2 Coríntios 1:3) e com Suas “grandíssimas e preciosas promessas” (2 Pedro 1:4), nós iremos com mais confiança a Deus buscando por esses suprimentos.

Uma Oração por Restauração do Vigor Espiritual

“Vos aperfeiçoe em toda a boa obra”. A palavra grega original aqui traduzida por aperfeiçoe é *katartisai*, que James Strong define como completar perfeitamente, ou seja, reparar (literal ou figurativamente), ajustar (veja o nº 2.675 no Dicionário Grego de Concordância Exaustiva, de Strong). Compare isso com a palavra *teleiōsai*, usada em Hebreus 2:10; 10:1, 14 e 11:40, que de acordo com Strong significa *completar* (literalmente), realizar, ou (figurativamente) *consumar* em caráter (veja o nº 5.048 no Dicionário Grego de Strong). A palavra em nosso texto, *katartisai*, é usada para descrever a atividade exercida por Tiago e João, filhos de Zebedeu, quando Cristo os chamou: eles estavam “*consertando as redes*” (Mateus 4:21). Em Gálatas 6:1, o apóstolo Paulo emprega essa palavra por meio de exortação: “Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, *encaminhai* o tal com espírito de mansidão...”. Era, portanto, mais adequado que esse termo fosse aplicado para o caso dos cristãos Hebreus, que depois de crerem no Evangelho se confrontaram com tão grande e prolongada oposição dos

judeus, de forma geral, que vacilaram e estavam em necessidade real de serem advertidos contra a apostasia (Hebreus 4:1; 6:11-12; 10:23 etc.). Como dito no início de nossa exposição, essa oração reúne não somente toda a instrução doutrinária, mas também as exortações dos capítulos anteriores. Os hebreus haviam vacilado e falhado (Hebreus 12:12), e aqui o apóstolo ora por sua restauração. Os léxicos (como Liddell e Scott, p. 910) nos dizem que *katartisai*, aqui traduzido como “aperfeiçoe”, literalmente faz referência ao reajuste de um osso deslocado. E não é muitas vezes assim com o cristão? Uma triste queda quebra a sua comunhão com Deus, e ninguém, senão a mão do médico divino, pode reparar os danos causados. Assim, essa oração é adequada para todos nós, que Deus aperfeiçoe cada uma de nossas capacidades para fazermos a Sua vontade e nos torne aptos para o Seu serviço cada vez que necessitarmos disso.

Observe quão abrangente é essa oração: “Vos aperfeiçoe em toda a boa obra”. Ela inclui, como William Gouge apontou: “todos os frutos de santidade em relação a Deus, e de justiça em relação ao homem”. Nenhuma reserva nos é permitida pela regra extensa que Deus colocou diante de nós, somos obrigados a amá-LO com todo o nosso ser, ser santificados em todo o nosso espírito, alma e corpo, e crescermos em Cristo em todas as coisas (Deuteronômio 6:5; Lucas 10:27; Efésios 4:15; 1 Tessalonicenses 5:23). Nada menos do que a perfeição em “toda boa obra” é o padrão pelo qual devemos almejar. A perfeição absoluta não é possível nesta vida, mas a perfeição da sinceridade é exigida de nós; um

esforço honesto e verdadeiro empenho para agradar a Deus. A mortificação dos nossos desejos, a submissão a Deus sob tribulações e o desempenho de uma obediência imparcial e universal são sempre o nosso dever sagrado. De nós mesmos somos totalmente incapazes de cumprir os nossos deveres, e, portanto, devemos orar continuamente pelo suprimento de graça para que possamos realizá-los. Não apenas somos dependentes de Deus para o início de toda a boa obra, mas também para a continuidade e progresso delas. Imitemos a Paulo, que disse: “Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, Prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Filipenses 3:12-14).

O Conhecimento Divinamente Revelado Requer Obediência

“Vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade”. Que Ele, que já tornou vocês familiares com a Sua mente, agora efetivamente incline vocês obedientes a ela, que vocês possam prestar continuamente uma atenção solícita aos seus deveres como povo redimido, até o fim. Não é suficiente que saibamos a Sua vontade; devemos fazê-la (Lucas 6:46; João 13:17), e quanto mais a fizermos, melhor a entenderemos (João 7:17) e provaremos a excelência dela (Romanos 12:2). Essa vontade de Deus que devemos nos esforçar para realizar não é a vontade

secreta de Deus, mas a Sua vontade revelada ou perceptiva, ou seja, aquelas leis e estatutos, nos quais Deus requer nossa completa obediência (Deuteronômio 29:29). A vontade revelada de Deus deve ser a única regra de nossas ações. Há muitas coisas feitas por cristãos professos que, apesar de admiradas por eles e aplaudidas pelos seus companheiros, não são nada mais do que uma adoração segundo a vontade humana e uma série de “preceitos e doutrinas dos homens” (Colossenses 2:20-23). Os judeus acrescentaram suas próprias tradições à lei divina, instituindo jejuns e festas a partir de sua própria invenção. Os papistas iludidos — com suas austeridades corporais, devoções idólatras e recompensas empobrecidas — são culpados da mesma coisa. Nem alguns protestantes — com suas privações autoconcebidas e práticas supersticiosas — estão livres desse mal romanista.

“Operando em vós o que perante ele é agradável por Cristo Jesus”. Estas palavras confirmam exatamente o que foi dito acima: somente é aceitável a Deus o que está em conformidade com a regra de que Ele nos deu. As palavras “perante ele” mostram que todas as nossas ações estão sob Sua atenção imediata e são pesadas por Ele. Ao comparar isso com outras Escrituras, descobrimos que agradáveis a Ele são somente as obras que Ele nos ordenou realizar e que são realizadas em Seu temor (Hebreus 12:28). Ele aceitará apenas aquelas obras que procedem do amor (2 Coríntios 5:14) e que são feitas com a intenção fixa de glorificá-LO (1 Coríntios 10:31). Nosso objetivo constante e nosso esforço diligente não deve ser nada menos do que aquilo que é refletido por

estas palavras: “Para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em *tudo*, frutificando em toda a boa obra” (Colossenses 1:10). No entanto, precisamos receber a capacitação divina para que possamos fazer isso. Que duro golpe para a autossuficiência e a vanglória é esta pequena frase, “operando em vós”! Mesmo após a regeneração somos totalmente dependentes de Deus. Não obstante a vida, a luz e a liberdade que recebemos dEle, não temos força de nós mesmos para fazer o que Ele exige. Cada um tem de reconhecer: “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e com efeito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem” (Romanos 7:18).

Aqui Há uma Verdade que Abate o Orgulho

Aqui, de fato, está uma verdade humilhante, e a verdade é que os cristãos são, em si mesmos, incapazes de cumprir o seu dever. Embora o amor de Deus tenha sido derramado em seus corações e um princípio de santidade (ou nova natureza) tenha sido comunicado, ainda assim eles são incapazes de realizar o bem que ardentemente desejam fazer. Não somente eles ainda são muito ignorantes sobre vários dos requisitos da vontade revelada de Deus, mas o pecado que habita neles sempre se opõe e procura inclinar seus corações à rebeldia. Assim, é imperativo que diariamente busquemos a Deus por novos suprimentos de graça. Embora tenhamos certeza que Deus certamente completará a Sua boa obra em nós (Filipenses 1:6), isso não torna desnecessário o nosso clamor “ao Deus que por mim [nós] tudo executa” (Salmos 57:2). O privilégio

da oração também não nos dispensa da obrigação da obediência. Ao contrário, na oração devemos pedir-Lhe que nos vivifique para o cumprimento daqueles deveres que Ele requer. A bênção de possuir acesso a Deus não é designada para nos dispensar do uso regular e diligente de todos os meios que Deus designou para a nossa santificação prática, mas se destina a fazer provisão para nossa busca da bênção divina através do uso de todos os meios de graça. Nosso dever é este: *pedir* a Deus para operar em nós “tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Filipenses 2:13); *evitar* que extingamos o Seu Espírito por sermos indolentes e desobedientes, especialmente depois de termos orado por Suas doces influências (1 Tessalonicenses 5:19); e *usar* a graça que Ele já nos concedeu.

“Operando em vós o que perante ele é agradável por Cristo Jesus”. Há uma dupla referência aqui: (1) a obra de Deus em nós; e (2) a Sua aceitação de nossas obras. É em virtude da mediação do Salvador que Deus opera; não há comunicação de graça para nós a partir do Deus de paz, a não ser por meio de e através de nosso Redentor. Tudo o que Deus faz por nós é por amor de Cristo. Cada operação graciosa do Espírito Santo em nós é o fruto de uma obra meritória de Cristo, pois Ele adquiriu o Espírito para nós (Efésios 1:13-14; Tito 3:5-6) e atualmente enviou o Seu Espírito para nós (João 15:26). Todas as bênçãos espirituais derramadas sobre nós são em consequência da intercessão de Cristo em nosso favor. Cristo não é apenas a nossa vida (Colossenses 3:4) e nossa justiça (Jeremias 23:6), mas também a nossa força (Isaías 45:24). “E da sua plenitude todos nós

recebemos, e graça sobre graça” (João 1:16). Os membros do Seu corpo místico são completamente dependentes de Sua cabeça (Efésios 4:15-16). Nossa frutificação vem através de nossa comunhão com Cristo, pela nossa permanência nEle (João 15:5). É muito importante que tenhamos uma compreensão clara sobre essa verdade, se desejarmos dar ao Senhor Jesus o lugar que Lhe é devido em nossos pensamentos e afeições. A sabedoria de Deus tem planejado as coisas de tal maneira que cada pessoa da Trindade é exaltada na estima de Seu povo: o Pai como a fonte da graça, o Filho em Seu ofício de mediação como o canal através do qual toda a graça flui para nós e o Espírito Santo como o doador que comunica essa graça no presente.

Os Infinitos Méritos de Cristo, o Fundamento de Aceitação por Deus de Nossas Obras e Orações

Mas essas palavras, “por Jesus Cristo”, também têm uma conexão mais imediata com a frase “o que perante ele é agradável”. Embora nossas obras sejam boas e sejam feitas em nós por Deus, elas ainda são imperfeitas, uma vez que são maculadas pelos instrumentos pelos quais são feitas, assim como a luz mais pura é escurecida pela sombra nublada ou empoeirada da lâmpada através da qual ela brilha. Embora nossas obras sejam defeituosas, elas são aceitáveis a Deus, quando feitas em nome de Seu Filho. Nossas melhores ações são defeituosas e ficam aquém da excelência daqueles requisitos que a santidade de Deus demanda, mas os seus defeitos são cobertos pelos méritos de Cristo. Nossas orações, também, são aceitáveis a Deus somente

porque nosso grande Sumo Sacerdote adiciona a elas “muito incenso” e, em seguida, oferece-lhes sobre o altar de ouro diante do trono (Apocalipse 8:3). Nossos sacrifícios espirituais são “aceitáveis a Deus por Jesus Cristo” (1 Pedro 2:5). Deus somente pode ser “glorificado por meio de Jesus Cristo” (1 Pedro 4:11). Nós devemos, então, ao Mediador não somente o perdão de nossos pecados e a santificação de nossas pessoas, mas também a aceitação de nossa adoração e serviço imperfeitos a Deus. Como Spurgeon disse apropriadamente em seus comentários sobre essa frase: “Que nada e ninguém nós somos! Nossa bondade não é em nada nossa”.

Uma Doxologia

“Ao qual seja glória para todo o sempre. Amém”. O apóstolo olhava para a glória de Deus. E como devemos glorificá-IO? Devemos glorificá-IO por uma caminhada obediente, fazendo Sua vontade, realizando as coisas que são agradáveis aos Seus olhos e adorando-O. A construção de toda a sentença nos permite considerar essa atribuição de louvor como sendo oferecida tanto ao “Deus de paz”, a quem a oração é dirigida, como ao “grande pastor das ovelhas”, que é o antecedente mais próximo do pronome. Desde que a gramática permite isso e a analogia da fé nos ensina a incluir tanto o Pai e o Filho em nossa adoração, então que a glória seja atribuída a ambos. Que Deus seja louvado, pois Ele agora é “o Deus de paz”, porque Ele tornou a trazer dos mortos o nosso Senhor Jesus, porque Ele é fiel aos Seus compromissos na aliança eterna, porque todos os suprimentos de graça são dEle, e por Ele aceita nossa

pobre obediência “por meio de Jesus Cristo”. Igualmente adoremos o Mediador: porque Ele é “nosso Senhor Jesus”, que nos amou e Se entregou por nós; porque Ele é “o grande pastor das ovelhas”, cuidando e ministrando ao Seu rebanho; porque Ele ratificou a aliança com o Seu precioso sangue; e porque é por Seus méritos e intercessão que as nossas pessoas e os serviços são feitos “agradáveis” ao Altíssimo. “Amém”. Que seja assim! Faça com que os louvores ao Deus redentor e propício sejam entoados por toda a eternidade!

2

1 Pedro 1:3-5

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável, e que não se pode murchar, guardada nos céus para vós, que mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes para se revelar no último tempo.

Alguns extremistas dentre os dispensacionalistas afirmam e insistem que as últimas sete epístolas do Novo Testamento (de Hebreus a Judas) não dizem respeito a todos aqueles que são membros do corpo místico de Cristo, mas são totalmente judaicas, escritas pelos apóstolos para a circuncisão e destinadas somente para judeus. Tal afirmação grosseira e perversa é uma invenção arbitrária deles próprios, pois não há uma palavra nas Escrituras que fundamenta essa reivindicação deles. Pelo contrário, há muito nessas mesmas epístolas que repudia claramente esse ponto de

vista. Seguindo o pensamento deles, pode-se também afirmar que as epístolas de Paulo “não são para nós” (santos do século XX), porque elas são dirigidas a grupos de crentes em Roma, Corinto, Galácia, e assim por diante. A identidade precisa dos cristãos professos a quem a epístola aos Hebreus foi originalmente dirigida não pode ser descoberta. É vital reconhecer, no entanto, que a epístola é dirigida àqueles que são “participantes da vocação *celestial*” (Hebreus 3:1), algo que de modo algum pertencia à nação judaica como um todo. Embora a epístola de Tiago fora escrita para “as doze tribos que andam dispersas”, foi dirigida aos membros dos que eram gerados de Deus (Tiago 1:18). As epístolas de João são manifestamente as cartas de um pai em Cristo aos seus queridos filhinhos (1 João 2:12; 5:21) e, como tal, transmitem o cuidado solícito do Pai celestial por aqueles que lhe pertencem, para aqueles que tinham Jesus Cristo por seu advogado (1 João 2:1). A epístola de Judas é também geral, direcionada para os “santificados em Deus Pai, e conservados por Jesus Cristo” (v. 1).

Àqueles por Quem Pedro Oferece esta Doxologia

A primeira epístola de Pedro é dirigida “aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia” (1 Pedro 1:1). A Versão Americana Padronizada mais literalmente o traduz: “aos eleitos que são forasteiros da dispersão no Ponto...”, ou seja, para os judeus que estão ausentes da Palestina, residentes nas terras dos gentios (cf. João 7:35). Mas cuidado deve ser tomado para que o termo “estrangeiros” não seja limitado à sua força literal, mas sim seja dado também o

seu sentido figurado e aplicação espiritual. Isso não se refere estritamente aos descendentes carnis de Abraão, mas sim à sua descendência espiritual, que eram participantes da vocação celestial, e como tal estavam longe de seu lar. Os patriarcas "... confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra. Porque... claramente mostram que buscam uma pátria... desejam uma melhor [do que a Canaã terrena], isto é, a celestial" (Hebreus 11:13-16). Mesmo Davi, enquanto reinando como rei em Jerusalém, fez um reconhecimento similar: "Eu sou um peregrino na terra" (Salmos 119:19). Todos os cristãos são estrangeiros neste mundo; por enquanto eles "estando no corpo", estão "ausentes do Senhor" (2 Coríntios 5:6). Sua pátria está nos céus (Filipenses 3:20). Assim, era aos peregrinos espirituais (residentes temporários) a quem Pedro escreveu, aqueles que tinham sido gerados para uma herança guardada nos céus para eles (1 Pedro 1:4).

Nem todos os estrangeiros espirituais eram da linhagem natural de Abraão. Há mais do que uma indicação nessa mesma epístola que, embora possivelmente a maioria deles eram crentes judeus, contudo de modo algum todos o eram. Assim, no capítulo 2, versículo 10, depois de afirmar que Deus os chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz, o apóstolo Pedro passa a descrevê-los com estas palavras: "Vós, que em outro tempo não éreis povo, mas agora sois povo de Deus; que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia". Isso delineia precisamente o caso dos crentes gentios (cf. Efésios 2:12-13). Pedro está aqui citando Oséias 1:9-10 (onde os "filhos de Israel", no

versículo 10, referem-se ao Israel espiritual), o que é definitivamente interpretado por “nós” em Romanos 9:24-25: “Os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios? Como também diz em Oséias: Chamarei meu povo ao que não era meu povo”. Mais uma vez, no capítulo 4, versículo 3, Pedro diz por meio de recordação para aqueles a quem ele está escrevendo: “Porque é bastante que no tempo passado da vida fizéssemos a vontade dos gentios, andando em dissoluções, concupiscências, borrachices, gluttonarias, bebedices e abomináveis idolatrias”. A última categoria de transgressão só pode referir-se aos gentios; pois os judeus (quando considerados como uma nação), desde o cativo babilônico, nunca caíram em idolatria.

A Oração em Si

Ao examinarmos juntos a oração contida em 1 Pedro 1:3-5, consideremos oito coisas: (1) a sua conexão, para que percebamos que todos estão incluídos pelas palavras “nos gerou de novo”; (2) a sua natureza, uma doxologia (“Bendito seja”); (3) o seu objeto, “o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”; (4) a sua atribuição, “Sua grande misericórdia”; (5) o seu incentivo, “nos gerou de novo para uma viva esperança”; (6) o seu reconhecimento, “pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos”; (7) a sua substância, “para uma herança incorruptível, incontaminável, e que não se pode murchar, guardada nos céus para vós” e (8) a sua garantia de “que mediante a fé estais guardados”. Há muito aqui de interesse e profunda importância. Portanto, seria errado para nós apressadamente

ignorarmos tal passagem com algumas generalizações, especialmente uma vez que ela contém uma tal riqueza reflexão espiritual e alegre, que não deixará de edificar a mente e despertar a vontade e as afeições de cada santo que medita corretamente sobre ela. Que possamos ser devidamente afetados por seu conteúdo e realmente adentremos em seu espírito elevado.

Em primeiro lugar, consideremos a sua conexão. Aqueles em cujo nome o apóstolo ofereceu esta doxologia são citados de acordo com suas circunstâncias literais e figuradas no versículo 1, e, em seguida, descritos por suas características espirituais: “Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspensão do sangue de Jesus Cristo” (v. 2). Essa descrição refere-se igualmente a todos os regenerados em todas as épocas. Quando conectada com a eleição, a “presciência de Deus” não se refere à Sua presciência eterna e universal, pois esta envolve todos os seres e acontecimentos, passados, presentes e futuros; e, portanto, tem por seus objetos os não eleitos, bem como os eleitos. Conseqüentemente, não há qualquer alusão à previsão de Deus de nossa crença ou qualquer outra virtude nos objetos de Sua escolha. Em vez disso, o termo “presciência” relaciona-se à fonte ou origem da eleição, a saber, a imerecida boa vontade e aprovação de Deus. Para esse sentido da palavra, veja as seguintes passagens: Salmos 1:6; Amós 3:2; 2 Timóteo 2:19. Para um sentido semelhante da palavra “previsão” veja Romanos 11:2. Portanto, a frase “eleitos segundo a presciência de Deus” significa que as pessoas favorecidas, assim descritas, foram de antemão amadas

por Ele, que elas foram os objetos de Sua eterna graça, e são inalteravelmente agradáveis a Ele, enquanto Ele as previa em Cristo, "... pela qual nos fez agradáveis [ou "objetos da graça"] a si no Amado" (Efésios 1:4-6).

Obediência, um Sinal Indispensável da Obra Salvífica do Espírito

"Em santificação do Espírito". É por meio das operações graciosas e eficazes do Espírito que a nossa eleição por Deus Pai tem efeito (veja 2 Tessalonicenses 2:13). As palavras "santificação do Espírito" têm referência à Sua obra de regeneração, pela qual somos vivificados (feitos vivos), ungidos e consagrados ou separados para Deus. A ideia subjacente de santificação é quase sempre a de separação. Pelo novo nascimento, nós somos distinguidos daqueles que estão mortos em pecado. As palavras "para a obediência" aqui em 1 Pedro 1:2 significam que, pelo chamado eficaz do Espírito, somos sujeitos ao chamado de autoridade do Evangelho (cf. 1 Pedro 1:22; Romanos 10:1, 16) e, posteriormente, para os seus preceitos. A eleição nunca promove licenciosidade, mas sempre produz santidade e boas obras (Efésios 1:4, 2:10). O Espírito regenera os pecadores para uma nova vida de amável submissão a Cristo, e não a uma vida de autossatisfação. Quando o Espírito santifica a alma, é a fim de que ela possa adornar o Evangelho por uma caminhada que é regulada por ele. É pela sua obediência que um cristão torna evidente a sua eleição pelo Pai, pois anteriormente ele era um dos "filhos da desobediência" (Efésios 5:6). Por sua nova vida de obediência, ele fornece a prova de uma obra sobrenatural do Espírito em seu interior.

“E aspersão do sangue de Jesus Cristo”. É importante que nós entendamos a distinção entre a aspersão do sangue de Cristo e o derramamento dele (Hebreus 9:22). O derramamento é em relação a Deus; enquanto que a aspersão é a sua aplicação ao crente, pela qual ele obtém o perdão e a paz de consciência (Hebreus 9:13-14, 10:22), e pelo que o seu serviço é prestado de maneira aceitável a Deus (1 Pedro 2:5).

Uma leitura cuidadosa de toda a epístola torna evidente que esses santos estavam passando por duras provas (veja 1 Pedro 1:6-7, 2:19-21, 3:16-18, 4:12-16, 5:8-9). Cristãos judeus (que evidentemente compunham a maioria daqueles a quem originalmente Pedro se dirigiu) já haviam sido severamente oprimidos, perseguidos, não tanto pelo mundo profano, quanto por seus próprios irmãos segundo a carne. Quão amargo e feroz era o ódio daqueles judeus incrédulos demonstrado não somente a partir do caso de Estevão, mas pelo que o apóstolo Paulo sofreu nas mãos deles (2 Coríntios 1:24-26). Como forma de incentivo, o apóstolo Paulo deliberadamente lembrou seus irmãos hebreus das perseguições que ele já havia sofrido por amor de Cristo. “Lembrai-vos, porém, dos dias passados, em que, depois de serdes iluminados, suportastes grande combate de aflições... e com alegria permitistes o roubo dos vossos bens” (Hebreus 10:32-34). Ao mantermos esse fato em mente, uma melhor compreensão é tida sobre muitos dos detalhes do livro de Hebreus. Além disso, isso se torna mais evidente porque Pedro tem muito a dizer sobre a aflição e porque ele se refere com tanta frequência aos sofrimentos de Cristo. Seus irmãos

estavam em necessidade de um estímulo cordial que pudesse encorajá-los à resiliência heroica. Portanto, ele alongou-se sobre os aspectos da verdade divina mais adequados a encorajar a alma, fortalecer a fé, inspirar a esperança e produzir firmeza e boas obras.

Esta Oração é uma Doxologia, Uma Expressão de Puro Louvor a Deus

Em segundo lugar, examinemos a sua natureza. É um tributo de louvor. Nesta oração, o apóstolo não está suplicando a Deus, antes está oferecendo adoração a Ele! Esse é tanto o nosso privilégio quanto o dever, enquanto nós derramamos as nossas necessidades diante dEle; sim, um deve sempre ser acompanhado pelo outro. É “com ações de graças” que somos convidados a fazer com que as nossas “petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus” (Filipenses 4:6). E isso é precedido pela exortação: “Regozijai-vos sempre no Senhor”, cuja alegria deve encontrar a sua expressão em gratidão e por atribuir a glória a Ele. Se nós somos adequadamente afetados pelas bênçãos de Deus, não podemos deixar de bendizer o doador delas. No versículo 2, Pedro mencionou alguns dos mais notáveis e abrangentes de todos os benefícios divinos, e esta exclamação: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo!” é o eco, ou melhor, o reflexo do coração do apóstolo Pedro, em resposta à maravilhosa graça de Deus por si e pelos seus irmãos. Esta doxologia especial também deve ser considerada como um reconhecimento devoto dos favores inestimáveis que Deus concedeu aos Seus eleitos, como ampliado no versículo 3. Enquanto o apóstolo refletia sobre as gloriosas bênçãos concedidas

aos pecadores merecedores do inferno, seu coração foi inclinado à adoração fervorosa ao benigno autor delas.

Assim pode ser, e assim deve ser, com os cristãos hoje. Deus não tem filhos mudos (Lucas 17:7). Eles não somente clamam a Ele dia e noite, em sua aflição, mas eles frequentemente O louvam por Sua excelência e dão graças por Seus benefícios. Enquanto eles meditam sobre a Sua grande misericórdia, em tê-los gerado para uma viva esperança, enquanto antecipam, pela fé, a herança gloriosa que, para eles, está reservada nos céus e enquanto percebem estes fluxos do favor soberano de Deus vindo a eles através da morte e ressurreição do Seu Filho amado, eles bem podem exclamar: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo!”. Doxologias, então, são expressões de santa alegria e de homenagem em adoração. Em relação ao termo especial bem-dito, Ellicott mui proveitosamente observa:

Esta forma da palavra grega é consagrada a Deus somente (Marcos 14:61; Romanos 9:5; 2 Coríntios 11:31). É uma palavra completamente diferente de “bem-aventurado” ou “feliz” das bem-aventuranças e diferente de “bem-aventurada”, que é dito sobre a mãe de nosso Senhor em Lucas 1:28, 42. Esta forma do termo [em 1 Pedro 1:3] implica que essa bênção é sempre devida em consideração a algo inerente à pessoa, enquanto aquelas outras formas do termo apenas implicam uma bênção que foi *recebida*.

Assim, vemos mais uma vez quão minuciosamente distintiva e precisa é a linguagem da Sagrada Escritura.

O Glorioso Objeto de Louvor

Em terceiro lugar, nós contemplamos o seu objeto. Esta doxologia é dirigida ao “Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”, o que é explicado por Calvino, assim:

Porque, como anteriormente, ao chamar a Si mesmo o Deus de Abraão, Ele quis evidenciar a diferença entre Ele e todos os falsos deuses; assim, depois que Ele se manifestou em Seu próprio Filho, Sua vontade é não ser conhecido de outro modo, a não ser nEle. Daí, aqueles que formam suas ideias sobre Deus em Sua pura majestade, à parte de Cristo, tem um ídolo em vez do verdadeiro Deus, como é o caso dos judeus e dos turcos [isto é, dos maometanos, aos quais podemos acrescentar os unitaristas]. Todo aquele que, então, procura realmente conhecer ao único Deus verdadeiro, deve considerá-lo como o Pai de Cristo.

Além disso, em Salmos 72:17 é predito sobre Cristo que “os homens serão abençoados nele” e que “todas as nações o chamarão bem-aventurado”. Diante disso, o cantor sagrado irrompe nesse louvor em adoração: “Bendito seja o Senhor Deus, o Deus de Israel, que só ele faz maravilhas” (v. 18). Essa foi a forma de doxologia do Antigo Testamento (cf. 1 Reis 1:48; 1 Crônicas 29:10); mas a doxologia no Novo Testamento (2 Coríntios 1:3; Efésios 1:3) é expressa em termos da autorrevelação da divindade feita na pessoa de Jesus Cristo: “Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou” (João 5:23).

Aqui, Deus Pai não é visto absolutamente, mas relativamente, isto é, como o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Nosso Senhor é contemplado em Seu caráter de Mediador, ou seja, como o Filho eterno

investido de nossa natureza. Como tal, o Pai nomeou e enviou-O em Sua missão redentora. Nessa qualidade e ofício, o Senhor Jesus O confessou e O serviu, como o Seu Deus e Pai. Desde o início Ele esteve envolvido nos negócios de Seu Pai, sempre fazendo as coisas que eram agradáveis à Sua vista. Ele foi governado em todas as coisas pela Palavra de Deus. Yahwéh era sua “porção” (Salmos 16:5), Seu “Deus” (Salmos 22:1), Seu “tudo”. Cristo estava submisso a Ele (João 6:38, 14:28): a cabeça de Cristo é Deus (1 Coríntios 11:3). Na forma de aliança, também, Ele era e é o Deus e Pai de Cristo (João 20:17), não somente enquanto Cristo esteve aqui na terra, mas mesmo agora que Ele está no céu. Isso é claro a partir da promessa de Cristo depois de Sua ascensão: “A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca sairá; e escreverei sobre ele o nome do *meu* Deus” (Apocalipse 3:12). No entanto, essa subordinação oficial de Cristo a Deus Pai em nenhum aspecto milita contra e nem modifica a Sua igualdade essencial com Ele (João 1:1-3, 5:23, 10:30-33).

Pelo Fato de Deus Ser o Pai de Nosso Fiador, Ele é Também Nosso Pai

Deve ser observado atentamente que o louvor aqui é prestado não ao “Deus e Pai do Senhor Jesus Cristo”, mas de “nosso Senhor Jesus Cristo”. Em outras palavras, a relação de Deus conosco é determinada por Sua relação com o nosso Fiador. Ele é o Deus e Pai dos pecadores somente em Cristo. Ele é adorado como o cabeça da aliança e o Salvador dos Seus eleitos, que estão nEle. Este é um ponto de suma importância: a conexão que a igreja mantém com Deus é estabelecida

por aquela relação do Redentor com Deus, pois ela é de Cristo, e Cristo é de Deus (1 Coríntios 3:23). O título “Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” é a designação cristã peculiar e característica da divindade, este título contempla-O como o Deus da redenção (Romanos 15:6; 2 Coríntios 11:31; Colossenses 1:3). Quando um israelita O chamava como “o Deus de Abraão, Isaque e Jacó”, ele O reconhecia e confessava não somente como o Criador e Governador moral do mundo, mas também como o Deus que possuía uma aliança com sua nação. Assim, quando o cristão O chama de “o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”, ele O reconhece como o autor da eterna redenção por meio do Filho encarnado, que voluntariamente tomou o lugar de subserviência e dependência nEle. No mais elevado sentido da palavra, Deus não é o Pai de nenhum homem até que ele se una Àquele a quem Ele comissionou e enviou para ser o Salvador dos pecadores, o único Mediador entre Deus e os homens.

A linguagem com a qual Deus é aqui adorado explica como é que Ele pode ser tão amável e generoso para com o Seu povo. Todas as bênçãos vêm de Deus para as criaturas. Ele é quem lhes deu a existência e supre as suas várias necessidades. Igualmente assim, todas as bênçãos espirituais procedem de Deus (Efésios 1:3; Tiago 1:17). O Altíssimo é “benigno até para com os ingratos e maus” (Lucas 6:35). Mas as bênçãos espirituais são derramadas a partir dEle não simplesmente como Deus, nem da parte do Pai absolutamente, mas a partir do “Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”. No que segue, o apóstolo faz

menção à Sua grande misericórdia ao referir-se ao fato de Ele gerar os eleitos para uma viva esperança e para uma herança que transcende infinitamente todo bem terreno. Deus é aqui reconhecido no caráter especial no qual Ele concede tais favores. Se for perguntado, como pode um Deus santo abençoar homens pecadores com tais bênçãos? A resposta é, como “o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”. É porque Deus se agrada do Redentor que Ele se agrada dos redimidos. A obra de Cristo mereceu tal recompensa, e Ele a compartilha com aqueles que Lhe pertencem (João 17:22). Tudo vem para nós do Pai, por meio do Filho.

Sua Grande Misericórdia, a Causa da Eleição da Graça

Em quarto lugar, vamos refletir sobre a sua atribuição, que é encontrada na frase “sua grande misericórdia”. Assim como Deus não elegeu porque previu que qualquer um se arrependeria e criaria salvificamente no Evangelho — pois estes são os efeitos de Seu chamado invencível, o que por sua vez é a consequência, e não a causa da eleição — mas sim “de acordo com seu próprio propósito” (2 Timóteo 1:9). Nem Ele regenerou por causa de quaisquer méritos pertencentes aos sujeitos deste, mas apenas por Sua própria vontade soberana (Tiago 1:18). Sua grande misericórdia é aqui contrastada com os nossos grandes deméritos, e na medida em que estamos sensíveis aos nossos deméritos, seremos movidos a prestar louvor à Sua grande misericórdia. Tão terrível é o nosso caso por causa do pecado que nada, a não ser a misericórdia

divina, pode socorrê-lo. Atentem para as palavras de C.H. Spurgeon:

Nenhum outro atributo teria nos ajudado, se a misericórdia fosse negada. De acordo com o que nós somos por natureza, a justiça nos condena, a santidade nos desaprova, o poder nos esmaga, a verdade confirma a ameaça da lei e a ira a cumpre. É a partir da misericórdia de Deus que todas as nossas esperanças começam. A misericórdia é necessária para o miserável, e ainda mais para o pecaminoso. A miséria e o pecado são totalmente unidos na raça humana, e a misericórdia aqui realiza as suas nobres ações. Meus irmãos, Deus graciosamente concedeu a Sua misericórdia para nós, e devemos reconhecer que, felizmente, no nosso caso, a Sua misericórdia tem sido uma grande misericórdia!

Nós estávamos contaminados com grande pecado, e somente a multidão das Suas benignidades poderia ter retirado esses pecados. Nós estávamos infectados com um mal abundante, e somente misericórdia transbordante alguma vez poderia nos curar de toda a nossa doença natural e fazer-nos encontrar o céu. Nós temos recebido graça abundante até agora; temos feito grandes saques no erário de Deus, e da Sua plenitude todos nós recebemos graça sobre graça. Onde abundou o pecado, superabundou a graça... Tudo em Deus existe em grande escala. Com Seu grande poder, Ele estremece o mundo. Como é grande em sabedoria, Ele controla as nuvens. Sua misericórdia

é compatível com Seus outros atributos: é a misericórdia divina, misericórdia infinita! Você poderia medir a Sua divindade antes que pudesse contabilizar a Sua misericórdia. Ela bem pode ser chamada de “grande”, visto que ela é infinita. Ela sempre será grande, pois tudo o que pode ser extraído de lá será apenas como a gota de um balde no próprio mar. A misericórdia que lida conosco não é a misericórdia do homem, mas a misericórdia de Deus, e, portanto, uma misericórdia sem limites.^[8]

“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança”. Começaremos este capítulo com uma continuação de nossa análise da atribuição desta doxologia. Deus Pai é aqui visto como o cabeça pactual do Mediador e dos eleitos de Deus nEle, e é, portanto, chamado por Seu distintivo título cristão (veja, por exemplo, Efésios 1:3). Este título O apresenta como o Deus da redenção. “Grande misericórdia” é atribuída a Ele. Esta é uma das Suas perfeições inefáveis, mas o Seu exercício, como de todos os Seus outros atributos, é determinado por Sua própria vontade imperial (Romanos 9:15). Muito se fala na Escritura sobre essa excelência divina. Lemos sobre Sua “misericórdia” (Lucas 1:78). Davi declara: “Pois grande é a tua misericórdia” (Salmos 86:13); “Pois tu, Senhor, és... abundante em misericórdia” (Salmos 86:5). Neemias fala de Sua “grande misericórdia” (Neemias 9:27). Ouça Davi descrever o efeito de meditar sobre esse atributo, enquanto ele o tinha experimentado praticamente, sobre sua adoração: “Porém eu entrarei em tua casa pela

grandeza da tua misericórdia; e em teu temor me inclinarei para o teu santo templo” (Salmos 5:7). Bendito seja o Seu nome porque “a sua misericórdia dura para sempre” (Salmos 107:1). Bem, então cada crente pode se unir ao salmista, ao dizer: “Eu, porém, cantarei... a tua misericórdia” (Salmos 59:16). Para este atributo especial os santos transgressores devem olhar: “apaga as minhas transgressões, segundo a multidão das tuas misericórdias” (Salmos 51:1).

A Misericórdia Geral e Especial de Deus Devem Ser Distinguidas

Deve ser pontuado que há tanto uma misericórdia geral quanto uma especial. Essa distinção é necessária e importante, e até mesmo algo vital; pois muitas pobres almas estão contando com a primeira, em vez de olhar pela fé para esta última. “O Senhor é bom para todos, e as suas misericórdias são sobre todas as suas obras” (Salmos 145:9). Considerando quanta maldade abunda neste mundo, o homem cujo coração é contrito e possui discernimento pode dizer com o salmista: “A terra, ó Senhor, está cheia da tua benignidade...” (Salmos 119:64). Para o bem de nossas almas, é essencial que compreendamos a distinção revelada na Palavra de Deus entre essa misericórdia geral e a misericórdia especial de Deus em relação aos Seus eleitos. Em virtude de Sua eminência como um dom de Deus, Cristo é denominado como a “*misericórdia* a nossos pais” (Lucas 1:72). Quão acertadamente o salmista declara: “Porque a tua misericórdia se estende até aos céus” (Salmos 108:4; cf. Efésios 4:10); pois ali o propiciatório de Deus é encontrado (veja Hebreus 9,

especialmente vv. 5, 23, 24), sobre o qual o Salvador exaltado está agora assentado, dispensando os frutos de Sua obra redentora. É para lá que a alma condenada e sobrecarregada pelo pecado deve olhar por misericórdia salvífica. Concluir que Deus é misericordioso demais para condenar alguém eternamente é uma ilusão com que Satanás fatalmente engana multidões. A misericórdia do perdão é obtida somente através da fé no sangue expiatório do Salvador. Rejeite-O, e a condenação divina é inevitável.

Esta Misericórdia é Grande porque Ela é uma Misericórdia Pactual

A misericórdia aqui celebrada por Pedro é mui claramente particular e distintiva. É aquela do “Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”, e flui para aqueles a quem Ele concedeu o Seu favor “pela [por meio da] ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos”. É entre essas duas frases que encontramos estas palavras firmemente apresentadas: “que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança”. Assim, esta é uma misericórdia pactual, misericórdia redentora, misericórdia regeneradora. Ela é justamente denominada “grande misericórdia”, especialmente tendo em vista o seu doador. Pois essa abundante misericórdia é concedida a partir do autossuficiente Yahwéh, que é infinito e imutavelmente bendito em Si mesmo, que não teria sofrido nenhuma perda pessoal se Ele houvesse abandonado toda a raça humana à destruição. Foi somente por causa de Sua boa vontade que Ele assim não o fez. Ela é vista como uma “grande misericórdia” quando olhamos o caráter de seus

objetos, ou seja, rebeldes depravados, cujas mentes eram inimigas contra Deus. Também fica evidente que ela é uma “grande misericórdia” quando contemplamos a natureza de suas bênçãos peculiares. Tais bênçãos não aquelas comuns e temporais, como saúde, força, sustento e preservação, as quais são concedidas até mesmo aos ímpios, mas consistem em benefícios espirituais, celestiais e eternos, tais quais nunca haviam sido concebidos na mente de qualquer homem.

Ainda é mais vista assim, como “grande misericórdia”, quando contemplamos os meios através dos quais essas bênçãos são encaminhadas para nós: “pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos”, o que pressupõe necessariamente Sua encarnação e crucificação. Que outra linguagem, senão “grande misericórdia”, poderia adequadamente expressar o Pai enviando o Seu Filho amado para tomar sobre Si a forma de servo, assumir a Si mesmo em carne e osso e de ter nascido em uma manjedoura, tudo para o bem daqueles cujas inumeráveis iniquidades mereciam o castigo eterno? Esse Ser bendito veio aqui para ser o Fiador do Seu povo, para pagar as suas dívidas, para sofrer em seu lugar, para morrer, o justo pelos injustos. Portanto, Deus não poupou Seu próprio Filho, mas chamou a espada da justiça para ferir O. Ele O entregou à maldição, para que pudesse nos dar “também com ele todas as coisas” (Romanos 8:32). Assim, ela é uma misericórdia justa, como o salmista declara: “A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se beijaram” (Salmos 85:10). Foi na cruz que os atributos aparentemente conflitantes da misericórdia e da justiça, do amor e da ira, da santidade e da paz se uniram, assim

como as várias cores da luz, quando separadas por um prisma natural de neblina, são vistas maravilhosamente unidas no arco-íris, o sinal e emblema da aliança (Gênesis 9:12-17; Apocalipse 4:3).

O Meditar sobre o Milagre do Novo Nascimento Evoca Louvor Fervoroso

Em quinto lugar, consideremos o incentivo desta doxologia, o qual é encontrado nas seguintes palavras: “que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança”. Foi a constatação de que Deus havia vivificado aqueles que estavam mortos em pecados que moveu Pedro a bendizê-LO com tanto fervor. As palavras “nos gerou” referem-se à regeneração deles. No decorrer do capítulo, o apóstolo descreve-os como tendo sido “de novo gerados” (v. 23) e no próximo capítulo dirige-se a eles como “meninos novamente nascidos” (1 Pedro 2:2). Uma vida nova e espiritual, divina em sua origem, foi dada a eles, forjada em suas almas pelo poder do Espírito Santo (João 3:6). Essa nova vida foi dada com o propósito de formar um novo caráter e para a transformação da conduta deles. Deus enviou o Espírito de Seu Filho aos seus corações, comunicando, assim, uma santa disposição, que, como o Espírito de adoção (Romanos 8:15), os inclinou a amá-LO. Isso é denominado: uma nova geração, não somente porque é nessa ocasião que a vida espiritual começa e que uma semente santa é implantada (1 João 3:9), mas também porque uma imagem ou semelhança dAquele que os gera novamente é transmitida (1 João 5:1). Como o caído Adão “gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem” (Gênesis 5:3), assim acontece com o cristão no

novo nascimento: “E vos vestistes do novo [homem], que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou” (Colossenses 3:10).

Nas palavras “nos gerou de novo”, há uma dupla alusão: uma comparação e um contraste. Em primeiro lugar, tal como Deus é a causa eficaz de nossa existência, assim Ele é também de nosso bem-estar; nossa vida natural vem de Deus, e assim também acontece com a nossa vida espiritual. Em segundo lugar, o apóstolo Pedro tem a intenção de distinguir o nosso novo nascimento do antigo. Em nossa primeira geração e nascimento, nós fomos concebidos em pecado e formados em iniquidade (Salmos 51:5); mas em nossa regeneração somos recriados “em verdadeira justiça e santidade” (Efésios 4:24). Pelo novo nascimento, somos libertos do poder reinante do pecado, pois, então, somos feitos “participantes da natureza divina” (2 Pedro 1:4). A partir de agora há um conflito perpétuo dentro do crente. Não somente a carne cobiça contra o espírito, mas o espírito cobiça contra a carne (Gálatas 5:17). Não é suficientemente reconhecido e compreendido que a nova natureza ou princípio da graça necessariamente faz guerra contra a velha natureza ou princípio do mal. Esta geração espiritual é atribuída à “grande misericórdia” de Deus, pois ela não foi induzida por nada em ou de nós. Nós não tivemos nem mesmo um desejo por Ele; em todos os casos, Ele é capaz de declarar: “Fui achado daqueles que não me buscavam” (Isaías 65:1; cf. Romanos 3:11). Como crentes O amam porque Ele os amou primeiro (1 João 4:19), da mesma forma eles não se tornam buscadores de Cristo até que Ele primeiro os

procure e eficazmente os chame (Lucas 15; João 6:44, 10:16).

Esta geração acontece de acordo com a grande misericórdia de Deus. A misericórdia foi mais eminentemente demonstrada aqui. Pois a regeneração é a bênção fundamental de toda a graça e glória, sendo a primeira manifestação pública de que os eleitos recebem do amor de Deus por eles. “Mas quando apareceu a benignidade e amor de Deus, nosso Salvador, para com os homens, não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo” (Tito 3:4-5). Como Thomas Goodwin expressou tão bem:

O amor de Deus é como um rio ou nascente, que corre no subsolo, e assim tem feito desde a eternidade. Quando ele rompe em primeiro lugar? Quando um homem é eficazmente chamado, então, este rio, que esteve subterrâneo desde a eternidade, por meio de Cristo na cruz, irrompe no próprio coração de um homem.

É então que somos, experimentalmente, feitos filhos de Deus, recebidos em Seu favor e conformados à Sua imagem. Aí está uma notável demonstração de Sua benignidade. No novo nascimento, o amor de Deus é derramado no coração, e este é a introdução, bem como o seguro penhor de todas as outras bênçãos espirituais, para o tempo e para a eternidade. Como o amor de Deus, ao predestinar, garante nosso chamado eficaz ou regeneração, assim a regeneração garante a nossa justificação e glorificação (Romanos 8:29-30).

A Obra Divina da Regeneração Precede o Nosso Arrependimento de Fé

Refaçamos agora os nossos passos, seguindo novamente sobre o fundamento que tratamos, mas na ordem inversa. Até que uma alma seja nascida de Deus não podemos ter qualquer apreensão espiritual da misericórdia divina. Antes de este milagre da graça acontecer, ela está possuída, em maior ou menor medida, de um espírito farisaico. Bendizer sinceramente a Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo por Sua grande misericórdia é o reconhecimento sincero de alguém que se afastou com repugnância dos trapos imundos de sua justiça própria (Isaías 64:6) e que não deposita nenhuma confiança na carne (Filipenses 3:3). É igualmente verdade que nenhuma pessoa não regenerada já tem a sua consciência aspergida com o sangue apaziguador de Cristo, pois até que a vida espiritual seja transmitida, arrependimento evangélico e fé salvífica são moralmente impossíveis. Portanto, não pode haver compreensão de nossa desesperada necessidade de um Salvador, ou qualquer confiança real nEle, até que sejamos vivificados (feitos vivos) pelo Espírito Santo (Efésios 2:1), ou seja, nascermos de novo (João 3:3). Ainda mais evidente é que, desde que uma pessoa permanece morta em pecado, com sua mente posta em inimizade contra Deus (Romanos 8:7), não pode haver obediência aceitável a Ele; porque Ele nem se ilude nem é subornado por rebeldes. E certo é que ninguém que está apaixonado pelos enfeites coloridos deste mundo se comportará como “estrangeiros e peregrinos sobre a terra”; pois estão perfeitamente em casa aqui.

A Regeneração Produz uma Viva Esperança

“Nos gerou de novo para uma viva esperança”. Este é o imediato efeito e fruto do novo nascimento, e é uma das marcas características que distinguem os regenerados dos não regenerados. Esperança sempre diz respeito a algo futuro (Romanos 8:24-25), sendo uma grande expectativa de algo desejável, uma antecipação de um bem prometido, seja real ou imaginário. O coração do homem natural é grandemente inconstante e seus espíritos sempre contemplan cenários em que alguma melhoria em sua sorte aumentará a sua felicidade neste mundo. Mas, na maioria dos casos, as coisas sonhadas jamais se materializam, e mesmo quando o fazem o resultado é sempre decepcionante. Pois nenhuma satisfação real da alma pode ser encontrada em qualquer coisa debaixo do sol. Se tais almas desiludidas têm estado sob a influência da religião criada pelo homem, então elas tentarão se convencer a olhar para a frente, esperando por algo muito melhor para eles mesmos no futuro. Mas tais expectativas provarão ser igualmente vãs, pois elas são apenas as fantasias carnis de homens carnis. A falsa esperança do ímpio (Jó 8:13), a esperança presunçosa de quem não reverencia a santidade de Deus e nem teme a Sua ira, mas ainda assim conta com a Sua misericórdia, e a esperança morta de alguém que apenas professa a fé, mas não possui a graça, apenas zombarão de seus possuidores.

A Esperança do Cristão é Tanto Viva Quanto Vivificante

Em contraste com as expectativas ilusórias acarinhadas pelo não regenerado, os eleitos de Deus são

gerados de novo para uma esperança real e substancial. Essa esperança, que preenche suas mentes e age sobre suas vontades e afeições (assim alterando radicalmente a orientação de seus pensamentos, palavras e ações), é baseada nas promessas objetivas da Palavra de Deus (que são resumidas no v. 4). Na maior parte de suas ocorrências, o particípio adjetivo grego *zao* (viver; nº 2198, no Dicionário Grego de Strong) é traduzido como “vivificante”, embora em Atos 7:38 (como aqui em 1 Pedro 1:3) ele é traduzido por “viva”. Ambos os significados são precisos e apropriados neste contexto. A esperança do cristão é segura e firme (Hebreus 6:19), pois repousa sobre a palavra e juramento dAquele que não pode mentir. É o dom da graça divina (2 Tessalonicenses 2:16), um fruto do Espírito (Romanos 5:1-5), inseparavelmente ligado à fé e ao amor (1 Coríntios 13:13). É uma esperança viva porque ela é exercida por uma alma vivificada, sendo um exercício da nova natureza ou princípio da graça recebida na regeneração. É uma esperança vivificante porque ela tem a vida eterna como o seu objeto (Tito 1:2). Que gloriosa mudança ocorreu antes de sermos gerados de Deus, muitos de nós éramos cativos de “uma certa expectativa horrível de juízo” (Hebreus 10:27), e, com medo da morte, éramos por “por toda a vida sujeitos à servidão” (Hebreus 2:15). Ela também é chamada de “uma viva esperança”, porque é imperecível, uma que olha e dura para além do túmulo. Se a morte alcançar aquele que possui tal esperança, longe de frustrá-lo, antes antecipa sua fruição.

Essa esperança interior do crente não é apenas uma esperança viva, mas vivificante, pois ela é como a fé e o amor, um princípio ativo em sua alma, encorajando-o à paciência, à firmeza e à perseverança no caminho do dever. Nisso ela difere radicalmente da esperança morta dos formalistas religiosos e professos vazios, porque a “fé” deles nunca os estimula à atividade espiritual ou não produz nada para distingui-los dos mundanos respeitáveis que não fazem nenhuma profissão de fé. É a posse e o exercício dessa viva esperança que dão demonstração de que temos sido “gerados de novo”. Por geração divina, uma vida espiritual é comunicada, e essa vida se manifesta por desejos pelas coisas espirituais, por uma busca de satisfação em objetos espirituais e por um desempenho alegre dos deveres espirituais. A autenticidade e a realidade dessa “viva esperança” são, por sua vez, evidenciadas por sua produção de uma prontidão para a negação de si mesmo e pelo suportar das aflições, assim agindo como “âncora da alma” (Hebreus 6:19) em meio às tempestades da vida. Essa esperança distingue-se ainda mais ao purificar o seu possuidor. “E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (1 João 3:3). É também uma “viva esperança” na medida em que anima e vivifica o seu possuidor; pois, enquanto ele vê o bendito alvo, a coragem é transmitida e a inspiração é concedida, habilitando-o a perseverar até o fim de suas tribulações.

A Virtude Salvífica da Ressurreição de Cristo

Em sexto lugar, consideremos o reconhecimento desta oração, ou seja, “a ressurreição de Jesus Cristo”. A

partir da posição ocupada por essas palavras, é claro que elas estão relacionadas e governam as palavras anteriores, bem como o versículo que se segue. Igualmente óbvio é que a ressurreição de Cristo implica a Sua vida e morte anteriores, embora cada uma possua seu próprio valor distintivo e virtude. A conexão entre a ressurreição de Cristo e o exercício da grande misericórdia de Deus Pai, ao trazer-nos da morte para a vida, e por colocar em nossos corações uma viva esperança, e por nos trazer para uma herança gloriosa, é algo mui real e profundo, e como tal exige a nossa atenção devota. O Salvador ressuscitado dentre os mortos foi a prova crítica da origem divina de Sua missão e, portanto, uma confirmação do Seu Evangelho; foi o cumprimento das profecias do Antigo Testamento a respeito dEle, e, assim, foi provado que Ele é o Messias prometido; foi a realização de Suas próprias previsões, e, assim, foi certificado que Ele é um verdadeiro profeta. Isso foi determinante para o contexto estabelecido entre Ele e os líderes judeus. Eles O condenaram à morte como um impostor, mas, pela restauração do templo do Seu corpo em três dias, Cristo demonstrou que eles eram mentirosos. Ele testemunhou a aceitação pelo Pai de Sua obra redentora.

Há, no entanto, uma ligação muito mais estreita entre a ressurreição de Cristo dentre os mortos e a esperança da vida eterna que está estabelecida diante de Seu povo. Seu ressurgimento em triunfo a partir do sepulcro forneceu indubitável prova da eficácia do Seu sacrifício propiciatório, pelo qual Ele havia retirado os pecados daqueles por quem ele foi oferecido. Isso sendo

cumprido, pela Sua ressurreição, Cristo trouxe justiça eterna (Daniel 9:24), garantindo, assim, para o Seu povo a recompensa eterna, devida a Ele por Seu cumprimento da lei de Deus, por Sua própria obediência perfeita. Ele, que foi entregue à morte por nossos pecados, ressuscitou para nossa justificação (Romanos 4:25). Ouçam as palavras de John Brown (a quem, devido ao comentário sobre 1 Pedro, eu devo muito):

Quando Deus “tornou a trazer dentre os mortos o nosso Senhor Jesus, grande pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança”, Ele manifestou como sendo “o Deus de paz”, a divindade pacificada. Ele “o ressuscitou dentre os mortos, e lhe deu glória, para que a vossa fé e esperança estivessem em Deus” (1 Pedro 1:21). Se Jesus não tivesse ressuscitado, a nossa fé seria vã, e permaneceríamos nos nossos pecados (1 Coríntios 15:17) e sem esperança. Mas agora que Ele ressuscitou,

*Nosso Fiador libertado, nos declara livres,
Por nossas ofensas Ele foi aprisionado;
Em Sua libertação, vemos a nossa própria
libertação,*

E nos alegamos em ver Yahwéh satisfeito.

Mas mesmo isso não é tudo. A ressurreição de nosso Senhor deve ser vista não apenas em conexão com Sua morte, mas com a glória que se seguiu. Ressurreto dentre os mortos, Ele recebeu “poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste”.^[9] Como isso é designado para incentivar a esperança, pode ser facilmente

apreendido: “Porque ele vive, nós também viveremos”. Tendo as chaves da morte e do mundo invisível, Ele pode e vai ressuscitar-nos da morte e dar-nos a vida eterna. Ele está sentado à direita de Deus. “Porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória”.^[10] Ainda não estamos na posse da herança; mas Ele, nossa cabeça e representante, está: “Mas agora ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas”.^[11] Quanto ao capitão de nossa salvação, “Vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus... por causa da paixão da morte”.^[12] A ressurreição de Cristo, quando considerada em referência à morte que a precedeu e a glória que a seguiu, é o grande meio de produção e fortalecimento da esperança da vida eterna.

Pela fé, contemple agora Cristo sentado à direita da Majestade nas alturas, de onde Ele está administrando todo o desenrolar daquela redenção que Ele consumou. “Deus com a sua destra o elevou a Príncipe e Salvador, para dar a Israel [espiritual] o arrependimento e a remissão dos pecados” (Atos 5:31).

Mais especificamente, a ressurreição de Cristo não é somente a base jurídica sobre a qual Deus Pai imputa a justiça de Cristo aos pecadores crentes, mas também é o mandado legal sobre o qual o Espírito Santo passa a regenerar aqueles pecadores a fim de que eles possam inicialmente crer em Cristo, se converterem dos seus pecados e serem salvos. Infelizmente, como tantos

outros pontos mais complexos da doutrina do Evangelho, isso é pouco compreendido hoje. O espírito de um homem deve ser ressuscitado de sua morte no pecado antes que seu corpo seja o sujeito de uma ressurreição em glória no último dia. E enquanto o Espírito Santo é aquele que vivifica espiritualmente os eleitos de Deus, deve ser lembrado que Ele é enviado, para fazer a Sua obra de salvação, pelo poder real de Cristo ressuscitado, a Quem a autoridade foi dada como recompensa de Sua obra consumada (Mateus 28:18; Atos 2:33; Apocalipse 3:1). Em Tiago 1:18, o novo nascimento é rastreado de volta até a soberana vontade do Pai. Em Efésios 1:19 e seguintes, o novo nascimento e suas graciosas consequências são atribuídos à operação graciosa do Espírito. Aqui em nosso texto, ao relatar a grande misericórdia do Pai, esta é atribuída à virtude do triunfo de Cristo sobre a morte. Deve ser observado que a própria ressurreição de Cristo é descrita como gerá-lo (Salmos 2:7; cf. Atos 13:33), enquanto que a nossa ressurreição espiritual é chamada de regeneração (Tito 3:5). Cristo é expressamente chamado de “o primogênito dentre os mortos” (Apocalipse 1:5). Assim Ele é chamado porque a Sua ressurreição marcou um novo começo para Ele e para o Seu povo.

Devemos lembrar que essa epístola é dirigida àqueles que são estrangeiros, dispersos (v. 1). Mui apropriada, então, é essa referência à geração divina dos eleitos de Deus, pois é pela geração graciosa do Espírito Santo que os eleitos são constituídos estrangeiros ou peregrinos (ou seja, residentes temporários deste mundo), tanto no coração quanto na conduta. O Senhor

Jesus era um estranho aqui (Salmos 69:8), pois Ele era o Filho do Deus do céu; e assim também é o Seu povo, pois eles têm o Seu Espírito dentro deles. Como esse entendimento reforça esse milagre da graça! A geração divina não é apenas uma doutrina, mas a comunicação real para a alma da própria vida de Deus (João 1:13). Anteriormente, o cristão esteve no e do mundo, mas agora a sua “cidade está nos céus” (Filipenses 3:20). Doravante a sua confissão é: “Eu sou um peregrino na terra” (Salmos 119:19). Para a alma renovada por Deus, este mundo se torna um deserto estéril. Pois sua herança, a sua casa, está no alto e, portanto, ele agora vê as coisas temporais e naturais sob uma luz muito diferente.

Os Grandes Interesses da Alma Regenerada são Alheios a este Mundo

Os principais interesses de uma alma verdadeiramente nascida de novo não residem nesta esfera mundana. Suas afeições estarão estabelecidas nas coisas de acima; e, na proporção em que elas são assim, seu coração é separado deste mundo. Sua estranheza é uma marca essencial que distingue os santos dos ímpios. Aqueles que cordialmente abraçam as promessas de Deus são devidamente afetados por elas (Hebreus 11:13). Um dos efeitos seguros da graça divina na alma é separar o seu possuidor, tanto no espírito quanto na prática, do mundo. Seu prazer em coisas celestiais se manifesta em seu ser desapegado das coisas terrenais, assim como a mulher no poço deixou o balde para trás quando ela obteve de Cristo a água viva (João 4:28). Tal espírito o constitui um estrangeiro entre

os adoradores de Mamom. Ele é moralmente um estrangeiro em uma terra estranha, cercado por aqueles que não o conhecem (1 João 3:1), porque não conhecem seu Pai. Eles também não entendem as suas alegrias ou tristezas, não valorizam os princípios e motivos que o mobilizam; pois as atividades e prazeres deles são radicalmente diferentes das suas. Não, ele se vê no meio de inimigos que o odeiam (João 15:19), e não há ninguém com quem ele tenha comunhão salvo com os poucos que “obtiveram fé igualmente preciosa” (2 Pedro 1:1).

Entretanto, apesar de não haver nada neste deserto mundano para o cristão, ele tem sido “gerado de novo para uma viva esperança”. Anteriormente, ele via a morte com horror, mas agora percebe que ela proverá uma bendita libertação de todo pecado e tristeza e abrirá a porta para o paraíso. O princípio da graça recebido no novo nascimento não apenas inclina seu possuidor a amar a Deus e a agir com fé em Sua Palavra, mas também o conduz a “não atentar nas coisas que se veem, mas nas que se não veem” (2 Coríntios 4:18), e a dirigir suas aspirações para longe do presente em direção ao seu futuro glorioso. Thomas Manton apropriadamente declara: “A nova natureza foi feita para um outro mundo, ela veio de lá e conduz a alma para lá”. A esperança é uma expectativa certa de um bom futuro. Enquanto a fé está em exercício, uma visão clara de felicidade posta diante do coração, e a esperança entra no gozo dela. Há uma viva esperança exercida dentro de um ambiente moribundo, e ela tanto apoia quanto revigora a todos nós que cremos. Enquanto mantém uma

atividade saudável, a esperança não somente nos sustenta em meio às provações desta vida, mas também nos eleva acima delas. Oh, que os corações fossem mais engajados em fazer antecipações alegres do futuro! Pois tais corações esperançosos nos vivificam ao dever e nos estimulam à perseverança. Proporcionalmente ao entendimento e à força da nossa esperança, nós seremos libertos do medo da morte.

A União com Cristo em Sua Ressurreição é a Causa da Nossa Regeneração

Agora, mais uma palavra deve ser dita sobre o fato de que a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos lança o fundamento para a nossa geração, pelo Pai, para esta viva esperança. A obra de Cristo, honrando a Deus, e a triunfante saída do túmulo foram a base legal não somente da justificação de Seu povo, mas também da regeneração deles. Misticamente, em virtude de sua união com Cristo na mente e no propósito de Deus, eles foram libertos de sua morte, nas mãos da lei, quando o Fiador ressuscitou dos mortos. “Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou *juntamente com Cristo* (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele...” (Efésios 2:4-6). Essas palavras se referem à união corporativa da igreja com seu cabeça e sua participação judicial em Sua vitória, e não a uma experiência individual. No entanto, uma vez que todos os eleitos ressuscitaram federalmente quando o seu representante ressuscitou, eles devem, no devido tempo, ser regenerados; uma vez que eles foram vivificados

legalmente, eles devem, no devido tempo, ser vivificados espiritualmente. Se Cristo não tivesse ressuscitado, ninguém teria sido vivificado (1 Coríntios 15:17); mas porque Ele vive, eles também viverão.

Jesus vive, e assim eu viverei.

*Morte! teu agulhão se foi para sempre!
Aquele que Se dignou a morrer por mim,
Vive, para romper as cadeias da morte.*

*Ele me ressuscitou do pó:
Jesus é a minha esperança e confiança.*

A Vida que Está na Cabeça Deve Ser Comunicada aos Membros do Seu Corpo

A ressurreição de Cristo é a causa eficaz da nossa regeneração. O Espírito Santo não teria sido dado a menos que Cristo houvesse vencido o último inimigo (1 Coríntios 15:26), e voltado para o Pai: “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós... Para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios por Jesus Cristo, e para que pela fé nós recebamos a promessa do Espírito” (Gálatas 3:13-14). As questões da regeneração estão tão verdadeiramente relacionadas com a ressurreição de Cristo quanto as da nossa justificação, a qual é o resultado daquela fé salvífica em Cristo que só pode emanar a partir de um coração renovado pelo Espírito Santo. Ele obteve para o Seu povo o bendito Espírito para recriá-los para a graça e a glória. “Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo, que abundantemente ele derramou sobre nós *por* Jesus Cristo

nosso Salvador” (Tito 3:5-6). Deus, o Pai, derramou o Espírito Santo sobre nós em poder regenerador por causa dos méritos da vida, morte e ressurreição de Cristo, e em resposta à Sua mediação em nosso nome. O Espírito Santo está aqui para testemunhar de Cristo aos eleitos de Deus, para operar neles a fé em Cristo, a fim de que eles “abundem em esperança” (Romanos 15:12-13). Nossa libertação espiritual da sepultura da culpa, do poder e da contaminação do pecado é tanto devido à eficácia do triunfo de Cristo sobre a morte quanto será a nossa vivificação física no Seu retorno. Ele é “o primogênito entre muitos irmãos” (Romanos 8:29), sendo a própria vida de Cristo transmitida a eles quando são novamente gerados.

O Poder que Ressuscitou Cristo Fisicamente Ressuscita Pecadores Espiritualmente

A ressurreição de Cristo é também o protótipo dinâmico de nossa regeneração. O mesmo poder operado ao ressuscitar o corpo de Cristo é empregado no resgate de nossas almas da morte espiritual (Efésios 1:19-20, 2:1). O Senhor Jesus é designado “o primogênito dentre os mortos” (Apocalipse 1:5) porque Seu ressurgimento da sepultura não foi apenas o penhor, mas a semelhança, tanto da regeneração dos espíritos de Seu povo quanto da criação de seus corpos no último dia. A semelhança é óbvia. A geração é o começo de uma nova vida. Quando Cristo nasceu neste mundo, foi “em semelhança da carne do pecado” (Romanos 8:3). Embora intocado pela mancha do pecado original (Lucas 1:35) e sem mácula pela contaminação das transgressões atuais, Ele estava vestido de enfermidade

por causa da iniquidade imputada. Mas quando Ele se ergueu do túmulo de José, em poder e glória, foi em um corpo apropriado para o céu. Da mesma forma, na regeneração, recebemos uma natureza que nos faz adequados para o céu. Como Deus ressuscitando a Cristo testemunhou o Seu ser pacificado pelo sacrifício dEle (Hebreus 13:20), assim gerando-nos outra vez Ele nos garante nosso interesse pessoal nisso. Como a ressurreição de Cristo foi a grande prova de Sua filiação divina (Romanos 1:4), assim o novo nascimento é a primeira manifestação aberta de nossa adoção. Como a ressurreição de Cristo foi o primeiro passo para a Sua glória e exaltação, assim a regeneração é a primeira etapa de nossa entrada em todos os privilégios espirituais.

A Glorificação é o Objetivo da Regeneração

Nossa sétima consideração na análise desta doxologia é a sua substância: “Para uma herança incorruptível, incontaminável, e que não se pode murchar, guardada nos céus para vós” (v. 4). A regeneração tem como objetivo a glorificação. Nós somos gerados espiritualmente para duas realidades: uma viva esperança no presente e uma gloriosa herança no futuro. É pela geração de Deus que nós obtemos direito à glorificação. O direito a heranças vem por meio do nascimento: “Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus” (João 3:5). Se não somos filhos, então não podemos ser herdeiros; e temos que ser nascidos de Deus, a fim de nos tornarmos filhos de Deus. Mas, “se nós somos filhos, somos logo herdeiros

também, herdeiros de Deus, e coerdeiros de Cristo” (Romanos 8:17). A geração não apenas confere o direito, mas também garante a herança. O cristão já recebeu o Espírito, “o qual é o penhor da nossa herança” (Efésios 1:14). Como a parte de Cristo era adquirir a herança, assim a parte do Espírito é torná-la conhecida para os herdeiros; pois “as coisas que Deus preparou para os que o amam”, Ele “no-las revelou pelo seu Espírito” (1 Coríntios 2:9-10). Faz parte da esfera de atuação do Espírito Santo conceder doces antecipações aos regenerados daquilo que está guardado para eles e trazer um pouco da alegria celestial para o interior de suas almas na terra.

O Novo Nascimento nos Adequa Imediatamente para o Céu

A geração divina não somente concede o direito e garante a herança celestial, mas também concede uma adequação a ela. No novo nascimento, uma natureza que é adequada para a esfera celestial é concedida, o que qualifica a alma para habitar para sempre com o Deus três vezes santo (como é evidente a partir de sua presente comunhão com Ele); e, ao fim de sua peregrinação terrena, o pecado que habita interiormente (que agora dificulta a sua comunhão) morrerá com o corpo. Tudo isso é muito pouco percebido pelos santos na regeneração, a saber, que eles são imediatamente capacitados para o céu. Muitos deles, para a grave diminuição de sua paz e alegria, supõem que ainda devem passar por um processo de disciplina severa e refino antes que estejam prontos para entrar na cidade celestial. Isso é apenas mais uma relíquia do romanismo.

O caso do ladrão moribundo, que foi levado imediatamente desde o seu nascimento espiritual ao paraíso, deve dar-lhes um bom ensinamento. Mas isso não acontece. Assim, permanece a tendência legalista do coração, mesmo de um cristão, de forma que é muito difícil convencê-lo de que, na mesma hora em que nasceu de novo, ele foi habilitado para o céu, como sempre seria caso permanecesse na terra mais um século. Como é difícil para nós acreditarmos que nenhum crescimento na graça ou passar por tribulações ardentes é essencial para preparar as nossas almas para a casa do Pai.

Em nenhum lugar as Escrituras dizem que os crentes vão sendo preparados, ou gradualmente capacitados para o céu. O Espírito Santo declara expressamente que Deus Pai “segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo... para uma herança”. O que poderia ser mais claro? Nosso texto, por qualquer meio, sustenta-se sozinho. Os cristãos já foram feitos “participantes da natureza divina” (2 Pedro 1:4), e o que mais pode ser necessário para prepará-los para a presença divina? A Escritura declara enfaticamente: “Assim que já não és mais servo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiro de Deus por Cristo” (Gálatas 4:7). A herança é um direito inato ou patrimônio do filho. Falar de herdeiros que não são elegíveis para uma herança é uma contradição de termos. A nossa aptidão para a herança se baseia somente em sermos filhos de Deus. Assim como é verdade que se alguém não nascer de novo não pode entrar ou ver o reino de Deus, por outro lado, segue-se, necessariamente, que uma vez que

alguém nasceu de novo ele está qualificado para a entrada e o gozo do reino de Deus. Todo espaço para discussão sobre esse ponto é excluído por estas palavras, que expressam um aspecto das orações de Paulo de agradecimento em nome do Colossenses: “Dando graças ao Pai que nos fez [tempo passado] idôneos para participar da herança dos santos na luz” (Colossenses 1:12).

Pela Regeneração Nós Somos Unidos a Cristo

Pela regeneração somos feitos vitalmente um com Cristo e, assim, nos tornamos coerdeiros com Ele. A porção da noiva é a sua participação na porção do noivo. “E eu dei-lhes a glória que a mim me deste” (João 17:22), diz o Redentor dos Seus remidos. Isso também precisa ser enfatizado hoje, quando tanto erro ostenta-se como a verdade. Em suas tentativas fantasiosas de “manejar bem a Palavra”, os homens erroneamente dividiram a família de Deus. Alguns dispensacionalistas sustentam que não somente existe uma distinção de privilégios terrenos, mas que as mesmas distinções serão perpetuadas no mundo vindouro; que os crentes do Novo Testamento olharão para baixo a partir de uma posição superior a Abraão, a Isaque e a Jacó; que os santos que viveram e morreram antes de Pentecostes não participarão da glória da igreja nem entrarão na herança “guardada no céu para vós”. Afirmar que os santos desta era cristã ocuparão uma posição mais elevada e desfrutarão de privilégios mais grandiosos do que irão os de épocas anteriores é um erro grave e imperdoável, pois entra em conflito com os ensinamentos mais fundamentais da Escritura sobre o propósito do Pai, a redenção de Cristo e a obra do Espírito, e repudia as

características essenciais da grande salvação de Deus. Escrevendo às igrejas da Galácia, em grande parte composta de gentios, o apóstolo Paulo declara: “Sabei, pois, que os que são da fé são filhos de Abraão” (Gálatas 3:7). Este texto por si só é suficiente para provar que o caminho da salvação de Deus nunca mudou essencialmente.

Todos os eleitos de Deus são participantes comuns das riquezas de Sua graça maravilhosa, vasos que Ele “de antemão preparou para a glória” (Romanos 9:23), a quem Ele predestinou para serem “conformes à imagem de seu Filho” (Romanos 8:29). Cristo agiu como o Fiador de toda a eleição da graça, e o que Sua obra meritória garantiu para um deles necessariamente garantiu para todos. Os santos de todas as épocas são coerdeiros. Cada um deles foi predestinado pelo mesmo Pai (João 6:37; 10:16, 27-30; 17:2, 9-12, 20-24); cada um deles foi regenerado pelo mesmo Espírito (Efésios 4:4), cada um deles olhou para e confiou no mesmo Salvador. A Escritura não conhece a salvação que seja alheia aos coerdeiros com Cristo. Aqueles a quem Deus dá o Seu Filho, ou seja, toda companhia de Seus escolhidos desde Abel até o fim da história da terra, Ele também dá livremente todas as coisas (Romanos 8:32). Que tanto Abraão e Davi foram justificados pela fé é evidente a partir de Romanos 4, e não há destino mais elevado ou perspectiva mais gloriosa do que a perspectiva do que aquela à qual a justificação concede um direito pleno. A obra regeneradora do Espírito Santo é idêntica em todos os membros da família de Deus: gerando-os, qualificando-os para uma herança celestial. Todos aqueles que foram eficazmente chamados por Ele

durante a era do Antigo Testamento receberam “a promessa da herança eterna” (Hebreus 9:15). Filhos nascidos do céu devem ter uma porção celestial.

A Natureza de Nossa Herança Eterna

“Para uma herança incorruptível, incontaminável, e que não se pode murchar, guardada nos céus para vós”. A porção celestial reservada para o povo de Deus é aquela que está de acordo com a nova vida recebida na regeneração, pois é um estado de perfeita santidade e felicidade adequado para seres espirituais que possuem corpos materiais. Muitas e variadas são as descrições dadas na Escritura sobre a natureza de nossa herança. Em nosso texto (v. 5), é descrito como “a salvação, já prestes para se revelar no último tempo” (cf. Hebreus 9:28), isto é, a salvação em sua plenitude e perfeição que deve ser concedida ao redimido no retorno glorioso de Cristo. Nosso Senhor Jesus a descreve como “casa de meu Pai”, em que “há muitas moradas”, a qual o próprio Cristo prepara agora para o Seu povo (João 14:1-2). O apóstolo Paulo se refere a isso como “a herança dos santos na *luz*” (Colossenses 1:12). E aos futuros habitantes daquele reino glorioso como “filhos da *luz*” (1 Tessalonicenses 5:5). Sem dúvida, essas expressões apontam para a perfeição moral dEle à luz resplandecente em cuja presença (Isaías 33:13; 1 Timóteo 6:13-16; Hebreus 12:29; 1 João 1:5) todos os santos habitarão um dia. Além disso, elas ressaltam a pureza imaculada que caracterizará cada um daqueles que devem “habitar na casa do Senhor para sempre” (Salmos 23:6; cf. Daniel 12:3; Apocalipse 21:27). Paulo a descreve como “a cidade que tem fundamentos, da qual

o artífice e construtor é Deus” (Hebreus 11:10), na qual os olhos esperançosos do crente Abraão estavam fixados. Ele também a chama de “um reino que não pode ser abalado” ou “estremecido” (Hebreus 12:26-28; cf. Apocalipse 21:10-27).

O apóstolo Pedro refere-se aos cristãos como aqueles a quem Deus “em Cristo Jesus nos chamou à sua eterna glória” (1 Pedro 5:10). Em outro lugar, ele chama a nossa herança de “reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pedro 1:11). O Senhor Jesus orou: “Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste” (João 17:24). O Cristo glorificado, em Sua revelação ao apóstolo João, descreve a herança dos santos como “paraíso de Deus” (Apocalipse 2:7), a partir do qual se pode inferir que o Éden era apenas uma sombra. Olhando adiante para este paraíso, Davi declara: “Far-me-ás ver a vereda da vida; na tua presença há fartura de alegrias; à tua mão direita há delícias perpetuamente” (Salmos 16:11).

O Significado do Termo “Herança”

Em seu comentário sobre 1 Pedro, John Brown faz as seguintes e pertinentes observações sobre a importância do uso do termo “herança”:

A bem-aventurança celestial recebe aqui, e em muitas outras passagens da Escritura, a denominação de “herança”, por duas razões: para assinalar a sua natureza gratuita e para enfatizar a sua posse segura.

Uma herança é algo que não é obtido pelos próprios esforços do indivíduo, antes é o dom gratuito ou

legado de outro. A herança terrena do povo visível de Deus não foi dada a eles porque eram mais ou melhores do que as outras nações da terra. Foi porque: “Tão-somente o Senhor se agradou de teus pais para os amar” (Deuteronômio 10:15). “Pois não conquistaram a terra pela sua espada, nem o seu braço os salvou, mas a tua destra e o teu braço, e a luz da tua face, porquanto te agradaste deles” (Salmos 44:3). E a herança celestial do povo espiritual de Deus é totalmente o dom da bondade soberana. “Porque pela graça sois salvos” (Efésios 2:5); “o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 6:23).

A segunda ideia sugerida pela expressão figurativa “a herança”, quando usada em referência à bem-aventurança celestial, é a segurança da posse pelo que ela é realizada. Nenhum direito é mais inalienável do que o direito de herança. Se o direito do doador ou testador estiver correto, tudo está seguro. A felicidade celestial deve ser vista como o dom de Deus Pai, ou como o legado do Deus Filho, pois é “firme a toda a posteridade”.^[13] Se apenas o direito do requerente for tão válido quanto o direito do titular original, sua posse deve ser tão segura como o trono de Deus e de Seu Filho.

A Excelência da Nossa Herança

A excelência desta herança ou eterna porção dos redimidos é descrita por quatro expressões. Primeiro, é incorruptível, e, portanto, é como o seu autor, “o Deus incorruptível” (Romanos 1:23). Toda corrupção é uma

mudança de melhor para pior, mas o céu é sem mudança ou fim. Daí, a palavra incorruptível tem a força de resistente, imperecível. Nem essa herança corromperá os seus herdeiros, como muitas heranças mundanas têm feito. Em segundo lugar, é incontaminável, e, assim como o seu comprador, que passou por este mundo depravado tão incontaminado como um raio de sol é imaculado embora brilhe sobre um objeto imundo (Hebreus 7:26). Toda contaminação se dá pelo pecado, mas nenhuma partícula da corrupção jamais pode entrar no céu. Assim, incontaminável tem a força de beneficente, incapaz de fazer dano aos seus possuidores. Em terceiro lugar, não se pode murchar, e, portanto, é como Aquele que nos conduz até lá, “pelo Espírito eterno” (Hebreus 9:14), o Espírito Santo, “o rio puro da água da vida” (Apocalipse 22:1). A palavra “incontaminável” nos fala deste rio de perene e perpétuo refrigério; seu esplendor nunca será prejudicado, nem a sua beleza será diminuída. Em quarto lugar, a frase guardada nos céus fala da localização e da segurança da nossa herança (veja Colossenses 1:5; 2 Timóteo 4:18).

Ao considerarmos as quatro expressões descritivas no versículo 4, várias características da nossa herança são exibidas. Para começar, a nossa herança é indestrutível. Sua substância é totalmente contrária à dos reinos terrenos, cuja grandeza se desgasta. Os impérios mais poderosos da terra eventualmente se dissipam em razão da corrupção inerente. Considere a pureza da nossa porção, nenhuma serpente jamais entrará neste paraíso para profaná-lo. Contemple a sua beleza imutável, nem ferrugem pode mancha-la nem a

traça estragá-la, nem a eternidade produzirá uma ruga no rosto de qualquer um dos seus habitantes. Pondere a sua segurança, está guardada por Cristo para os Seus remidos, nenhum ladrão jamais a invadirá.

Parece-me que essas quatro expressões são designadas para levar-nos a fazer uma série de contrastes com a herança gloriosa que nos espera. Primeiro, considere a herança de Adão. Quão breve o Éden foi corrompido! Em segundo lugar, pense sobre a herança que “o Altíssimo distribuiu... às nações” (Deuteronômio 32:8) e como elas a contaminaram com a ganância e o derramamento de sangue. Em terceiro lugar, contemple a herança de Israel. Como, infelizmente, a terra que mana leite e mel murchou sob as secas e as fomes que o Senhor enviou, a fim de castigar a nação por seus pecados. Em quarto lugar, reflita sobre a habitação gloriosa que foi perdida pelos anjos caídos, que “não guardaram o seu principado” (Judas 6). Estes, miseráveis espíritos ignorantes não têm nenhum gracioso Sumo Sacerdote para interceder por eles, antes estão reservados “na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquele grande dia”. Se conhecêssemos a nossa própria corrupção remanescente, bem poderíamos tremer e pedir com uma hesitação piedosa: “O que nos impedirá de tal desgraça?” (veja Mateus 26:20-22).

A Garantia de que Nós Receberemos a Nossa Herança

Chegamos, finalmente, a refletir sobre a garantia infalível desta doxologia, que graciosamente responde à pergunta dos santos trêmulos, ao declarar “que

mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes para se revelar no último tempo” (1 Pedro 5:1). Aqui está o tônico para o cristão enfraquecido! Não apenas a herança inestimavelmente gloriosa e preciosa é segura, “reservada no céu” para nós, mas nós também estamos seguros, “guardados na virtude de Deus”. Aqui a doutrina do apóstolo Pedro coincide perfeitamente com a do Senhor Jesus e dos outros apóstolos. Nosso Senhor ensinou que aqueles que são nascidos ou gerados de Deus creem no Seu Filho (João 1:11-13; 3:3-5), e que aqueles que creem têm a vida eterna (João 3:15-16). “Aquele que crê no Filho *tem* [possui presente e continuamente] a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece” (João 3:36). Ele ainda ensinou que aqueles que não creem não acreditam porque eles não são Suas ovelhas (João 10:26). Mas, depois, Ele continua: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem; e dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatar-las da mão de meu Pai. Eu e o Pai somos um” (João 10:27-30).

O Apóstolo Paulo Declara Também o Fato de que Nenhum dos Irmãos de Cristo Jamais Perecerá

“Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?... Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou. Porque estou certo de que, nem a morte,

nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 8:35, 37-39).

No entanto, a questão a ser respondida permanece: Qual é o principal meio que o poder de Deus exerce em preservar-nos, a fim de que possamos entrar e desfrutar de nossa herança?

A Fé é o Meio de Nossa Preservação

“Que mediante a fé estais guardados”. As reflexões de John Brown sobre este ponto são de grande valor:

Eles são “guardados”, preservados seguros, em meio a muitos perigos a que estão expostos, “na virtude de Deus”. A expressão “virtude de Deus” aqui pode referir-se ao poder divino tanto como exercido em referência aos inimigos do cristão, controlando os seus propósitos malignos, como exercido na forma de influência espiritual na mente do próprio cristão, guardando-os na fé da verdade, “no amor de Deus e na paciência de nosso Senhor Jesus Cristo”.^[14] É, provavelmente, a última a que o apóstolo alude principalmente, pois ele acrescenta: “mediante a fé”. É através da perseverante fé na verdade que o cristão é, por influência divina, preservado de cair, e mantém a posse tanto daquele estado quanto do caráter que são absolutamente necessários para o gozo da herança celestial.

A perseverança, assim assegurada ao verdadeiro cristão, é a perseverança na fé e santidade; e nada pode ser mais grosseiramente absurdo do que uma pessoa

que vive na incredulidade e no pecado supor que ela esteja no caminho para a obtenção da bem-aventurança celestial.

Embora Deus nos Guarde, Nós Devemos Crer

Pelo poder onipotente do Deus triuno, nós somos guardados “para a salvação, já prestes para se revelar no último tempo”. Mas o mesmo Espírito gracioso que nos guarda também inspirou Judas a escrever: “Conservai-vos a vós mesmos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna” (Judas 21). Por meio dEle, o apóstolo Paulo também escreveu: “Revesti-vos de toda a armadura de Deus... Tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno” (Efésios 6:11, 16). Portanto, deveríamos frequentemente clamar ao Senhor com os apóstolos: “Acrescenta-nos a fé” (Lucas 17:5). Se o nosso clamor é genuíno, então podemos estar certos de que Jesus, que é “o autor e consumidor da nossa fé” (Hebreus 12:2), ouvirá e responderá em uma forma mui adequada para a nossa necessidade, embora, talvez, por meio da adversidade.

A referência do apóstolo à herança celestial dos crentes foi adequadíssima. Ele estava escrevendo para aqueles que estavam, tanto natural como espiritualmente, longe de sua terra natal, pois eram estrangeiros em um país estranho. Muitos deles eram judeus convertidos, e como tais eram ferozmente confrontados e cruelmente tratados. Quando um judeu se tornava cristão, ele perdia muito, pois era excomungado da sinagoga, tornando-se um pária aos olhos de seu próprio povo. No entanto, havia uma rica

compensação para ele, pois fora divinamente gerado para uma herança infinitamente superior, tanto em qualidade e duração, do que a terra da Palestina. Assim, os seus ganhos muito mais do que compensavam as suas perdas (veja Mateus 19:23-29, especialmente v. 29). O Espírito Santo, então, desde o início da epístola, atraiu os corações daqueles santos sofredores para Deus, por demonstrar-lhes a Sua grande misericórdia e as abundantes riquezas da Sua graça. Quanto mais eles estivessem ocupados com elas, mais as suas mentes seriam levantadas acima desse cenário e seus corações seriam cheios de louvor a Deus. Enquanto poucos de nós estão vivenciando qualquer tipo de tribulações semelhantes às deles, ainda assim a nossa porção está lançada em dias de trevas, e cabe-nos olhar além das aparências das coisas e fixar mais a nossa atenção sobre a futura bem-aventurança que nos espera; posto que Deus designou a forma pela qual devemos glorificá-LO em adoração sincera e apegar-nos às Suas promessas por meio da “obediência da fé” (Romanos 16:26) até o fim!

3

1 Pedro 5:10-11

E o Deus de toda a graça, que em Cristo Jesus nos chamou à sua eterna glória, depois de havemos padecido um pouco, ele mesmo vos aperfeiçoe, confirme, fortifique e estabeleça. A ele seja a glória e o poderio para todo o sempre. Amém.

Chegamos agora a uma oração apostólica cujo conteúdo, como um todo, é mui sublime. Seu conteúdo é extremamente completo, e um estudo cuidadoso e meditação piedosa serão ricamente recompensados. Minha tarefa atual será realizada mais facilmente, pois estou fazendo uso extensivo da excelente e exaustiva exposição desta passagem por Thomas Goodwin. Ele foi favorecido com muita luz sobre esta porção das Escrituras, e eu gostaria de compartilhar com meus leitores o que tem sido de muita ajuda e bênção para mim, pessoalmente.

Há sete coisas que devemos considerar em relação a esta oração: (1) o suplicante, pois há uma relação íntima e marcante entre as experiências de Pedro e os termos de sua oração; (2) a sua localização, pois está

intimamente ligada com o contexto, particularmente com os versículos de 6 a 9; (3) o seu objeto, ou seja, “o Deus de toda graça”, um título especialmente querido por Seu povo e apropriadíssimo neste contexto; (4) o seu fundamento, pois assim deve ser considerada a cláusula, “que em Cristo Jesus nos chamou à sua eterna glória”; (5) a sua petição, “ele mesmo vos aperfeiçoe, confirme, fortifique e estabeleça”; (6) a sua qualificação “depois de havemos padecido um pouco”, pois embora essa cláusula precede a petição, ainda assim logicamente a segue, quando o versículo é tratado homileticamente; e (7) a sua atribuição: “A ele seja a glória e o poderio para todo o sempre. Amém”.

“E o Deus de toda a graça, que em Cristo Jesus nos chamou à sua eterna glória, depois de havemos padecido um pouco, ele mesmo vos aperfeiçoe, confirme, fortifique e estabeleça” (v. 10). Com estas palavras, o apóstolo começa o seu apelo Àquele que é a fonte da graça, e alguém para quem o principal dos pecadores olha sem precisar se desesperar. Em seguida, ele menciona aquilo que dá prova a todos os crentes de que Ele é realmente o Deus de toda a graça, a saber, o fato de tê-los chamado eficazmente da morte para a vida e de os haver transportado da escuridão da natureza para a Sua maravilhosa luz. E isso não é tudo, pois a regeneração é apenas um penhor do que Ele concebeu e tem preparado para eles, uma vez que os chamou para Sua glória eterna. A percepção dessa verdade move o apóstolo Pedro a rogar que, após um período de provas e aflição, Deus completasse a obra da Sua graça neles. Aqui devemos claramente entender que Deus preservará o

Seu povo da apostasia, os levará a perseverar até o fim, e, apesar de toda a oposição do mundo, da carne e do Diabo, os levará em segurança para o céu.

A Experiência do Suplicante com a Graça Restauradora e Preservadora

Primeiro, consideremos esta oração suplicante. A pessoa que assim se aproximou de Deus era Simão Pedro. Enquanto Paulo tinha muito mais a dizer sobre a graça de Deus do que qualquer outro dos apóstolos, foi deixado ao pobre Pedro denominá-lo de “o Deus de toda graça”. Não teremos que procurar muito para descobrir a razão disso e a sua adequação. Enquanto Saulo de Tarso é o excelente troféu neotestamentário da graça salvífica (pois o rei Manassés é um caso igualmente notável no Antigo Testamento), certamente Simão é o exemplo mais distinto no Novo Testamento (Davi fornece um paralelo sob a dispensação mosaica) da graça divina restauradora e preservadora. O que é que parece a maior maravilha para um cristão, que mais comove e derrete o seu coração diante de Deus? É a graça mostrada a ele enquanto estava morto no pecado, aquilo que o tirou do lamaçal e colocou-o sobre e dentro da Rocha Eterna? Ou será que é a graça exercida para com ele após a sua conversão que lida com a sua desobediência, ingratidão, afastamentos de seu primeiro amor, ofensas ao Espírito Santo e desonras a Cristo e, apesar de tudo isso, ama até o fim e continua ministrando a todas as suas necessidades? Se a experiência do leitor tiver algum em comum com a minha, ele não terá nenhuma dificuldade em responder.

Quem, senão aquele que tem sido feito dolorosamente sensível da praga em seu interior, que teve tantas provas tristes dos desesperados engano e maldade de seu próprio coração, e que tenha percebido algo da excessiva malignidade do pecado, não apenas à luz da santidade de Deus, mas enquanto isso é cometido contra o amor agonizante de seu Salvador, pode estimar corretamente a triste queda de Pedro? Pois a ele não somente foi concedido um lugar de honra entre os doze embaixadores do Rei da glória, mas o privilégio de contemplá-lo no monte da transfiguração, e foi um dos três que testemunhou mais do que qualquer outro as Suas agonias no jardim do Getsêmani. E, depois, ouvi-lo, pouquíssimo tempo depois, negando o seu mestre e amigo com praguejamentos! Quem, senão alguém que tenha experimentado pessoalmente a “longanimidade de Deus” (1 Pedro 3:20, 2 Pedro 3:9, 15), e tem sido o destinatário de Sua “grande misericórdia” (1 Pedro 1:3), pode realmente estimar e apreciar a maravilhosa infinita graça (1) que moveu o Salvador a olhar tão tristemente, ainda assim ternamente, sobre aquele que errou a ponto de fazê-lo sair e “chorar amargamente” (Lucas 22:62), (2) que o levou a ter uma conversa particular com Pedro depois da ressurreição (Lucas 24:34; 1 Coríntios 15:5), e (3) que, acima de tudo, não somente recuperou a ovelha perdida, mas o restaurou ao apostolado (João 21:15-17)? Bem pode Pedro confessar a Cristo, juntamente com o Pai e o Espírito, como “o Deus de toda graça”!

Os Duplos Deveres dos Pastores Cristãos

Em segundo lugar, meditemos sobre a configuração dessa oração, pois se examinarmos de perto veremos

que há muito a ser aprendido e admirado. Antes de entrar em detalhes, observemos o contexto geral. Nos versículos anteriores, o apóstolo estava fazendo uma série de exortações significativas. E uma vez que aquelas nos versículos de 6 a 9 são precedidas por imposições de Pedro sobre os servos públicos de Deus quanto às suas várias funções (vv. 1-4), permita-me dirigir uma palavra a eles em primeiro lugar. Que todos os subpastores de Cristo almejem o exemplo do que é aqui colocado diante deles. Tendo ordenado aos crentes andarem prudentemente, o apóstolo dobrou os joelhos e os encomendou ao cuidado da graça de Seu Deus, buscando por eles aquelas misericórdias que sentia que eles mais precisavam. O ministro de Cristo tem dois ofícios principais para executar com aquelas almas que estão comprometidas ao seu cuidado (Hebreus 13:17): falar de Deus para elas e suplicar a Deus por elas. A semente que o ministro semeia não é susceptível de produzir muito fruto, a menos que ele, pessoalmente, a regue com suas orações e lágrimas. É apenas uma espécie de hipocrisia da parte dele exortar seus ouvintes a passarem mais tempo em oração, se ele não for um frequentador do trono da graça. O pastor só cumpriu metade de sua comissão quando proclamou fielmente todo o conselho de Deus; a outra parte deve ser realizada em privado.

Os Duplos Deveres dos Ouvintes e Estudantes da Palavra de Deus

O mesmo princípio é válido igualmente para aqueles no banco da igreja. O sermão mais profundo será de pouco ou nenhum proveito ao ouvinte, a menos que ele

seja transformado em oração fervorosa. Assim também acontece com o que lemos! A medida em que Deus Se agrada em abençoar estes capítulos para cada um será determinada pela influência que eles têm e os efeitos que produzem em você, à medida que eles o levem aos joelhos em súplica sincera, buscando poder da parte do Senhor. Da exortação, o apóstolo se voltou à súplica. Façamos o mesmo, ou ficaremos sem a força necessária para obedecer aos preceitos. Para os vários deveres inculcados no contexto, foi adicionada essa oração por capacitação divina para o desempenho deles, embora árdus, e pela perseverança em cada tribulação, embora dolorosa. Observe também o bendito contraste entre os assaltos do inimigo nos versículos 8 e 9 e o caráter em que Deus é aqui visto, nos versículos 10 e 11. Não é isso designado para ensinar ao santo que ele não tem nada a temer de seu vil adversário, enquanto recorre Àquele em quem habita toda a espécie de graça que é necessária para a sua presente caminhada, obra, combate e testemunho? Certamente esta é uma das principais lições práticas a serem extraídas dessa oração, enquanto nós a vemos à luz de seu contexto.

A Nossa Capacidade de Resistir a Satanás Depende de Oração

A menos que diariamente olhemos para e lancemo-nos sobre “o Deus de toda graça”, é certo que nunca seremos capazes de “resistir firmes na fé” ao nosso adversário, o Diabo, que, “como leão, busca a quem possa tragar” (v. 8). E igualmente é certo que a graça divina é necessária para nós, se quisermos “ser sóbrios e vigilantes”. Precisamos de graça fortalecedora para que

possamos resistir com êxito a um inimigo tão poderoso como o Diabo; precisamos de graça encorajadora se devemos estar firmes na fé; e precisamos de graça que nos capacite a sermos pacientes a fim de suportarmos humildemente as aflições. Não apenas todo tipo de graça está disponível para nós em Deus, mas todas as medidas, de modo que quando nos encontramos com uma esgotada podemos obter uma nova. Uma das razões por que Deus permite que Satanás ataque o Seu povo com tanta frequência e tão ferozmente é para que eles possam provar por si mesmos a eficácia da Sua graça. “E Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça, a fim de que tendo sempre, em tudo, toda a suficiência, abundeis em toda a boa obra” (2 Coríntios 9:8). Então, tragamos para Ele todos as vasilhas de nossas necessidades e nos inclinemos sobre a Sua plenitude inesgotável. Diz F.B. Meyer: “O oceano é conhecido por vários nomes, de acordo com as margens que ele banha, mas é o mesmo oceano. Assim, é sempre o mesmo amor de Deus, embora cada necessitado perceba e admire sua especial adaptação às suas necessidades”.

A Notável Correspondência entre a Experiência de Pedro e Sua Exortação e Oração

Mas, como Thomas Goodwin mostrou, há uma relação ainda mais clara entre essa oração e seu contexto, e entre ambos e a experiência de Pedro. Os paralelos entre eles estão tão próximos e numerosos, que eles não podem ser acidentais. No Getsêmani, Cristo ordenou ao Seu servo: “Vigiai e orai, para que não

entreis em tentação” (Mateus 26:41), e em sua epístola Pedro exorta os santos, “Sede sóbrios e vigilantes”. Anteriormente, o Salvador o avisara: “Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo” (Lucas 22:31), e, como o puritano expressou: “para minar toda a graça dele”. Então, no versículo 8 Pedro pontua o seu apelo à sobriedade e vigilância, dizendo: “porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar”. Mas em conexão com a amorosa admoestação com que Cristo o confortou: “Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça” (Lucas 22:32) — Como Goodwin ressalta: “Quando a fé não falha, Satanás é frustrado”. Da mesma forma, o apóstolo Pedro, na sua exortação, acrescenta: “Ao qual resisti firmes na fé”, o dom da fé, como Calvino o expõe. Embora a autoconfiança e a coragem de Pedro faltaram-lhe, de forma que ele caiu, ainda assim a sua fé o livrou de dar lugar ao desespero abjeto, como Lucas 22:61-62 demonstra.

Nosso Senhor concluiu Seu discurso a Simão dizendo: “e tu, quando te converteres [for trazido de volta, restaurado], confirma teus irmãos” (Lucas 22:32). Da mesma forma, o nosso apóstolo escreveu: “sabendo que as mesmas aflições se cumprem entre os vossos irmãos no mundo” (v. 9); e, em seguida, orou para que, depois de terem padecido um pouco, o Deus de toda graça os “aperfeiçoe [ou restaure], confirme, fortifique e estabeleça”. Pedro orou por eles, pelo mesmo tipo de libertação, como a que ele mesmo experimentara. Finalmente, Goodwin observa que Cristo fortaleceu a fé de Pedro contra Satanás, anunciando-lhe a Sua oração:

“Mas eu roguei por ti”, acima do que o pior inimigo poderia fazer. Portanto, Pedro também, após retratar o adversário dos santos em sua mais feroz característica, como “um leão que ruge”, diz, por meio de contraste, estas palavras: “E o Deus de toda a graça, que em Cristo Jesus nos chamou à sua eterna glória, depois de havemos padecido um pouco, ele mesmo vos aperfeiçoe, confirme, fortifique e estabeleça”. E assim assegura-lhes que Deus será o seu guardião, preservador e fortalecedor. Se, não obstante o seu triste lapso, ele foi recuperado e preservado para a glória eterna, isso é uma garantia segura de que todos os verdadeiramente regenerados o serão também. Quão admiravelmente a Escritura (Lucas 22) interpreta a Escritura (1 Pedro 5)!

A Escolha Divina de Instrumentos Maravilhosamente Adequados para Escreverem as Suas Escrituras

Antes de passar para a nossa próxima seção, observemos e admiremos como os instrumentos específicos que Deus emprega como Seus escritores para comunicar a Sua Palavra foram pessoalmente qualificados e experimentalmente capacitados para as suas diversas tarefas. Quem, senão Salomão, era tão bem adequado para escrever o livro de Eclesiastes? Pois a ele foram oferecidas oportunidades excepcionais para beber de todas as miseráveis cisternas deste mundo, e em seguida registrar o fato de que nenhuma satisfação deveria ser encontrada nelas. Ele, assim, foi provido de um pano de fundo adequado para os Cantares de Salomão, no qual um objeto satisfatório é exibido. Quão apropriada foi a escolha de Mateus para ser o autor do

primeiro Evangelho, pois ele era o único dos doze que detinha uma posição oficial antes de seu chamado para o ministério (um coletor de impostos a serviço dos romanos). Ele, dentre os quatro evangelistas, apresenta Cristo mais claramente em Seu caráter oficial como o Messias e Rei de Israel. Marcos, aquele que ministrou o outro (2 Timóteo 4:11), é o escolhido para apresentar a Cristo como o servo de Yahwéh. Quem era tão eminentemente adaptado para escrever sobre o tema bendito do amor divino (como ele faz ao longo de suas epístolas) quanto aquele que foi tão altamente favorecido a ponto de inclinar-se sobre o seio do Deus amado? Assim, aqui Pedro é o único que tão ternamente designou a divindade como: “o Deus de toda graça”. E assim é hoje. Quando Deus chama alguém para o ministério, Ele experimentalmente o capacita, qualificando-o para a obra específica que Ele o concede realizar.

Que Ele é “O Deus de Toda Graça” é Exclusivamente uma Verdade Evangélica

Em terceiro lugar, contemplemos o seu objeto: “O Deus de toda graça”. A natureza não O revela como tal, pois o homem tem que trabalhar arduamente e merecer aquilo que ele obtém dela. As obras da providência não o fazem, pois há tanto um aspecto severo quanto um aspecto benigno nelas; e, como um todo, elas antes exemplificam a verdade de que colhemos o que semeamos. Menos ainda a lei, como tal, apresenta a Deus nesta característica, pois sua recompensa é uma questão de dívida, e não de graça. É somente no Evangelho que Ele é claramente manifestado como “o

Deus de toda graça”. A nossa avaliação dEle como tal é exatamente proporcional à nossa desvalorização de nós mesmos, pois a graça é o favor gratuito de Deus pelos que são indignos e merecedores do mal. Portanto, não podemos realmente apreciá-lo até que sejamos feitos sensíveis à nossa absoluta indignidade e vileza. Ele poderia muito bem ser o Deus da justiça inflexível e da ira impiedosa aos rebeldes contra o Seu governo. E ele realmente é isso para todos os que estão fora de Cristo, e continuará assim por toda a eternidade. Mas o glorioso Evangelho revela aos pecadores merecedores do inferno a maravilhosa graça de Deus para perdoar, e para purificar o mais sujo que se arrepende e crê. A graça concebeu o plano da redenção, a graça o executa, a graça o aplica e o torna eficaz. Pedro previamente fez menção da “multiforme graça de Deus” (1 Pedro 4:10), pois nada menos será o bastante para aqueles que são culpados de “muitas transgressões” e “graves pecados” (Amós 5:12). A graça de Deus é múltipla, não só numericamente, mas em tipo, na rica variedade de suas manifestações. Todas as bênçãos que desfrutamos devem ser atribuídas à graça. Mas a denominação: “O Deus de toda graça” é ainda mais abrangente; sim, é incompreensível para todas as inteligências finitas. Esse título, como vimos, é colocado em oposição ao que se diz sobre o Diabo no versículo 8, onde ele é retratado em todo o seu horror: como nosso adversário, pela sua malícia; comparado a um leão, pela força; a um leão que ruge, pelo pavor; descrito como andando em derredor, pela diligência incansável, “buscando a quem possa tragar” a menos que Deus evite. Bem-aventurado e

consolador é o contraste: “Mas Deus”, o todo-poderoso, o autossuficiente, todo-suficiente e único “Deus de toda graça”. Quão consolador é destacar este atributo quando lidamos com Satanás em tentação! Se o Deus de toda graça é por nós, quem será contra nós? Quando Paulo foi tão severamente julgado pelo mensageiro (anjo) de Satanás que foi enviado para esbofeteá-lo, e então orou três vezes para a sua remoção, Deus lhe assegurou o Seu alívio dizendo: “A minha graça te basta” (2 Coríntios 12:9).

O Deus de Toda Graça: Um Grande Incentivo à Oração

Embora menção seja feita frequentemente nas Escrituras sobre a graça de Deus e sobre o Seu gracioso ser, ainda assim em nenhum lugar, senão neste versículo, é que O encontraremos denominado “o Deus de toda graça”. Há uma ênfase especial aqui que solicita a nossa melhor atenção: Ele não é simplesmente “o Deus de graça”, mas “o Deus de toda graça”. Como Goodwin mostrou, Ele é “o Deus de toda graça” (1) essencialmente em Seu próprio caráter, (2) em Seu propósito eterno sobre o Seu povo, e (3) em Seu tratamento eficaz para com eles. O povo de Deus, pessoalmente, recebe a prova constante de que Ele é realmente assim; e aqueles cujos pensamentos são moldados por Sua Palavra conhecem que os benefícios com os quais Ele diariamente os supre são os desdobramentos de Seu gracioso desígnio eterno para com eles. Mas eles precisam ir ainda mais para trás, ou levantar os olhos ainda mais alto, e perceber que todas as riquezas da graça que Ele ordenou, e das quais somos

feitos destinatários, são a partir de e em Sua própria natureza. “A graça em Sua natureza é a fonte ou nascente; a graça de Seus propósitos é o manancial e a graça em Suas dispensações, os córregos”, diz Goodwin. Foi a graça de Sua natureza que O levou a formar “pensamentos de paz” sobre o Seu povo (Jeremias 29:11), assim como é a graça em Seu coração que O move a cumprir o mesmo. Em outras palavras, a graça de Sua própria natureza, o que Ele é em Si mesmo, é tal, que garante o fazer o bem em todos os Seus desígnios benevolentes.

Como Ele é o todo-poderoso, autossuficiente e onipotente, para Quem todas as coisas são possíveis, assim também Ele é um Deus todo-misericordioso em Si mesmo, não carecendo de nenhuma perfeição que O torne infinitamente benigno. Há, portanto, um mar de graça em Deus para nutrir todos os fluxos de Seus propósitos e dispensações que são compartilhadas a partir deles. Aqui, então, está a nossa grande consolação: toda a graça que há em Sua natureza, que faz com que Ele seja o “Deus de toda graça” para Seus filhos, torna certo não somente que Ele assim Se manifestará como tal para eles, mas garante o suprimento de cada necessidade deles, bem como garante o transbordar das riquezas da Sua graça sobre eles nos séculos vindouros (Efésios 2:7). Olhe, então, para além dessas correntes de graça das quais você agora compartilha com o Deus-homem, Jesus, o Ungido, que é “cheio de graça” (João 1:14), e peça por contínuo e maior suprimento a partir dEle. A estreiteza está em nós mesmos, e não nEle, pois em Deus há uma oferta sem

fronteiras e sem limites. Peço-lhe (como eu me incito) que lembre que quando você vem para o propiciatório (para fazer conhecidos os seus pedidos) você está prestes a suplicar ao “Deus de toda graça”. NEle há um oceano infinito para dispensar, e Ele ordena você a ir até Ele, dizendo: “abre bem a tua boca, e ta encherei” (Salmos 81:10). Não é em vão que Ele declarou: “Seja-vos feito segundo a vossa fé” (Mateus 9:29).

Somente pela Fé Podemos Desfrutar do Deus de Toda Graça

O doador é maior do que todos os Seus dons, mas deve haver uma fé pessoal que se apropria dEle para que qualquer um de nós possamos desfrutar de Deus. Só assim podemos particularizar o que é geral. Deus é o Deus de toda a graça para todos os santos, mas a fé tem que ser exercida individualmente em Deus por mim, se devo conhecer e deliciar-me nEle, no que Ele realmente é. Temos um exemplo disso no Salmo 59, onde Davi declarou: “O Deus da minha misericórdia virá [ou se “antecipará”] ao meu encontro” (v. 10). Aqui nós o encontramos apropriando-se de Deus para si mesmo, pessoalmente. Observe, em primeiro lugar, como Davi se apega à misericórdia essencial de Deus, daquela misericórdia que está incorporada em Sua própria natureza. Ele exulta novamente no versículo 17: “A ti, ó fortaleza minha, cantarei salmos; porque Deus é a minha defesa e o Deus da minha misericórdia”. O Deus de toda graça é a minha fortaleza. Ele é o meu Deus, e, portanto, o Deus da minha misericórdia. Eu clamo a Ele como tal; toda a misericórdia que há nEle é minha. Uma vez que Ele é o meu Deus, então tudo o que há nEle é meu.

Foram, afinal, a misericórdia e a graça que estão nEle que O levaram a colocar Seu amor sobre mim e entrar em aliança comigo, dizendo: “Eu serei seu Deus, e ele será meu filho” (Apocalipse 21:7). Goodwin diz:

Você ouviu o que foi tido, Deus é o Deus de toda a graça para seus filhos; eu lhe digo, se sua alma tivesse em si todas as necessidades que todos os irmãos, e se nenhum deles pudesse ajudar, contudo toda a graça que Deus tem para todos, e em toda a plenitude de Seu próprio ser, Ele a concederia para você. Pobre alma, você costuma dizer: *isto ou aquilo é meu pecado, talvez eu esteja cometendo um pecado grave, sei que sou propenso a isso. Esta é a minha miséria*. Entretanto, suplico-lhe que considere que Deus é o Deus da sua misericórdia e que toda a misericórdia que há em Deus é sua na em que ela se fizer necessário, e ela é maior do que aquele seu pecado; pois o dom gratuito de Deus é muito maior do que os seus pecados.

Assim, vemos que a misericórdia de Deus agirá em nosso favor, na hora de nossa necessidade, como se cada um de nós fosse Seu único filho. Tão certo como herdamos a culpa e misérias das transgressões de Adão, nós que estamos em Cristo temos posse de todas as graças e misericórdia de Deus.

Além disso, observa-se que Davi se apodera da intencional misericórdia de Deus. Cada santo individualmente tem designada e atribuída a ele o que ele pode chamar de “minha misericórdia”. Deus separou em Seu decreto uma porção tão abundante, que nunca pode ser esgotada nem por seus pecados e nem por suas

necessidades. “O Deus da minha misericórdia virá ao meu encontro”. Desde toda a eternidade Ele antecipou e fez provisão plena para todas as minhas necessidades, assim como um pai sábio tem uma farmácia preparada com remédios para as doenças de seus filhos. “E será que antes que clamem eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei” (Isaías 65:24). Que maravilhosa condescendência é que Deus torne isso uma característica de Si mesmo, de forma que Ele se torne o Deus da misericórdia de cada filho Seu, em particular!

Finalmente, lancemos mão de Sua misericórdia distribuída, a qual é, na verdade, derramada sobre nós a cada momento. Aqui, também, o crente tem toda ocasião para dizer: “O Deus da minha misericórdia”, pois todas as bênçãos usufruídas por mim fluem de Sua mão. Este título de Deus não é vão, pois o fato dele ser registrado na Sagrada Escritura que Davi o utilizou garante que Ele o aprova. Quando eu o uso em verdadeira fé e dependendo dEle como uma criança, Ele Se compromete a cuidar dos meus interesses em todos os sentidos. Ele não somente é o meu Deus pessoalmente, mas também o das minhas necessidades.

Até aqui, neste capítulo, utilizando a análise de Thomas Goodwin, foi apontado que este título tão abençoado tem relação com o que Deus é em Si mesmo o que Ele é em Seu propósito eterno e o que Ele é em Suas atuações em relação ao Seu povo. Passemos agora e examinar a seguinte cláusula: “*E o Deus de toda a graça, que... nos chamou*”. Nessas palavras vemos as três coisas unidas em uma referência ao chamado eficaz de Deus, pelo que Ele traz uma alma das trevas da

natureza para a Sua própria maravilhosa luz (1 Pedro 2:9). Esse chamado especial e interior do Espírito Santo, que produz imediata e infalivelmente arrependimento e fé em seu objeto, fornece, a primeira prova evidente ou exterior que o novo crente recebe de que verdadeiramente Deus é para ele “o Deus de toda graça”. Embora este não tenha sido a primeiro ato de amor do coração de Deus para com ele, essa é a prova de que Deus o amou desde a eternidade. “E aos que predestinou a estes também chamou” (Romanos 8:30). Deus tem “elegido desde o princípio [o Seu povo] para a salvação” (2 Tessalonicenses 2:13-14). No devido tempo, Ele realiza a salvação deles pelas operações invencíveis do Espírito, que capacita e faz com que eles creiam no Evangelho. Eles creem através da graça (Atos 18:27), pois a fé é o dom da graça divina (Efésios 2:8), e é dada a eles porque pertencem à “eleição da graça” (Romanos 11:5). Eles pertencem a essa eleição favorecida porque o Deus de toda a graça, desde a eternidade passada, os escolheu para serem os monumentos eternos da Sua graça.

A Regeneração é o Fruto da Eleição, Não a sua Causa

A graça que havia no coração de Deus, que O levou a chamar-nos, é evidente a partir de 2 Timóteo 1:9: “Que nos salvou, e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos”. A regeneração (ou chamado eficaz) é a consequência, e não a causa, da predestinação divina. Deus resolveu nos amar com um

amor imutável, e esse amor designou que fôssemos participantes de Sua glória eterna. Sua boa vontade por nós O moveu de modo infalível a efetuar todas as resoluções da Sua livre graça para conosco, de modo que nada pode impedi-LO, embora no exercício de Sua graça Ele sempre age de uma maneira que seja consistente com as Suas demais perfeições. Ninguém magnifica a graça de Deus mais do que Goodwin; no entanto, quando perguntado: “Será que a prerrogativa divina da graça significa que Deus salva os homens, mesmo que eles continuem a ser o que quiserem?”, ele respondeu:

Deus nos livre de tal coisa. Nós negamos uma compreensão da soberania que a concebe como se ela salvasse qualquer homem sem estar de acordo com a regra das Sagradas Escrituras, muito menos contra esta regra. O próprio versículo que fala de Deus como “o Deus de toda graça” em relação à nossa salvação acrescenta “que nos chamou”, e nosso chamado é um chamado santo (2 Timóteo 1:9). Embora o fundamento do Senhor permaneça, ainda assim é acrescentado: “e qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade” (2 Timóteo 2:19), ou ele não pode ser salvo.

Algo que nos nos ajuda a obter uma melhor compreensão deste título divino, “o Deus de toda graça”, é compara-lo com outro encontrado em 2 Coríntios 1:3, “o Deus de toda a consolação”. A principal distinção entre os dois é que este último é mais restrito ao aspecto da dispensação da graça de Deus, como as palavras que se seguem mostram: “Que nos consola em toda a nossa

tribulação” (2 Coríntios 1:4). Como “o Deus de toda a consolação”, Ele não somente é o doador de toda a real consolação e o sustentador em todas as tribulações, mas também o doador de todos os confortos temporais ou misericórdias. Pois qualquer refrigério natural ou benefício que nós derivamos de Suas criaturas é devido somente à Sua bênção para nós. Da mesma forma, Ele é o Deus de toda a graça: graça buscadora, graça vivificante, graça perdoadora, graça purificadora, graça da provisão, graça da restauração, graça da preservação, graça da glorificação, graça de todo tipo, e em plena medida. No entanto, embora a expressão “o Deus de toda a consolação” sirva para ilustrar o título que estamos aqui considerando, fica aquém daquele. Pois as dispensações da graça de Deus são mais extensas do que as de Seu consolo. Em certos casos, Deus dá a graça onde Ele não dá conforto. Por exemplo, a Sua graça iluminadora traz consigo as dores da convicção do pecado, que às vezes duram um longo período antes que qualquer alívio seja concedido. Além disso, sob Sua vara de correção, a graça sustentadora é concedida, enquanto o consolo é retido.

Deus Dispensa Todos os Tipos de Graça Precisamente de Acordo com a Necessidade

Não apenas há em Deus todos os tipos concebíveis de graça disponíveis para nós, mas Ele sempre a concede justamente na hora de nossa necessidade; pois, nessa ocasião, o Seu favor concedido gratuitamente obtém a melhor oportunidade em que se mostrar. Somos livremente convidados a nos aproximar com confiança ao trono da graça, para que possamos “alcançar

misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno” (Hebreus 4:16), ou, como Salomão o expressou, que o Senhor Deus sustentasse a causa de Seu povo Israel “a cada qual no seu dia” (1 Reis 8:59). Esse é o nosso gracioso Deus, ministrando a nós em todos os momentos, assim como em todas as questões. O apóstolo Paulo declara (falando para os crentes): “Não veio sobre vós tentação, senão humana [ou seja, apenas a que é comum à natureza humana decaída, pois o pecado contra o Espírito Santo só é cometido por aqueles que têm como que uma afinidade incomum com Satanás e seus desígnios malignos para impedir o reinado da graça de Cristo]; mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar” (1 Coríntios 10:13). O Senhor Jesus Cristo declarou: “Todo o pecado e blasfêmia [com exceção exatamente da mencionada acima] se perdoará aos homens” (Mateus 12:31). Pois o Deus de toda graça opera arrependimento e perdoa todos os tipos de pecados, aqueles cometidos após a conversão, bem como aqueles que foram cometidos anteriormente, como os casos de Davi e Pedro demonstram. Diz Ele: “Eu sararei a sua infidelidade, eu voluntariamente os amarei” (Oséias 14:4). Cada um de nós têm plenos motivos para dizer ternamente com base em nossa própria experiência: “A graça de nosso Senhor superabundou” (1 Timóteo 1:14).

A Prova Infalível de Sua Abundante Graça para com Aqueles que São Seus

“E o Deus de toda a graça... nos chamou à sua eterna glória”. Aqui está a maior e mais grandiosa prova de que Ele é realmente o Deus de toda graça para o Seu povo. Nenhuma evidência mais convincente e bendita é necessária para manifestar a boa vontade que Ele tem por eles. A graça abundante que há em Seu coração em relação a eles e o propósito benéfico que Deus tem para com eles são claramente evidenciados aqui. Eles são “os [únicos] chamados de acordo com o seu propósito” (Romanos 8:18), a saber, aquele “eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor” (Efésios 3:11). O chamado eficaz que traz da morte para a vida é a primeira abertura irrompendo a graça eletiva de Deus, e é a base de todos os atos de Sua graça por eles, posteriormente. É então que Ele começa aquela Sua “boa obra” naqueles em que Ele finalmente completará no “dia de Cristo Jesus” (Filipenses 1:6). Por meio disso, eles são chamados a uma vida de santidade aqui e a uma vida de glória no porvir. Na cláusula “nos chamou à sua eterna glória”, somos informados sobre aqueles de nós que uma vez já foram “por natureza filhos da ira” (Efésios 2:3), mas agora, pela graça de Deus, são “participantes da divina natureza” (2 Pedro 1:4), também serão participantes da glória eterna de Deus. Embora o chamado eficaz de Deus não os traga para a posse real dessa glória, imediatamente, contudo os qualifica totalmente e capacita-os a participar de Sua glória para sempre. Assim, o apóstolo Paulo diz aos Colossenses que continuamente dá “graças ao Pai que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz” (Colossenses 1:12).

Mas olhemos para além do mais delicioso dos fluxos de graça para a sua fonte comum. É a infinita graça que há na natureza de Deus que se compromete a efetuar o Seu propósito beneficente e que fornece continuamente esses fluxos. Deve ser bem observado que, quando Deus proferiu essa grande carta da graça “[Eu] me compadecerei de quem eu me compadecer”, Ele a prefaciou com estas palavras: “Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti, e proclamarei o nome do Senhor diante de ti” (Êxodo 33:19). Toda essa graça e misericórdia que estão no próprio Yahwéh, e que devem ser feitas conhecidas de Seu povo, deveriam atrair a atenção de Moisés antes que a sua mente se voltasse a considerar a soma dos Seus decretos ou graça designada. O verdadeiro oceano de bondade que está em Deus está empenhado em promover o bem de Seu povo. Foi essa bondade que Ele fez passar diante dos olhos de Seu servo. Moisés foi animado pela contemplação de uma riqueza tão ilimitada de benevolência, que foi totalmente convencido de que o Deus de toda graça seria realmente gracioso para aqueles a quem Ele escolheu em Cristo antes da fundação do mundo. E é essa graça essencial enraizada no próprio ser de Deus que deve ser o primeiro objeto da fé; e quanto mais a nossa fé é direcionada para ela, mais nossas almas serão sustentadas na hora da tribulação, convencidas de que tal pessoa não falhará conosco.

O Argumento em que Pedro Baseia sua Petição

Em quarto lugar, examinemos o fundamento sobre o qual o apóstolo Pedro baseia sua petição: “E o Deus de

toda a graça, que em Cristo Jesus nos chamou à sua eterna glória”. Esta cláusula é, sem dúvida, trazida para engrandecer a Deus e para exemplificar Sua maravilhosa graça. Ainda assim, considerada separadamente, em relação à oração como um todo, é o apelo feito pelo apóstolo em apoio à petição que segue. Ele estava fazendo um pedido para que Deus aperfeiçoe, confirme, fortaleça e estabeleça os Seus santos. Isso foi equivalente a dizer: “Visto que Tu já deste aquilo que é maior, concede-lhes o que é menor; posto que eles devem ser participantes da Tua glória eterna em Cristo, dê-lhes o que precisam enquanto permanecerem neste mundo passageiro”. Se nossos corações fossem mais engajados com Aquele que nos chamou, e com o que Ele nos designou, não só nossas bocas se abririam mais, mas seríamos mais confiantes, e elas estariam cheias de louvores a Deus. Ele não é outro senão Yahwéh, que está sentado no Seu trono resplandecente, cercado pelas adoradoras hostes celestes, Quem em breve dirá a cada um de nós: “Vinde a Mim e deleita-te em Minhas perfeições”. Você pensa que Ele negará qualquer coisa que seja verdadeiramente para o seu bem? Se Ele me chamou para o céu, há alguma coisa necessária na terra que Ele me negará?

Que apelo poderosíssimo e prevalecente é este! Em primeiro lugar, é como se o apóstolo dissesse: “Tu tens atentado para as obras das Tuas mãos. Tu realmente os chamaste das trevas para a luz, mas eles ainda são terrivelmente ignorantes. É Teu gracioso prazer que eles passem a eternidade em Tua presença imediata no alto, mas eles estão aqui no deserto, e rodeados de fraquezas.

Então, tendo em vista tanto um quanto o outro, continue todas as outras obras da graça para com eles e neles, que são necessárias a fim de trazê-los para a glória”. O que Deus já fez por nós não somente deve ser um motivo de confiante expectativa do que Ele ainda fará (2 Coríntios 1:10), mas isso deve ser usado por nós como um argumento ao fazer nossos pedidos a Deus. “Visto que Tu me regeneraste, faz-me agora crescer na graça. Visto que puseste em meu coração um ódio ao pecado e uma fome de justiça, intensifica-os. Posto que Tu me fizeste um ramo da Videira, faz-me um ramo muito frutífero. Porquanto me uniste ao Teu Filho amado, permite-me manifestar os Teus louvores, para honrá-LO em minha vida diária, e, portanto, para recomendá-LO àqueles que não O conhecem”. Entretanto, estou antecipando um pouco o próximo ponto.

O Nosso Chamado e a Justificação São Motivos de Grande Louvor e Expectativa

Nesta obra única do chamado, Deus Se mostrou como o Deus de toda graça para você, e isso deve grandemente fortalecer e confirmar a sua fé nEle. “Aos que chamou a estes também *justificou*” (Romanos 8:30). A justificação é composta de duas coisas: (1) Deus nos perdoando e declarando “inocentes”, como se nunca tivéssemos pecado; e (2) Deus nos declarando ser “justos”, exatamente como se tivéssemos obedecido perfeitamente a todos os Seus mandamentos. Para estimar a plenitude de Sua graça no perdão, você deve calcular o número e a atrocidade de seus pecados. Eles eram mais do que os cabelos da sua cabeça; pois você “nasce como a cria do jumento montês” (Jó 11:12), e,

desde as primeiras auroras da razão, toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente (Gênesis 6:5). Quanto à criminalidade de seus pecados, a maioria deles foram cometidos contra a voz da consciência, e consistiam em privilégios desprezados e misericórdias abusadas. No entanto, a Sua Palavra declara que Ele lhe perdoou “todas as ofensas” (Colossenses 2:13). Como isso deve derreter o seu coração e levá-lo a adorar “o Deus de toda graça”. Como isso deve fazê-lo plenamente convencido de que Ele continuará a lidar com você não de acordo com as suas transgressões, mas segundo a Sua própria bondade e benignidade. É verdade, Ele ainda não o livrou da corrupção que habita no seu interior, mas isso concede nova ocasião para Ele mostrar a Sua paciente graça para com você.

Embora tal favor seja tão maravilhoso como é, ainda assim o perdão dos pecados é apenas metade do lado legal da nossa salvação, e a parte negativa e inferior dela. Embora, por um lado, tudo que estava registrado contra mim no que diz respeito ao débito tenha sido apagado, contudo, por outro lado, não há um único item em meu crédito. Desde a hora do meu nascimento até o momento da minha conversão, nenhuma boa ação foi registrada na minha conta, pois nenhuma das minhas ações ocorreu com base em um princípio puro, visto que nenhuma delas foi feita para a glória de Deus. Por fluírem de uma fonte suja, os fluxos de minhas melhores obras eram poluídos (Isaías 64:6). Como, então, Deus poderia me *justificar*, ou declarar-me ter alcançado o padrão exigido? Esse padrão é uma conformidade perfeita e

perpétua à lei divina, pois nada menos assegura a sua recompensa. Aqui, novamente as riquezas maravilhosas da graça divina aparecem. Deus não somente apagou todas as minhas iniquidades, mas creditou em minha conta uma justiça plena e sem falhas, tendo imputado a mim a perfeita obediência de Seu Filho encarnado: “Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do *dom da justiça*, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo... Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos [ou seja, legalmente constituídos] justos” (Romanos 5:17, 19). Quando Deus efetivamente lhe chamou, o revestiu “com o manto de justiça [de Cristo]” (Isaías 61:10), e essa veste concede a você um direito inalienável à herança (Romanos 8:17).

Desde o Princípio a Glorificação era o Objetivo Final de Deus para Nós

“Que em Cristo Jesus nos chamou à sua eterna glória”. Quando Deus regenera uma alma, Ele lhe dá fé. Ao exercer fé em Cristo, aquilo que a desqualificava para a glória eterna (ou seja, a sua contaminação, culpa e amor ao pecado) é removido, e um direito seguro para o céu é concedido. O chamado eficaz de Deus é tanto a nossa qualificação quanto um pagamento inicial pela glória eterna. Nossa glorificação era o grande objetivo que Deus tinha em vista desde o princípio, e tudo o que Ele faz por nós e opera em nós aqui são apenas os meios e os pré-requisitos para essa finalidade. Depois de Sua própria glória, a nossa glorificação é o propósito supremo

de Deus ao eleger-nos e chamar-nos. “Por vos ter Deus elegido desde o princípio... para alcançardes a *glória* de nosso Senhor Jesus Cristo” (2 Tessalonicenses 2:13-14). “E aos que predestinou... também glorificou” (Romanos 8:30). “Não temais, ó pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradou dar-vos o reino” (Lucas 12:32). “Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mateus 25:34). Cada um desses textos estabelece o fato de que o povo crente em Cristo deve herdar o reino celestial e eterna glória da parte do Deus triuno. Nada menos do que isso foi em que o Deus de toda graça estabeleceu o Seu coração como a porção de Seus filhos amados. Assim, quando a nossa eleição é feita manifesta inicialmente por Seu chamado eficaz, Deus é tão decidido quanto a essa glória, que Ele imediatamente nos concede um direito a ela.

Goodwin deu um exemplo notável do que acabamos de dizer, a partir do relacionamento de Deus com Davi. Enquanto Davi era apenas um simples menino e pastor, Deus enviou Samuel para ungi-lo rei publicamente diante de seu pai e irmãos (1 Samuel 16:13). Por esse ato solene, Deus o investiu com um direito visível e irrevogável ao reino de Judá e Israel. Deus adiou por muitos anos a sua posse real do trono do reino, no entanto seu direito divino a ele foi dado em Sua unção, e Deus Se ocupou em fazer isso firme, jurando não Se arrepender. Então Deus suportou Saul (uma figura de Satanás), que ordenou todas as forças militares de seu reino e a maioria de seus súditos, fazer coisas terríveis. Deus fez isso para demonstrar que nenhum conselho Seu

pode ser frustrado. Embora por um período Davi esteve exposto como uma perdiz nas montanhas e tinha que fugir de um lugar para outro, ele foi milagrosamente preservado por Deus e, finalmente, foi conduzido ao trono. Assim, na regeneração, Deus nos unge com o Seu Espírito, nos separa e nos concede um direito à glória eterna. E, embora posteriormente Ele deixe inimigos perigosos soltos contra nós, deixando-nos a enfrentar as mais difíceis lutas e contendas com eles, ainda assim a Sua poderosa mão está sobre nós, nos socorrendo, fortalecendo e restaurando quando somos temporariamente vencidos e levados cativos.

Não Há Nada de Transitório em Relação à Glória para a Qual Somos Chamados

Deus não nos chamou para uma glória evanescente, mas para a glória eterna, dando-nos um direito a ela no novo nascimento. Naquele momento, uma vida espiritual foi comunicada à alma, uma vida que é indestrutível, incorruptível e, portanto, eterna. Além disso, nessa ocasião recebemos “o Espírito de glória” (1 Pedro 4:14) como “o penhor da nossa herança” (Efésios 1:13-14). Além disso, a imagem de Cristo está sendo progressivamente moldada em nossos corações durante esta vida, o que o apóstolo Paulo chama de ser “transformado de glória em glória” (2 Coríntios 3:18). Assim, nós não somente somos feitos “idôneos para participar da herança dos santos na luz” (Colossenses 1:12), mas é-nos, então, concedido um direito eterno de glória. Porque, pela regeneração ou chamado eficaz, Deus nos gera para a herança (1 Pedro 1:3-4); um direito a ela nos é dado nesse momento, o qual é válido para sempre. Esse título é

nosso, tanto pela estipulação do pacto de Deus quanto pela herança testamentária do Mediador (Hebreus 9:15). “E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus, e coerdeiros de Cristo”, diz Paulo (Romanos 8:17). Thomas Goodwin o resume da seguinte forma:

Coloque estas três coisas juntas: em primeiro lugar, que essa glória a que somos chamados é em si mesma eterna; segundo, que a pessoa que é chamada tem um nível de glória que começou nela, e que nunca morrerá ou perecerá; terceiro, que ela tem o direito à eternidade, e isso a partir do momento de seu chamado, e o argumento está completo.

Essa “glória eterna” são “as abundantes riquezas da sua graça” que Ele derramará sobre o Seu povo nos séculos vindouros (Efésios 2:4-7), e como esses versículos nos dizem, mesmo agora, nós, jurídica e federalmente, nos assentamos “nos lugares celestiais, em Cristo Jesus”.

“Que [em Cristo Jesus] nos chamou à sua eterna glória”. Deus não somente nos chamou para um estado de graça, “esta graça na qual estamos firmes”, mas a um estado de glória, glória eterna, a Sua glória eterna, de modo que “nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (Romanos 5:2). Essas duas coisas estão inseparavelmente ligadas: “o Senhor dará graça e glória” (Salmos 84:11). Somos as pessoas que serão glorificadas e é a Sua glória que será colocada sobre nós. Obviamente isso é assim, pois somos criaturas totalmente miseráveis e vazias, as quais Deus encherá com as riquezas da Sua glória. Na verdade, é “o Deus de

toda graça” que faz isso por nós. Nem a criação nem a providência, e nem mesmo o Seu lidar com os eleitos nesta vida, mostram plenamente a abundância de Sua graça. Somente no céu sua altura máxima será vista e apreciada. É lá que a manifestação definitiva da glória de Deus será feita, ou seja, a própria honra e glória inefável com as quais a divindade investe a Si mesma. Não apenas contemplaremos aquela glória para sempre, mas ela será comunicada para nós. “Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai” (Mateus 13:43). A glória de Deus encherá tão completamente e iluminará nossas almas, que ela irradiará de nossos corpos. Então, o propósito eterno de Deus será plenamente cumprido. Nessa ocasião, todas as nossas esperanças mais queridas serão perfeitamente realizadas. Então, Deus será “tudo em todos” (1 Coríntios 15:28).

A Glória Eterna é Nossa por Meio de Nossa União com Cristo

“Que em Cristo Jesus nos chamou à sua eterna glória”. A primeira parte desta cláusula é melhor traduzida “em Cristo Jesus”, o que significa que o nosso chamado para fruir da glória eterna de Deus existe em virtude de nossa união com Cristo Jesus. A glória pertence a Ele, que é a nosso cabeça, e é comunicada a nós somente porque somos Seus membros. Cristo é o primeiro e grande possuidor dela, e Ele a compartilha com aqueles a quem o Pai deu a Ele (João 17:5, 22, 24). Cristo Jesus é o centro de todos os conselhos eternos de Deus, os quais são “segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus

nosso Senhor” (Efésios 3:11). Todas as promessas de Deus “são nele [Cristo] sim, e por ele o Amém” (2 Coríntios 1:20). Deus nos abençoou com todas as bênçãos espirituais em Cristo (Efésios 1:3). Somos herdeiros de Deus, porque somos coerdeiros com Cristo (Romanos 8:17). Como todos os propósitos da graça divina foram formados em Cristo, assim eles são efetivamente executados e estabelecidos por Ele. Pois, Zacarias, enquanto bendizendo a Deus por ter “levantado uma salvação”, acrescentou, “para manifestar misericórdia a nossos pais, e lembrar-se da sua santa aliança” (Lucas 1:68-72). Estamos “conservados por Cristo Jesus” (Judas 1). Desde que Deus nos chamou “para a comunhão de seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor” (1 Coríntios 1:9), ou seja, para participar (na devida proporção) de tudo o que Ele é participante em Si mesmo, Cristo, nosso coerdeiro e representante, entrou em posse dessa herança gloriosa e em nossos nomes está guardando-a para nós (Hebreus 6:20).

Toda a Nossa Esperança está Vinculada Somente a Cristo

Parece bom demais para ser verdade que “o Deus de toda graça” é o seu Deus? Há momentos em que você dúvida se Ele pessoalmente lhe chamou? Será que ultrapassa a sua fé, leitor cristão, crer que Deus verdadeiramente chamou você à Sua glória eterna? Então, permita-me deixar este último pensamento para você. Tudo isso é por e em Cristo Jesus! Sua graça está entesourada em Cristo (João 1:14-18), o chamado eficaz vem por Cristo (Romanos 1:6) e a glória eterna é alcançada por meio dEle. O Seu sangue não foi suficiente

para comprar bênçãos eternas para pecadores merecedores do inferno? Então, não olhe para sua indignidade, mas para a infinita dignidade e méritos dAquele que é o amigo de publicanos e pecadores. Se a nossa fé compreende ou não, infalivelmente certo é que esta oração de Cristo será respondida: “Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória” (João 17:24). Essa contemplação não será transitória, como a que os apóstolos apreciaram no monte da transfiguração, mas eterna. Como muitas vezes tem sido apontado, quando a rainha de Sabá contrastou sua breve visita à corte de Salomão com o privilégio daqueles que residiam ali, ela exclamou: “Bem-aventurados os teus homens, bem-aventurados estes teus servos, que estão *sempre* diante de ti” (1 Reis 10:8). Essa será a nossa porção feliz ao longo dos séculos sem fim.

Tendo considerado nos parágrafos anteriores o suplicante, a definição, o objeto e o apelo desta oração, vamos agora contemplar, em quinto lugar, a sua petição: “E o Deus de toda a graça... ele mesmo vos aperfeiçoe, confirme, fortifique e estabeleça”. A força apropriada da gramática grega faria a petição ser lida assim: “o Deus de toda graça... Ele mesmo vos aperfeiçoe, Ele mesmo vos confirme, Ele mesmo vos fortaleça, Ele mesmo vos estabeleça”. Há muito mais contido nessas palavras do que aparece na sua superfície. A plenitude do seu significado só pode ser descoberta por um exame paciente das Escrituras, para determinarmos como os vários termos são utilizados em outras passagens. Eu considero as palavras “Ele mesmo vos aperfeiçoe” como

a principal coisa solicitada. As três palavras que se seguem são, em parte, uma amplificação e, em parte, uma descrição do processo pelo qual o efeito desejado deve ser alcançado, embora cada uma das quatro palavras requer seja considerada separadamente. Expositores antigos — que abordaram as coisas de modo muito mais profundo e completo do que os nossos expositores modernos o fazem — levantaram a questão de saber se esta oração recebe o seu cumprimento na vida presente ou na vida por vir. Depois de pesar cuidadosamente os prós e os contras de seus argumentos, concluí, tendo em vista o alcance extraordinário da palavra grega *katartizō* (Nº 2675 em Strong e Thayer), aqui traduzida por aperfeiçoar, que esta petição é concedida de modo duplo: aqui e no futuro. Considerarei a ambos em meus comentários.

Duas Significações Relevantes

Katartizō significa aperfeiçoar (1) por ajustar ou articular de modo a produzir um objeto impecável; ou (2) por restaurar um objeto que se tornou imperfeito. Para que você seja capacitado a formar seu próprio julgamento, definirei antes as passagens em que a palavra grega é de forma variada traduzida em outro lugar. Em cada passagem citada, a palavra ou palavras colocadas em itálico são a tradução em português da palavra grega traduzida como *aperfeiçoar* em nosso texto. Quando o Salvador diz: “Mas corpo me *preparaste*” [ou “me equipaste”, o que pode ser admissível] (Hebreus 10:5), devemos entender, como disse Goodwin, que “aquele corpo foi formado ou articulado pelo Espírito Santo, com a alma humana, em todas as suas partes, em

um instante de sua união com o Filho de Deus”, e que ele era imaculadamente santo, impecável e sem mancha ou defeito. *Katartizō* é usado novamente para expressar a consumação final e perfeita da obra da primeira criação de Deus: “os mundos pela palavra de Deus *foram criados*” (Hebreus 11:3). Ou seja, eles estavam de tal forma concluídos, que nada mais era necessário para a sua perfeição; pois como Gênesis 1:31 nos diz: “E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom”.

Mas essa mesma palavra grega tem um sentido muito diferente em outras passagens. Em Mateus 4:21, encontra-se na frase “consertando as redes”, em que se denota a reparação do que foi danificado. “Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, *encaminhai* o tal com espírito de mansidão” (Gálatas 6:1). Neste texto, isso significa tal como a restauração de um membro que está fora de sua articulação. Sem dúvida, essa foi uma das significações que o apóstolo Pedro tinha em mente quando escreveu esta oração, pois aqueles por quem ele orava haviam sido desarticulados ou dispersos por perseguições (1 Pedro 1:1, 6, 7). Paulo também tinha esse tom de significado diante dele quando exortou os coríntios divididos: “*sejais unidos* em um mesmo pensamento e em um mesmo parecer” (1 Coríntios 1:10). Mais uma vez, a palavra é usada às vezes para expressar o suprimento de uma deficiência, como acontece em 1 Tessalonicenses 3:10: “para que possamos ver o vosso rosto, e supramos o que *falta* à vossa fé?”. A palavra “falta” implica uma deficiência. Mais uma vez, a palavra ocorre em Hebreus 13:21: “Vos

aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando em vós o que perante ele é agradável por Cristo Jesus” (Hebreus 13:21). Aqui o apóstolo ora para que os santos avancem para maiores níveis de fé e de santidade nesta vida.

Nosso Aperfeiçoamento Tem Relação com o Processo de Santificação

Desta forma, podemos ver, a partir de seu uso em outras passagens, que a palavra grega traduzida como *aperfeiçoar* em 1 Pedro 5:10 pode oferecer um significado de algo semelhante a isto: “O Deus de toda graça... Ele mesmo vos *aperfeiçoe* em todos esses níveis sucessivos de graça que são necessários para que vocês alcancem a maturidade espiritual”. Esse significado não necessariamente implica qualquer culpa pessoal ou fracasso naqueles por quem se ora, assim como uma criança não deve ser responsabilizada por ainda não ter atingido a plena estatura de um adulto ou de não ter atingido o conhecimento que vem com a idade madura. É com esse princípio em mente que Deus prometeu levar à perfeição a boa obra que Ele começou na alma de Seu povo (Filipenses 1:6). Um cristão pode ir até a medida de graça recebida do alto, sem qualquer divergência intencional em seu curso, e ainda ser imperfeito. Este foi o caso com o apóstolo Paulo, um dos mais favorecidos dos filhos de Deus, que confessou: “Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito” (Filipenses 3:12). Houve, e há, algumas almas privilegiadas que nunca deixaram o seu primeiro amor, que seguiram ininterruptamente na busca do conhecimento do Senhor, e que (como o teor geral de suas vidas) têm se conduzido de acordo com a

luz recebida. No entanto, mesmo estes têm necessidade de mais adições de sabedoria e santidade para torná-los ramos mais fecundos da Videira e para movê-los sempre na direção à consumação de sua santidade no céu.

Um exemplo disso aparece no caso dos santos de Tessalônica. Eles não somente haviam experimentado uma conversão notável (1 Tessalonicenses 1:9), mas se comportaram da maneira mais exemplar e que mais honrava a Deus, de modo que o apóstolo deu graças a Deus por eles por causa da “obra da vossa fé, do trabalho, do amor e da paciência da esperança em nosso Senhor Jesus Cristo, diante de nosso Deus e Pai” (vv. 2-3). Não somente as suas graças interiores eram saudáveis e vigorosas, mas em sua conduta exterior eles foram feitos “exemplo [padrão] para todos os fiéis” (v. 7). No entanto, Paulo estava muito desejoso de visitá-los novamente, para que pudesse aperfeiçoar o que faltava em sua fé (1 Tessalonicenses 3:10). Ele desejava que fossem abençoados com outras fontes de conhecimento e de graça que promoveria uma caminhada mais íntima com Deus e uma maior resistência e superação das tentações. Pois essa fé que repousa sobre Cristo para perdão e aceitação de Deus, que Ele concede na conversão, é também uma fé consciente que se apossa de nossa aceitação para com Deus. Paulo refere-se a isso como a “plenitude da inteligência” (Colossenses 2:2). Com essa bendita segurança, Deus nos dá a rica experiência da “alegria indizível e cheia de glória” (1 Pedro 1:8) e do fazer firme a nossa vocação e eleição, a fim de que uma entrada abundante em Seu reino seja iniciada nesta vida (2 Pedro 1:10-11). No entanto, esse

aperfeiçoamento também se aplica à recuperação e restauração dos cristãos que tropeçaram, como é evidente, no próprio caso de Pedro.

Pedro Ora pelo Estabelecimento ou Confirmação da Fé Daqueles a Quem se Dirige

Mas suponha que Deus assim conserte e restaure aqueles que foram achados em falta, ainda assim eles não podem cair novamente? Sim, de fato, e, evidentemente, Pedro teve uma tal contingência em vista. Assim, ele acrescenta a palavra “confirmar”. Pedro anelava que eles fossem tão confirmados na fé, que não caíssem. Em relação aos inconstantes e vacilantes, esse foi um pedido para que não fossem mais lançados para lá e para cá, antes fossem inamovíveis em suas crenças. Em relação aos desanimados que, tendo posto a mão no arado, foi um pedido para que não olhassem para trás por causa das dificuldades do caminho. E em relação àqueles que estavam andando bem próximos do Senhor, foi um pedido para que pudessem ser confirmados em santidade diante de Deus (1 Tessalonicenses 3:13); pois os mais espirituais estão diariamente em necessidade de graça sustentadora. A palavra grega usada (*stērizō*, nº 4.741 em Strong e Thayer) de um modo geral significa *firmar ou confirmar*. Ela ocorre nas palavras de Cristo em Lucas 16:26: “está *fixado* um grande abismo”. Ela é encontrada novamente em conexão com Cristo e é traduzida assim: “manifestou o *firme* propósito de ir a Jerusalém” (Lucas 9:51). É a palavra dirigida pelo Senhor ao próprio Pedro: “e tu, quando te converteres, *confirma* [ou “fixa firmemente”] teus irmãos” (Lucas 22:32). Nosso

Senhor estava comissionando Pedro, com antecedência, para restabelecer aqueles de Seus discípulos que também poderiam ceder à tentação de negar o Seu Mestre. Da mesma forma, Paulo quis estabelecer e consolar os santos de Tessalônica a respeito de sua fé, e isso em relação à tentação ou tribulação (1 Tessalonicenses 3:1-5).

Pedro Ora para que Deus se Agrade em Conceder Força Moral a Eles

Entretanto, ainda que sejamos assim confirmados pela graça de Deus, de modo que não podemos cair total e finalmente, ainda assim somos fracos e podemos estar labutando sob grandes debilidades. Por isso, o apóstolo acrescenta à sua petição a palavra “fortalecer”. Este verbo grego (*Sthenoó*, nº 4.599 em Strong e Thayer) não é usado em outras partes do Novo Testamento, mas, a partir de sua posição aqui entre “confirmar” e “estabelecer”, ele parece ter a força revigorante contra fraquezas e corrupções. Lembro-me da oração que Paulo ofereceu, em nome dos Efésios, para que fossem “corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior” (Efésios 3:16). Paulo emprega um substantivo negativo (*Asthenés*, nº 772 em Strong e Thayer), formado a partir da mesma raiz, em Romanos 5:6: “Porque Cristo, estando nós ainda *fracos*, morreu a seu tempo pelos ímpios”. Em nosso estado não regenerado, estávamos totalmente desprovidos de capacidade e habilidade para fazer aquelas coisas que são agradáveis a Deus. O estado de impotência espiritual de uma alma não regenerada não é apenas dito ser “fraco”, mas a condição do corpo quando morto é expressa por um

substantivo (*Astheneia*, nº 769) derivado de *asthenés* (Nº 772). “Semeia-se em fraqueza”, ou seja, é sem vida, totalmente desprovido de qualquer vigor. Mas, por contraste, “ressuscitará com vigor” (1 Coríntios 15:43); ou seja, isso deve ser dotado e capacitado com todas as habilidades das criaturas racionais, mesmo como as que os anjos têm (Lucas 20:36), os quais “excedem em força” (Salmos 103:20). Assim, esse pedido pelo fortalecimento dos santos deve ser entendido como um pedido por suprimentos de graça que fortalecerão as mãos cansadas e os joelhos desconjuntados e os capacitarão a superar todas as forças de oposição.

Pedro Ora para que Eles Possam Ser Estabelecidos em Fé, Amor e Esperança

Apesar de sermos confirmados de modo que nunca seremos perdidos, e embora sejamos fortalecidos para resistirmos contra as tribulações, ainda assim podemos nos tornar instáveis e inseguros. Portanto, Pedro acrescenta a palavra “estabelecer” à sua petição. Ele almeja que eles sejam incansáveis em sua fé em Cristo, amor por Deus e esperança da glória eterna. O verbo grego (*Themelioó*, nº 2.311) é traduzido como “edificada” em Mateus 7:25, “fundaste” em Hebreus 1:10 e “fundados” em Efésios 3:17. Em nosso texto, ele parece ser utilizado como o oposto de oscilações de espírito e dúvidas de coração. Pedro está dizendo algo como: “Eu oro para que vocês sejam capazes de dizer com confiança, ‘porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia’ (2 Timóteo 1:12), e não se desviem do caminho do dever por causa da oposição que

vocês encontram”. Não importa o quão boa uma árvore possa ser, se ela não estiver estabelecida na terra, mas for movida de lugar para lugar, ela terá pouco ou nenhum fruto. Quantos podem encontrar a causa da esterilidade de suas vidas olhando para a condição incerta de seus corações e julgamentos! Davi poderia dizer: “Preparado [firme] está o meu coração, ó Deus, preparado [firme] está o meu coração”, e, portanto, ele adicionou, “cantarei, e darei louvores” (Salmos 57:7). Esta também é uma bênção que somente Deus pode dar. “Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar”, diz Paulo (Romanos 16:25). Ainda assim, como Deuteronômio 28:9 e 2 Crônicas 20:20 mostram, devemos utilizar os meios indicados.

“Ele mesmo vos aperfeiçoe, confirme, fortifique e estabeleça”. O objetivo principal parece ser mencionado em primeiro lugar, e, em seguida, as etapas através do que isso deve ser alcançado. Mas, se considerados em conjunto ou isoladamente, todos eles relacionam-se com a nossa santificação prática. O acúmulo desses termos enfáticos indica a dificuldade da tarefa do cristão e sua necessidade urgente de suprimentos constantes de graça divina. A guerra do santo é algo que representa uma dificuldade incomum, e suas necessidades são profundas e múltiplas; mas ele vai ao encontro do “Deus de toda graça”! Assim, é tanto o nosso privilégio quando o nosso dever recorrer a Ele através de súplicas insistente (2 Timóteo 2:1; Hebreus 4:16). Deus providenciou graça correspondente a todas as nossas necessidades, porém esta flui através dos meios que Ele designou. Deus irá nos “aperfeiçoar, confirmar, fortificar

e estabelecer”, em resposta à fervorosa oração, pela instrumentalidade de Sua Palavra, através de Sua bênção, que vem a nós por meio dos vários ministérios de Seus servos, e por santificar para nós a disciplina de Suas providências. Aquele que deu ao Seu povo uma esperança segura também dará todo o necessário para a realização da coisa esperada (2 Pedro 1:3); mas a nossa única parte é buscar a bênção desejada e necessária por meio da oração (Ezequiel 36:37).

Nosso Padecer com Cristo Deve Preceder o Sermos Glorificados com Ele

Em sexto lugar, passamos a refletir sobre a qualificação desta oração: “depois de havemos padecido um pouco”. Esta cláusula está intimamente ligada com duas outras: (1) “que em Cristo Jesus nos chamou à sua eterna glória” e (2) a petição “Ele mesmo vos aperfeiçoe”. O apóstolo não orou para que os crentes fossem tirados deste mundo, assim que fossem regenerados, nem que eles fossem imediatamente aliviados de seus sofrimentos. Ao contrário, ele ora para que os seus sofrimentos deem lugar à glória eterna “depois de um tempo”, ou, como diz o original em grego: “depois de um pouco de tempo”, pois todo o tempo é curto, em comparação à eternidade. Pela mesma razão, as aflições mais severas devem ser consideradas como “leves” e apenas “momentâneas” quando comparadas a um “peso eterno de glória” que nos aguarda (2 Coríntios 4:17). Os sofrimentos e a glória estão inseparavelmente ligados, pois “por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus” (Atos 14:22). O

apóstolo Paulo ensina claramente que aqueles de nós que somos filhos de Deus deveremos realmente compartilhar da herança de Cristo, “se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados” (Romanos 8:17). Se uma pessoa não carrega nenhuma cruz, também não ganhará nenhuma coroa (Lucas 14:27). Todos os que sofreram por amor de Cristo na terra serão glorificados no céu; mas ninguém será glorificado, salvo aqueles que, de alguma forma ou de outra, estão sendo “feitos conforme a sua morte” (Filipenses 3:10). Alguns dos sofrimentos do crente provêm da mão da providência de Deus, alguns de “falsos irmãos” (2 Coríntios 11:26; Gálatas 2:4), alguns do mundo profano, alguns de Satanás e alguns de pecado interior. Pedro fala de “tentações” ou “tribulações” (1 Pedro 1:6), mas elas são contrabalançadas pela “multiforme graça” (1 Pedro 4:10). E ambas são dirigidas pela “multiforme sabedoria de Deus” (Efésios 3:10)!

A Conformidade com Cristo Inclui Necessariamente Nossa Comunhão com Ele em Seus Sofrimentos

A abundante graça de Deus não exclui tribulações e aflições, mas aqueles que são os destinatários da graça divina têm sido “ordenados para isso” (1 Tessalonicenses 3:3). Então, não nos espantemos ou desfaleçamos devida a estas coisas, mas busquemos a graça para nos santificarmos. Os sofrimentos são necessários para os santos sob vários aspectos. Em primeiro lugar, eles são designados para que os membros possam se conformar com a sua cabeça:

“Porque convinha que aquele, para quem são todas as coisas, e mediante quem tudo existe, trazendo muitos filhos à glória, consagrasse pelas aflições o príncipe da salvação deles” (Hebreus 2:10). Basta que o discípulo seja como o seu Mestre, para que ele seja aperfeiçoado depois de ter sofrido por algum tempo. O próprio Pedro faz alusão a esta ordem divinamente prescrita no caminho da salvação (ou seja, a humilhação, em seguida a exaltação, que se aplica não somente à cabeça, mas aos Seus membros também), quando ele se refere aos “sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir” (1 Pedro 1:11). Foi a vontade divina que mesmo o Filho encarnado deveria aprender a “obediência [submissão], por aquilo que padeceu” (Hebreus 5:8). Houve um ponto de inflexão no Seu ministério quando Jesus começou “a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e *padecer* muitas coisas dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia” (Mateus 16:21). Por que Ele teve que sofrer assim? É porque Deus havia ordenado isso (Atos 4:28). Cristo foi tentado pelo Diabo apenas por causa da malícia de Satanás em relação a Ele? Não, pois foi “conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo” (Mateus 4:1; cf Marcos 1:12-13; Lucas 4:1-2). Lembrem-se durante as suas tribulações, queridos santos, que o próprio Salvador entrou no reino de Deus “por muitas tribulações” (Atos 14:22), assim como nós devemos fazer. Assim, “naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer [“aliviar” ou “ajudar”] aos que são tentados” (Hebreus 2:18). Portanto, tenhamos “grande

gozo quando cairmos em várias tentações” (Tiago 1:2), pois sofrer “como cristão” é um meio pelo qual podemos glorificar ao nosso Deus e Redentor (1 Pedro 4:16). O privilégio de experimentar “a comunhão dos Seus sofrimentos” é um dos meios designados por Deus através do que podemos saber que estamos em Cristo, e não mais identificados com o mundo que agora permanece sob a ira de Deus (Filipenses 3:7-11). Ouça as palavras de nosso Mestre: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós” (Mateus 5:10-12).

A Graça de Deus é Magnificada ao Atender as Nossas Necessidades e Confundir Nossos Inimigos

Em segundo lugar, o Deus de toda graça fez esta designação porque a Sua graça é mais bem vista em sustentar-nos e é mais manifesta ao nos trazer refrigério. Assim, encontramos o trono da graça magnificado por Deus nos dar “graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno” (Hebreus 4:16). Grande parte da glória da graça de Deus aparece em Seu apoiar os fracos, em libertar os tentados e em levantar os caídos. O Senhor não nos isenta do conflito, mas nos sustenta nele. O chamado eficaz garante a nossa perseverança final, ainda assim isso não torna desnecessárias as fontes contínuas de graça. Como Manton expressou: “Deus não

apenas lhes dará glória no final de sua jornada, mas suprirá as suas necessidades através do caminho”.

Em terceiro lugar, nosso Pai nos conduz através de provas ardentes, a fim de confundir aqueles que são nossos adversários. A graça reina (Romanos 5:21), e a grandeza de uma monarquia é demonstrada por sua vitória sobre os rebeldes e ao derrotar seus inimigos. Deus levantou o poderoso Faraó, a fim de manifestar Seu próprio poder. No contexto (1 Pedro 5:8), como já vimos, ele permite ao Diabo, agir como um leão a rugir ao nosso redor, fazendo oposição e atacando-nos. Mas Ele faz isso somente para o frustrar, pois é “certo que os presos se tirarão ao poderoso” (Isaías 49:25), e Deus “esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos [nossos] pés” (Romanos 16:20).

O Sofrimento Prova Nossas Graças e Faz o Céu Mais Glorioso

Em quarto lugar, o sofrimento é necessário para testar e provar as nossas graças: “A prova da vossa fé opera a paciência” (Tiago 1:3). Considere o que Pedro diz sobre nós, que fomos gerados “de novo para uma viva esperança”:

Em que vós grandemente vos alegrais, ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações, para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, e honra, e glória, na revelação de Jesus Cristo (1 Pedro 1:6-7).

É o vento da tribulação que separa o trigo do joio, a fornalha que revela a diferença entre a escória e o ouro.

O ouvinte que é um “solo pedregoso” se ofende e cai, pois quando é “chegada a angústia e a perseguição, por causa da palavra, logo se ofende” (Mateus 13:21). Assim, também, para a purificação e o resplendor de nossa esperança, nossos corações têm que ser mais completamente apartados deste mundo antes que sejam postos sobre as coisas do alto.

Em quinto lugar, a glória de nossa herança eterna é reforçada quando suportamos a aflição. Ouça as palavras de Thomas Goodwin: O céu não é simplesmente alegria e felicidade, mas uma glória, e uma glória vitoriosa pela conquista, em cada uma das sete cartas de Apocalipse 2 e 3 as promessas são feitas “ao que vencer”. Esta é uma coroa conquistada por maestria e por esforço, de acordo com certas leis estabelecidas que devem ser observadas por aqueles que militam (2 Timóteo 2:5). A glória vitoriosa pela conquista e maestria é a mais valiosa. A porção que Jacó ganhou “com a minha espada e com o meu arco” foi aquela reservada para seu amado José (Gênesis 48:22). Nós somos mais do que vencedores, por meio dAquele que nos amou.

Graça é Fornecida para Conflitos Internos e Externos

É um erro (cometido por alguns) restringir tanto as aflições do versículo 9 ou o sofrimento do versículo 10 a perseguições e provações exteriores. Antes, todos os assaltos internos (seja a partir de nossas próprias concupiscências ou de Satanás), e bem como todas as tentações, sejam quais forem, devem ser incluídos. O contexto exige isso, as palavras “Sede sóbrios e vigilantes” relacionam-se às nossas concupiscências,

bem como a todas as outras provocações à prática do mal, assim o chamado a resistir ao Diabo claramente se relaciona com suas tentações interiores para o pecado. A experiência de todos os santos o exige, pois as suas dores mais agudas são ocasionadas por suas próprias corrupções. Além disso, como Goodwin apontou, a nossa ação de colocar Deus diante dos olhos de nossa fé como “o Deus de toda graça” argumenta o mesmo; pois a Sua graça está principalmente pronta para auxiliar-nos contra pecados interiores e tentações ao pecado. Além disso, toda a Sua graça se estende não somente a todos os tipos de misérias exteriores, mas a todos os males internos, que são a nossa maior tristeza, o que exige Sua graça abundante sobre todo o mais, e para o que Sua graça é principalmente dirigida (Salmos 19:14, 119:1-16; Provérbios 3:5-7, 4:20-27). Sua graça é o grande remédio para todos os males a que o crente está sujeito. Alguns são culpados de pecados piores após a conversão do que antes, e, se seu Deus não fosse o Deus de toda graça, onde eles estariam?

A Perfeição na Graça é Progressiva e Escatológica

“Depois de havemos padecido um pouco, ele mesmo vos aperfeiçoe, confirme, fortifique e estabeleça”. Isso pode muito bem ser considerado como um pedido de graça para que possamos obedecer à exortação encontrada em 1 Coríntios 15:58: “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor”. Devemos estar constantemente em oposição ao pecado e nos esforçando para sermos santos em toda maneira de

viver. Este pedido recebe um cumprimento parcial nesta vida, mas uma realização completa e mais transcendente ocorrerá apenas no céu. Os santos avançam para novos graus de fé e de santidade, quando, após períodos de hesitação e sofrimento, Deus os fortalece e estabelece em uma forma mais estável de espírito. No entanto, apenas em nossa condição permanente após a morte essas bênçãos serão totalmente nossas. Somente então seremos aperfeiçoados, no sentido de sermos plenamente conformes à imagem do Filho de Deus. Nossos corações serão feitos “irrepreensíveis em santidade diante de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Tessalonicenses 3:13). Só então toda a nossa debilidade findará e nossos corpos “ressuscitarão com vigor” (1 Coríntios 15:43). Então, de fato, nós seremos eternamente estabelecidos, pois a promessa divina é esta: “A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca sairá” (Apocalipse 3:12).

A Doxologia da Esperança Infalível

Em sétimo lugar, finalmente, chegamos à grande atribuição desta oração apostólica: “A ele seja a glória e o poderio para todo o sempre. Amém”. “O apóstolo, tendo acrescentado a oração à sua doutrina, agora aqui adicionou o louvor à sua oração”, diz Leighton. Isso expressou a confiança do apóstolo de que o Deus de toda graça concederia a sua petição. Ele estava certo de que o que pedira em nome dos santos seria para a “glória” de Deus, e que o Seu “poderio” infalivelmente deveria realizar isso. Há, portanto, uma dica prática implícita para nós nesta doxologia final. Ela indica onde o alívio

deve ser obtido e onde a força deve ser encontrada em meio ao nosso sofrimento, a saber, ao olhar para a glória de Deus, que é a grande finalidade que Ele tem em vista em todo o Seu lidar conosco; e pela confiante crença no poderio de Deus em realizar todas as coisas para o nosso bem (Romanos 8:28). Pois, se é Seu o poderio, e Ele nos chamou à Sua glória eterna, então o que temeremos? Assim, a nossa glorificação é uma certeza (Romanos 8:30), de forma que devemos dar graças por ela agora. A graça abundante e infinita de Deus está comprometida para realizá-la e o Seu poderio onipotente garante a sua realização.

4

2 Pedro 1:2-3

Graça e paz vos sejam multiplicadas, pelo conhecimento de Deus, e de Jesus nosso Senhor; visto como o seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade, pelo conhecimento daquele que nos chamou pela sua glória e virtude.

Nenhum estudo aprofundado das orações dos apóstolos, ou das orações da Bíblia como um todo, seria completo sem um exame das bênçãos com que os apóstolos (com exceção de Tiago) prefaciam as suas epístolas. Essas saudações iniciais eram muito diferentes de um mero ato de cortesia, como quando o comandante dos soldados romanos em Jerusalém escreveu uma carta nestes termos: “Cláudio Lísias, a Félix, potentíssimo presidente, saúde” (Atos 23:26). Os seus discursos introdutórios eram muito mais do que uma formalidade cortês, mais do que as expressões de um desejo gentil. Sua expressão “graça a vós e paz” era uma oração, um ato de adoração, em que Cristo era sempre referido em união com o Pai. Isso significa que um pedido por essas bênçãos foi feito diante do trono. Tais bênçãos

evidenciavam a afeição calorosa que os apóstolos tinham por aqueles a quem escreveram, e demonstravam os seus desejos espirituais em nome deles. Ao colocar estas palavras de bênção no início de sua epístola, o apóstolo Pedro manifesta poderosamente como seu próprio coração foi afetado pela bondade de Deus para com seus irmãos.

Aquilo que agora envolve a nossa atenção pode ser considerado sob os seguintes tópicos. Primeiro, olharemos para a essência da oração: “graça e paz”, essas são as bênçãos suplicadas a Deus. Em segundo lugar, devemos ponderar a medida desejada de sua concessão: “vos sejam multiplicadas”. Em terceiro lugar, contemplaremos o meio de sua comunicação: “pelo conhecimento de Deus, e de Jesus nosso Senhor”. Em quarto lugar, examinaremos o motivo que levou o pedido: “Visto como o seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade” (v. 3). Antes de preencher esse esboço ou fazer uma exposição desses versículos, apontaremos o que está implícito por meio desta oração (especialmente para o benefício de jovens pregadores, para quem é especialmente vital aprender como um texto deve ser examinado).

As Implicações Vitais desta Bênção

Na busca do apóstolo por Deus quanto a tais bênçãos como estas para os santos, as seguintes lições vitais são ensinadas por implicação: (1) que ninguém pode merecer qualquer coisa das mãos de Deus, pois a graça e o mérito são opostos; (2) que não pode haver paz verdadeira à parte da graça de Deus, “não há paz para os ímpios, diz o meu Deus” (Isaías 57:21); (3) que,

mesmo o regenerado permanece em constante necessidade da graça de Deus; e (4) o regenerado, portanto, deve ser vil aos seus próprios olhos. Se quisermos receber mais de Deus, então devemos apresentar os nossos corações a Ele como vasos vazios. Quando Abraão estava prestes a fazer súplica ao Senhor, ele se humilhou reputando a si mesmo como “pó e cinza” (Gênesis 18:27); e Jacó reconheceu que não era digno da menor das misericórdias de Deus (Gênesis 32:10); (5) um pedido como o que Pedro está fazendo aqui é uma confissão tácita da total dependência dos crentes da bondade de Deus, de forma que somente Ele é capaz de suprir as suas necessidades; (6) ao pedir que a graça e a paz fossem multiplicadas a eles, o apóstolo reconhece que não só o início e continuidade delas, mas também o seu crescimento procede da boa vontade de Deus; (7) por isso, a ordem é dada: “Abre bem a tua [nossa] boca” (Salmos 81:10) para Deus. Sim, é um mau sinal o contentar-se com pequena graça. “Nunca foi bom aquele que não deseja crescer mais”, diz Manton.

O Caráter Especial da Segunda Epístola

Uma palavra também precisa ser dita sobre o caráter do livro em que esta oração particular é encontrada. Como todas as segundas epístolas, esta trata de um estado de coisas em que o falso ensino e a apostasia tinham um lugar mais ou menos proeminente. Uma das principais diferenças entre as duas epístolas é esta: enquanto que em sua primeira epístola, o propósito principal de Pedro era fortalecer e confortar os seus irmãos em meio ao sofrimento a que estavam expostos devido ao mundo profano e pagão (veja o capítulo 4), e

agora ele graciosamente os adverte (2 Pedro 2:1, 3:1-4) e confirma (2 Pedro 1:5-11, 3:14) contra um perigo pior do que aquele representado pelo mundano professo, ele os adverte contra a ameaça real daqueles que professavam ser cristãos. Em sua primeira epístola, Pedro tinha representado o seu grande adversário, o diabo, como um leão a rugir (1 Pedro 5:8). Mas aqui, sem nomeá-lo diretamente, ele retrata Satanás como um anjo de luz (mas, na realidade, a serpente sutil), que já não está perseguindo, mas buscando corrompê-los e envenená-los por meio de falsos ensinamentos. No segundo capítulo, esses falsos mestres são denunciados (1) como os homens que haviam negado o Senhor que os resgatou (v. 1), e (2) como licenciosos (vv. 10-14, 19), que dão liberdade aos seus desejos carnis.

O apóstolo Pedro dirige sua epístola aos que “alcançaram fé igualmente preciosa pela justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo” (2 Pedro 1:1, as palavras são ordenadas aqui de acordo com o texto grego e a KJV em sua nota marginal). A palavra “fé” aqui se refere a esse ato da alma através do qual a verdade divinamente revelada é salvificamente apreendida. Sua fé é declarada ser “preciosa”, pois é um dos maiores dons de Deus e o fruto imediato do poder regenerador do Seu Espírito. Isso é enfatizado na expressão “alcançaram” (*Lagchanó*, nº 2975 em Strong e Thayer). É a mesma palavra grega encontrada em Lucas 1:9: “coube-lhe em sorte entrar no templo do Senhor para oferecer o incenso”. Ela aparece novamente em João 19:24: “Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela”. Assim, esses santos foram lembrados de que eles deviam a sua fé salvífica não a

qualquer sagacidade superior da parte deles, mas apenas às distribuições da graça. Isso ocorreu com eles, como com o próprio Pedro. Isso foi revelado a eles não pela carne e sangue, mas pelo Pai celestial (Mateus 16:17). Na distribuição de favores de Deus, uma bendita porção havia caído para eles, a saber, “a fé dos eleitos de Deus” (Tito 1:1). O “eles” a quem Pedro se dirige são os gentios, e o “nós” em que ele se inclui são os judeus. Sua fé tinha por objeto a perfeita justiça de Cristo, seu Fiador, pois as palavras “pela justiça do” são, provavelmente, mais bem traduzidas e compreendidas “na justiça do” divino Salvador.

A Substância da Bênção de Pedro

Tendo assim descrito seus leitores por sua posição espiritual, Pedro acrescenta sua bênção apostólica: “Graça e paz vos sejam multiplicadas”. A combinação da bênção apostólica com a saudação (que contém os elementos, graça e paz) é essencialmente a mesmo que a empregada por Paulo em dez de suas epístolas, bem como por Pedro em sua primeira epístola. Em 1 e 2 Timóteo e Tito, Paulo acrescentou o elemento misericórdia, como o fez João em sua segunda epístola. Judas usou os elementos misericórdia, paz e amor. Assim, nós aprendemos que os apóstolos, ao pronunciarem bênçãos ditadas pelo Espírito sobre os crentes a quem escreveram, combinaram: a graça, a palavra de ordem na era da Nova Aliança (João 1:14, 17), com a paz, a bênção distintivamente hebraica. Quem leu o Antigo Testamento com atenção se lembrará com que frequência a saudação “a paz esteja contigo”, ou algo semelhante, é encontrada (Gênesis 43:23; Juízes

6:23, 18:6; etc.). “Haja paz dentro de teus muros, e prosperidade dentro dos teus palácios” (Salmos 122:7), clama Davi, enquanto contempla com expectativa as bênçãos espirituais e temporais que deseja para Jerusalém e, portanto, a favor de Israel (cf. vv. 6, 8, bem como todo o Salmo). Esse texto mostra que a palavra “paz” era um termo genérico para designar o bem-estar. Desde a sua utilização pelo Salvador ressuscitado em João 20:19, concluímos que era um termo que resumia e incluía toda bênção. Nas epístolas e no livro do Apocalipse (que foi intencionado por Cristo, o grande cabeça da Igreja, para circular à moda de uma epístola), os termos “graça” e/ou “paz” são frequentemente usados em saudações e bênçãos conclusivas. A palavra “paz” é usada de maneiras diversas por oito vezes (Romanos 16:20; 2 Coríntios 13:11; Efésios 6:23; 1 Tessalonicenses 5:23; 2 Tessalonicenses 3:16; Hebreus 13:20; 1 Pedro 5:14; 3 João 14), seis dessas vezes em maior ou menor proximidade com a palavra “graça”, que é usada dezoito vezes (Romanos 16:20, 24; 1 Coríntios 16:23; 2 Coríntios 13:14; Gálatas 6:18; Efésios 6:24; Filipenses 4:23; Colossenses 4:18; 1 Tessalonicenses 5:28; 2 Tessalonicenses 3:18; 1 Timóteo 6:21; 2 Timóteo 4:22; Tito 3:15; Filemom 1:24; Hebreus 13:25; 1 Pedro 5:10; 2 Pedro 3:18; Apocalipse 22:21). Obviamente, a cláusula “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco”, ou alguma variação dela, é a mais característica bênção conclusiva usada pelos apóstolos. À luz da sua compreensão das realidades gloriosas da era do Evangelho (Atos 10 e 11, especialmente vv. 1-18), é evidente, por esta bênção, que o apóstolo Pedro intenciona e abarca tanto judeus

crentes quanto gentios crentes como unidos no compartilhamento da plena bênção de grande salvação de Deus.

Tendo um desejo sincero pelo bem-estar deles, Pedro pediu para os santos as mais preciosas bênçãos que lhes poderiam ser conferidas, para que pudessem ser moral e espiritualmente enriquecidos, tanto interna como externamente. “Graça e paz” contêm a soma das dádivas do Evangelho e o suprimento de todas as nossas necessidades. Juntas, elas incluem todos os tipos de bênçãos, e, portanto, elas são as coisas mais abrangentes que podem ser pedidas a Deus. Elas são os mais valiosos favores que podemos desejar para nós mesmos e para os nossos irmãos! Elas devem ser solicitadas por meio da fé, da parte de Deus nosso Pai, em confiança na mediação e os méritos de nosso Senhor Jesus Cristo. “Graça e paz” são a própria essência, assim como o todo, da verdadeira felicidade de um crente nesta vida, e isso explica o desejo do apóstolo de que seus irmãos em Cristo pudessem abundantemente participar delas.

Pedro Ora para que Seus Irmãos Cresçam na Graça

A graça não deve ser entendida no sentido do distintivo favor redentor de Deus, pois estes santos já eram objetos desta graça; nem isso deve ser entendido como um princípio espiritual dentro da natureza, pois este foi dado a eles no novo nascimento. Antes, isso se refere a uma maior manifestação da natureza espiritual e semelhança divina que alguém recebeu de Deus e uma dependência maior e mais alegre no doador

(2 Coríntios 12:9). Também se refere aos dons divinos que induzem a esse crescimento. Falando de Cristo, o apóstolo João declara: “E todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por [“sobre”, margem da ASV] graça” (João 1:16). Matthew Poole comenta da seguinte forma:

E graça por graça: temos recebido não gotas, mas graça *sobre* graça; não somente o conhecimento e instrução, mas o amor e a graça de Deus, e os hábitos espirituais, na proporção do favor e da graça que há em Cristo (permitindo nossas pequenas capacidades); recebemos a graça livremente e com abundância, tudo a partir de Cristo, e por causa dEle; pelo que vemos o quanto a alma que recebe a graça é obrigada a reconhecer e adorar a Cristo, e pode ser confirmada no recebimento de *mais* graça, e de esperanças de vida eterna (itálicos adicionados).

É evidente a partir de 1 Pedro 4:10 que a graça de Deus é multiforme, sendo dispensada aos Seus santos em várias formas e medidas de acordo com as suas necessidades, contudo para a edificação não somente do indivíduo, mas do corpo de Cristo como um todo (Efésios 4:7-16). No próprio final desta epístola, Pedro ordena aos seus leitores, dizendo: “Antes cresci na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo” (2 Pedro 3:18; cf. Efésios 4:15). Assim, vemos a adequação da oração de Pedro para que Deus concedesse ainda mais de Sua benignidade a eles; e vemos também a necessidade de oramos deste modo por nós mesmos e pelos outros.

Portanto, observamos que, embora o significado fundamental e referência da graça é o favor redentor de Deus, gratuitamente concedido, ainda assim o termo é frequentemente usado em um sentido mais amplo para incluir todas essas bênçãos que fluem da Sua bondade soberana. Desta forma é que a graça deve ser entendida nas bênçãos apostólicas: a oração pela contínua e crescente manifestação da expressão da boa obra que Deus já começou (Filipenses 1:6). Aqui “graça e paz” são dois benefícios adequadamente unidos, pois um nunca é encontrado sem o outro. Sem a graça da reconciliação não pode haver paz firme e duradoura. A primeira é a boa vontade de Deus para conosco; a última é a Sua grande obra em nós. Na proporção em que a graça é comunicada, a paz é apreciada; a graça santifica o coração, a paz conforta a alma.

Embora a Paz Comece com a Justificação, Ela é Mantida pela Nossa Obediência

A paz é um dos principais frutos do Evangelho, enquanto é recebida em um coração crente, consistindo naquela tranquilidade de espírito que advém da sensação de nossa aceitação da parte de Deus. A paz que está aqui em vista não é uma paz objetiva, mas subjetiva. “Paz com Deus” (Romanos 5:1) é o fundamentalmente judicial, sendo o que Cristo fez por Seu povo (Colossenses 1:20). Porém, a fé transmite uma resposta à consciência a respeito de nossa reconciliação com Deus. Na proporção em que a nossa fé repousa sobre a paz feita com Deus pelo sangue de Cristo, e de nossa aceitação nEle, ele se transformará em nossa paz interior. Em e através de Cristo, Deus está em paz com

os crentes, e o feliz efeito desta em nossos corações é uma perceptível “justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Romanos 14:17). Mas não somos capazes de receber e desfrutar das bênçãos até que nos rendamos ao senhorio de Cristo e tomemos o Seu jugo sobre nós (Mateus 11:29-30). É necessário, portanto, que Paulo diga: “E a paz de Deus, para a qual também fostes chamados em um corpo, *domine* em vossos corações” (Colossenses 3:15). Esse é o tipo de paz pelo que os apóstolos oraram em favor de seus irmãos. Essa paz é o fruto de uma segurança bíblica do favor de Deus, o qual, por sua vez, vem da manutenção da comunhão com Ele por uma caminhada obediente. É também a paz conosco. Estamos em paz *conosco* quando a consciência deixa de acusar-nos, e quando nossos sentimentos e vontades submetem-se a uma mente iluminada. Outrossim, isso inclui a concórdia e amizade com os nossos irmãos em Cristo (Romanos 5:5-6). Que excelente exemplo nos foi deixado pela igreja em Jerusalém: “E era um o coração e a alma da multidão dos que criam” (Atos 4:32).

A Medida da Bênção Desejada: A Multiplicação de Graça e Paz

Graça e paz são a presente herança do povo de Deus, e Pedro desejavam que eles desfrutassem delas muitíssimo mais do que um simples gole ou prova. Como 1 Pedro 3:18 indica, ele desejava que eles “crescessem na graça” e que fossem cheios de paz (cf. Romanos 15:13); portanto, o apóstolo suplicou neste sentido: “Graça e paz vos sejam multiplicadas”. Por essas palavras, Pedro apela a Deus para visitá-los com ainda maiores e mais abundantes demonstrações de Sua bondade. Ele ora não

somente para que Deus possa conceder a eles mais e maiores manifestações da Sua graça e paz, mas também para que suas fracas capacidades compreendessem que o aquilo que Deus fizera por suas almas poderia ser grandemente ampliado. Ele ora para que uma bênção abundante de graça e de paz seja concedida a eles. Eles já foram os participantes favorecidos dessas graças divinas, mas é feito um pedido pelo aumento abundante desses benefícios. As coisas espirituais (ao contrário das materiais) não saciam à medida que desfrutamos delas, e, portanto, não podemos tê-las em demasia. As palavras “paz vos sejam multiplicadas” indicam que há graus de segurança sobre a nossa condição em relação a Deus, e que nós nunca deixaremos de ser dependentes da livre graça. As dimensões desse pedido nos ensinam que é nosso privilégio pedir a Deus, não somente por mais graça e paz, mas por uma ampliação delas, pelo que Deus é mais honrado quando fazemos maiores pedidos por Sua graça. Se nossos espíritos estão se deleitando pouco na graça e paz de Deus, isso acontece devido à insignificância de nossas orações, e nunca por qualquer falta de generosidade em Deus.

O Meio pelo qual a Graça e a Paz são Comunicadas

“Pelo conhecimento de Deus, e de Jesus nosso Senhor”. O leitor atento, que não é muito lento em comparar Escritura com Escritura, terá observado uma variação da saudação usada por Pedro em sua primeira epístola (1 Pedro 1:2). Lá, ele orou: “Graça e paz vos sejam multiplicadas”. A adição feita aqui, “pelo conhecimento de Deus, e de Jesus nosso Senhor”, é

significativa, de acordo com a mudança de propósito de Pedro e a adequação ao seu objetivo atual. O estudante também pode ter notado que o conhecimento é uma das palavras de destaque desta epístola (veja 2 Pedro 1:2, 3, 5, 6, 8; 2:20; 3:18). Devemos considerar também a frequência com que Cristo é designado “nosso Senhor” ou “nosso Salvador” (2 Pedro 1:1, 2, 8, 11, 14, 16; 3:15, 18), pelo que Pedro traça um contraste acentuado entre os verdadeiros discípulos e os falsos profetas do cristianismo, os quais não se submeterão ao cetro de Cristo. Esse “conhecimento de Deus” aqui mencionado não é um conhecimento natural, mas espiritual, não especulativo, mas experiencial. Nem é simplesmente um conhecimento do Deus da criação e da providência, mas de um Deus que está em aliança com os homens através de Jesus Cristo. Isso é evidente devido ao fato disso ser mencionado em conexão com as palavras “e de Jesus nosso Senhor”. Portanto, é um conhecimento evangélico de Deus que está aqui em vista. Não pode haver conhecimento salvífico, exceto em e através de Cristo, como o próprio Cristo declarou: “ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mateus 11:27).

Na medida em que esta oração foi para que a graça e a paz fossem “multiplicadas” aos santos “pelo [ou no] conhecimento de Deus”, havia uma tácita indicação de que eles tanto manteriam e progrediriam nesse conhecimento. Calvino comenta da seguinte forma:

Através do conhecimento, literalmente, no conhecimento; embora a preposição *en* [Nº 1722 em

Strong e Thayer] muitas vezes signifique “através de” ou “com”, ainda assim, ambos os sentidos podem se adequar ao contexto. Estou, no entanto, mais disposto a adotar o primeiro. Pois, quanto mais alguém avança no conhecimento de Deus, todo tipo de bênção aumenta proporcionalmente, juntamente com a percepção do amor divino.

O conhecimento espiritual e experiencial de Deus é o grande meio pelo qual todas as influências da graça e paz são transmitidas para nós. Deus trabalha em nós, como criaturas racionais de uma forma que está de acordo com a nossa natureza intelectual e moral, com o conhecimento precedendo todo o mais. Assim como não há paz verdadeira à parte da graça, assim não há nenhuma graça ou paz sem um conhecimento salvífico de Deus; e nenhum tal conhecimento de Deus é possível, senão em e através de “Jesus, nosso Senhor”, pois Cristo é o Meio através do qual todas as bênçãos são transmitidas aos membros do Seu Corpo místico. Quanto mais janelas há em uma casa, mais luz solar entra nela; deste modo, quanto maior o nosso conhecimento de Deus, maior é a nossa medida de graça e paz. Todavia, o conhecimento evangélico do santo mais maduro é apenas fragmentário e frágil e, portanto, requer o aumento contínuo pela bênção divina sobre aqueles meios que foram nomeados para seu aperfeiçoamento e fortalecimento.

A Realização Divina que Moveu Pedro à Oração

“Visto como o seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade, pelo conhecimento daquele

que nos chamou pela sua glória e virtude” (v. 3). Nisso o apóstolo encontrou a motivação para fazer a solicitação acima. Foi porque Deus já havia operado tão maravilhosamente nesses santos que ele foi levado a pedir que Ele continuasse a lidar generosamente com eles. Também podemos considerar este terceiro versículo como sendo trazido para incentivar a fé daqueles cristãos, uma vez que Deus havia feito tão grandes coisas por eles, então eles devem esperar suprimentos mais generosos da parte dEle. Observe que o motivo inspirador foi puramente evangélico, e não legal ou mercenário. Deus havia concedido a eles tudo o que era necessário para a produção e preservação da espiritualidade em suas almas, e o apóstolo desejava vê-los continuamente em uma condição saudável e vigorosa. O poder divino é o fundamento da vida espiritual, a graça é o que a sustenta e a paz é a atmosfera em que ela vive. As palavras “tudo o que diz respeito à vida e piedade” também podem ser entendidas como se referindo, finalmente, à vida eterna na glória, isto é, o direito, a capacitação para e garantia dela, todos os quais já haviam sido concedidos a eles.

Finalmente, é essencial para o nosso crescimento cristão perceber que o conteúdo do versículo 3 deve ser considerado como o fundamento da exortação nos versículos 5 a 7. Assim, o suprimento solicitado no versículo 2 deve ser considerado como a capacitação necessária para toda frutificação espiritual e boas obras. Vamos, então, exercer a maior diligência para permanecer em Cristo (João 15:1-5), tanto em nossas

orações quanto em todos os nossos pensamentos,
palavras e ações.

5

JUDAS 24-25

Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória, ao único Deus sábio, Salvador nosso, seja glória e majestade, domínio e poder, agora, e para todo o sempre. Amém.

A oração para a qual agora voltamos a nossa atenção é particularmente cativante, mas a sua beleza e bem-aventurança aparece ainda mais visivelmente quando é examinada em conexão com o fundo sombrio. Ela conclui a epístola mais solene no Novo Testamento, uma epístola que deve ser lida com temor e tremor, mas que deve ser deixada, após lida, com ações de graças e louvor. Ela contém a descrição mais terrível a respeito daqueles que professam cristianismo, mas não possuem as graças dos cristãos, daquelas árvores que pareciam prometer dar muito fruto para a glória de Deus, mas cujas folhas logo caíram e rapidamente secaram. Seu tema é a apostasia, ou, mais especificamente, a corrupção de grande parte da igreja visível e da corrupção em curso resultante de uma cristandade apóstata. Ela apresenta uma imagem

que muito tragicamente retrata as coisas como elas são em nosso âmbito religioso atual, na maioria das chamadas “igrejas”, de forma geral. Esta epístola nos informa a respeito de como o processo de decadência começa em réprobos que apenas professam a religião e como ela ocorre até que estejam completamente corrompidos. Judas delinea as características daqueles que desencaminham os outros por estas suas obras más e dá a conhecer o destino certo que aguarda ambos, os líderes e os que são levados à apostasia. Esta epístola é concluída com um contraste glorioso.

Muitos Pervertem o Evangelho da Livre Graça em uma Licença para Pecar

O Senhor Jesus deu aviso de que a semente da boa semente por Ele mesmo e por Seus apóstolos seria seguida pela semente de joio, no mesmo campo, por Satanás e seus agentes. Paulo também anunciou que, não obstante os êxitos generalizados do Evangelho durante sua vida, haveria uma “apostasia” antes que o homem do pecado fosse revelado (2 Tessalonicenses 2:3). Essa “apostasia”, ou a apostasia da igreja visível coletivamente considerada, é representada pelo Espírito em alguns detalhes através da pena de Judas. Como o próprio Cristo havia indicado, a obra inicial da corrupção seria feita furtivamente, “enquanto os homens dormiam” (Mateus 13:25), e Judas representa os malfeitores como “se introduziram com dissimulação” (v. 4), isto é, haviam se infiltrado secreta ou sorrateiramente. Eles são chamados de “homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de Deus, e negam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus

Cristo”. Ou seja, enquanto fingiam magnificar a livre graça, estes a pervertiam, falhando em aplicar de forma equilibrada a verdade da santidade; e, ao mesmo tempo que professavam crer em Cristo como Salvador, se recusaram a se render ao Seu senhorio. Assim, eles eram lascivos e antinomianos. Diante desta ameaça horrível, os santos foram exortados a “batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos” (v. 3). Neste contexto, a fé significa nada menos do que todo o conselho de Deus (Cf. Atos 20:27-31).

Essa exortação é aplicada como um lembrete para três exemplos terríveis e solenes da punição imposta por Deus sobre aqueles que haviam apostatado. A primeira é que os filhos de Israel a quem o Senhor salvou do Egito, contudo ainda cobiçaram suas panelas de carne; e por causa de sua incredulidade em Cades-Barnéia toda uma geração daqueles foi destruída no deserto (v. 5; cf. Números 13; 14:1-39, especialmente vv. 26-37). O segundo é o caso dos anjos que haviam apostatado de sua posição privilegiada, e agora estão “reservados na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquele grande dia” (v. 6). O terceiro é o exemplo de Sodoma e Gomorra, que, por causa de sua permissividade generalizada com a forma mais grosseira de lascívia, foram destruídos pelo fogo do céu (v. 7; Cf. Gênesis 19:1-25). Ao que o apóstolo acrescenta que os corruptores da igreja visível “contaminam a sua carne, e rejeitam a dominação, e vituperam as dignidades”, sendo menos respeitosos aos seus superiores que o arcanjo Miguel era ao seu inferior (vv. 8-9). Ele solenemente pronuncia a sentença divina: “Ai deles!” (v. 11). Sem a menor

hesitação, compara-os e as suas obras às obras de três personagens notoriamente ímpios: “pelo caminho de Caim” devemos entender a religião natural, que agrada à carne, que é aceitável para o não regenerado; pelo “erro de Balaão” devemos entender um ministério mercenário que perverte a pura “doutrina da verdadeira religião por causa de torpe ganância” (Calvino); e por “contradição de Coré” devemos entender um desprezo pela autoridade e disciplina, um esforço para eliminar as distinções que Deus fez para a Sua própria glória e para o nosso bem (Números 16:1-3).

Judas Dá um Claro Indício de que esses Falsificadores estão Dentro das Igrejas

Outras características desses malfeitores religiosos são dadas em termos figurativos nos versículos 12 e 13. Deve ser particularmente notado que é dito que estes “banqueteiam-se convosco”, os santos, o que nos dá mais evidências de que esses hipócritas, enganadores dos outros e de si mesmos, estavam dentro das igrejas. Na segunda metade do versículo 13 até o versículo 15, sua condenação é pronunciada. Para os desviados, há um meio de recuperação; mas para os apóstatas não há nenhum. No versículo 16, Judas detalha outras características dos falsos irmãos, que são características, infelizmente, evidenciadas em muitos cristãos professos dos nossos dias. Então Judas exorta o povo de Deus a lembrar que os apóstolos de Cristo haviam predito que “nos últimos tempos haveria escarnecedores [ou “zombadores”, nº 1703 em Strong e Thayer (2 Pedro 3:3)] que andariam segundo as suas ímpias concupiscências” (vv. 17-18). Por “últimos tempos” deve

ser entendida esta dispensação cristã ou final (veja 1 Pedro 4:7; 1 João 2:18), com uma possível referência para o clímax da culminação do mal em sua extremidade. Em seguida, Judas apela para aqueles a quem está escrevendo, dirigindo a eles uma série de exortações necessárias e salutares (vv. 21-23). Ele termina com a oração que agora consideraremos, concluindo a mais solene de todas as epístolas com a maior explosão gloriosa de louvor do que podemos encontrar em qualquer outra.

Judas Conclui com um Cântico à Triunfante Graça de Deus

“Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória, ao único Deus sábio, Salvador nosso, seja glória e majestade, domínio e poder, agora, e para todo o sempre. Amém”.

Vamos considerar quatro coisas em nosso estudo sobre esta oração: (1) seu pano de fundo geral; (2) a sua conexão mais imediata; (3) as razões que moveram Judas a orar assim; e (4) a natureza e objeto desta oração.

Em primeiro lugar, deixe-me acrescentar algo mais ao que já foi dito, de uma forma geral, sobre o pano de fundo desta oração. Parece-me que, em vista do que ocupava a mente do apóstolo nos versículos anteriores, ele não se conteve em dar vazão a este hino de louvor. Depois de ver o caso solene de toda uma geração de Israel perecer no deserto por causa da de sua incredulidade, ele foi movido a clamar: “Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar”. Enquanto

contemplava a experiência dos anjos sem pecado que caíram de seu estado original, ele não podia deixar de tremer; mas, quando pensou no salvador e protetor de Sua Igreja, irrompeu em adoração. Judas encontrou grande conforto e segurança no bendito fato de que Aquele que começa uma obra de graça naqueles que foram dados a Ele pelo Pai nunca a abandonará até que Ele a aperfeiçoe (Filipenses 1:6). Ele sabia que se não fosse pelo amor eterno e poder infinito, nosso caso seria ainda o mesmo que o dos anjos que caíram, que se não fosse por causa de um Redentor onipotente nós também cairíamos em escuridão eterna e deveríamos suportar o sofrimento do fogo eterno. Percebemos que Judas não podia deixar de bendizer Aquele cuja mão protetora guarda cada um daqueles que foram comprados pelo Seu sangue.

Judas Equilibra uma Terrível Consideração da Apostasia com o Louvor Confiante a um Deus Preservador

Depois de fazer menção desses exemplos terríveis de queda, é altamente provável que os pensamentos do escritor desta epístola voltaram-se para outra queda muito mais recente, e que tinha acontecido mesmo em face de um aviso imediato. É bem possível que, quando o Senhor enviou os doze, “Judas, irmão de Tiago, e Judas Iscariotes” foram colocados juntos (Lucas 6:16; 9:1-6), o grande apóstata, o “filho da perdição” (João 17:12) e aquele que escreveria longamente sobre a grande apostasia! Quase não admite dúvida de que Judas estava com a mente voltada para o traidor, o que o levou a exclamar, acrescentando de forma enfática: “Ora, àquele

que é poderoso para vos guardar de tropeçar seja glória agora, e para todo o sempre”. Ele provavelmente tinha em mente Judas Iscariotes, como o tiveram os seus companheiros apóstolos, e talvez o tivesse ouvido perguntar junto com os outros: “Porventura sou eu, Senhor?”, em resposta à declaração de Cristo de que um deles estava prestes a traí-LO. E sem dúvida este ficou chocado quando Judas Iscariotes começou a revelar abertamente seu verdadeiro caráter. Pois imediatamente depois de receber o bocado que Jesus tinha mergulhado no prato para ele e ouvir uma desgraça pronunciada sobre si mesmo, Judas repetiu hipocritamente a pergunta: “Porventura sou eu, Rabi?”, em seguida saiu para fazer esse ato mui desprezível para o qual ele tinha sido designado (João 6:70; Mateus 26:20-25; João 13:21-30; Salmos 41:9; João 17:12). Ele não podia deixar de estar ciente de que o tardio havia se enforcado devido ao remorso. E eu acredito que a sombra da sua terrível desgraça caiu sobre Judas enquanto ele escrevia sua epístola.

Mas Judas não vivenciou essas contemplanções tristes a ponto de afundá-lo em um estado de desânimo. Ele sabia que seu onisciente Mestre havia predito que uma maré crescente de mal se espalharia através da igreja visível, e que, embora tal misterioso fenômeno ocorresse ali, havia uma razão sábia para isso nos planos divina. Ele sabia que, quanto mais terrivelmente a tempestade se enfurecesse, não havia ocasião para temer, pois o próprio Cristo estava no barco, pois Ele havia declarado, “eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mateus 28:20). Ele

sabia que as portas do inferno não poderiam e que não prevalecerão contra a igreja (Mateus 16:18). Portanto, ele levantou os olhos acima do presente século mau e olhou pela fé para o cabeça e preservador da igreja entronizado, e rendeu adoração a Ele. Essa é uma lição muito importante a ser tirada do cerne desta oração, e por isso eu me demorei muito tempo nela. Companheiros cristãos, vamos acatá-la devidamente. Em vez de estarmos muito ocupados com as condições do mundo, com a ameaça da bomba atômica, com o agravamento da apostasia, permitamos que nossos corações estejam cada vez mais ocupados com o nosso amado Senhor; encontremos a nossa paz e alegria nEle.

A Promessa de Deus para nos Guardar de Tropeçar está Relacionada ao Nosso Dever de Guardarmos a Nós Mesmos

Vamos agora considerar a conexão mais imediata desta oração. Em ocasiões anteriores, temos visto quão útil foi que atentássemos cautelosamente ao contexto. É necessário fazê-lo aqui, se o equilíbrio da verdade deve ser mantido e uma propensão para o antinomianismo, evitada. Não é honesto descansar na promessa implícita nesta oração: “Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar”, a menos que tenhamos dado primeiro atenção ao mandamento do versículo 21: “Conservai-vos a vós mesmos no amor de Deus”. Os preceitos e as promessas podem ser distinguidos, mas eles não devem ser separados. O preceito faz conhecido o nosso dever, enquanto a promessa é para nosso encorajamento enquanto nós genuína e sinceramente buscamos obedecer aos preceitos de Deus. Mas aquele

que negligencia seu dever não tem direito a nenhum consolo. Depois de descrever pormenorizadamente o início, o curso e o final da apostasia da igreja visível, o apóstolo acrescenta sete breves exortações aos santos nos versículos 20-23. Estes convocam ao exercício da fé, oração, amor, esperança, compaixão, temor e ódio piedoso. Essas exortações são meios para nos preservar da apostasia. Calvino começou seus comentários sobre essas exortações dizendo o seguinte:

Ele mostra a maneira pela qual eles poderiam superar todos os ardis de Satanás, ou seja, por ter o amor unido à fé, e por se ficarem em guarda como se estivesse em sua torre de vigia, até a vinda de Cristo.

O Uso Adequado dos Preceitos, Advertências e Doutrinas Consoladoras

Vamos prestar atenção reverente às palavras fiéis de Adolph Saphir sobre este assunto de vida ou morte:

Há um esquecimento unilateral e sem base bíblica da posição real do crente (ou daquele que professa ser crente), como um homem que ainda está na estrada, na batalha; que ainda tem a responsabilidade de negociar com o talento que lhe foi confiado, de vigiar quanto ao retorno do Mestre. Ora, há muitos desvios, perigos e precipícios na estrada, e devemos perseverar até o fim. Somente vencerão aqueles que são fiéis até a morte, e serão coroados. Não é algo espiritual, mas carnal o tomar as doutrinas abençoadas e solenes da nossa eleição em Cristo e da perseverança dos santos, que nos foram dadas como um encorajamento para horas de

desânimo e como o mais íntimo e principal segredo da alma nas suas relações com Deus, e transformá-las em afazeres e problemas comuns, desprezando os preceitos e as advertências da Palavra de Deus. Não é apenas que Deus nos guarda através destas advertências e mandamentos, mas a atitude da alma que negligencia e se distancia destas porções da Escritura não é como criança, humilde e sincera. As tentativas de explicar as advertências temíveis das Escrituras contra a apostasia estão enraizadas em um estado muito mórbido e perigoso de espírito. Um precipício é um precipício, e é tolice negar isso. “Se viverdes segundo a carne”, diz o apóstolo, “morrereis” [Romanos 8:13]. Ora, para guardar as pessoas de caírem em um precipício, não colocaremos uma cobertura fina e graciosa de flores, mas as proteções mais fortes que pudermos; e metais pontiagudos ou pedaços cortantes de vidro para prevenir desastres. Porém, mesmo isso toca apenas a superfície da questão. A nossa caminhada com Deus e nossa perseverança até o fim são realidades grandes e solenes. Estamos lidando com o Deus vivo, e só a vida com Deus, em Deus e para Deus pode ser de qualquer proveito aqui. Aquele que nos tirou do Egito está agora guiando-nos; e se nós O seguirmos até o fim, então entraremos no descanso final.

Está fora do alcance do que pretendi aqui fazer uma exposição completa dos preceitos encontrados nos versículos 20-23, mas algumas observações são necessárias se quero ser fiel em observar o vínculo inseparável que existe entre eles e nosso texto. Dever e

privilégio não devem ser divorciados, nem ousemos aceitar o privilégio de rejeitar o dever. Se é privilégio do cristão ter seu coração comprometido com Cristo na glória, ele deve estar ao mesmo tempo trilhando o caminho que Ele designou e envolvido nas tarefas que seu Senhor atribuiu a ele. Ainda que Cristo é certamente Aquele que lhe impede de naufragar da fé, não é em detrimento dos próprios esforços sinceros do discípulo que Ele faz isso. Cristo lida com Seus remidos como criaturas responsáveis. Ele exige que eles se comportem como agentes morais, empregando todos os seus esforços para vencer os males que os ameaçam. Embora totalmente dependente dEle, eles não devem permanecer passivos. O homem é de natureza ativa, e, portanto, deve avançar para melhor ou pior. Antes da regeneração, ele está, de fato, morto espiritualmente, mas no novo nascimento recebe a vida divina. O movimento e o exercício acompanham a vida, e essas ações devem ser dirigidas pelos preceitos divinos. Ouça as palavras de nosso Senhor: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele”.

Como essas palavras devem ter ressoado na memória de Judas quando ele escrevia esta epístola (veja João 14:21-22)!

Sete Exortações a uma Vida de Santidade

“Mas vós, amados [em contraste com os apóstatas do versículo anterior], edificando-vos a vós mesmos sobre a vossa santíssima fé” (v. 20). Na verdade, como diz Paulo: “o fundamento de Deus fica firme, tendo este

selo: O Senhor conhece os que são seus” (2 Timóteo 2:19). No entanto, Deus requer que concordemos com Ele de todo o coração, por nossos próprios esforços, em Seu propósito de nos eleger para a salvação eterna, ou seja, em toda a nossa santificação (1 Tessalonicenses 4:3). Pois no mesmo versículo Paulo declara: “Qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade” (1 Timóteo 2:19). Portanto, devemos suplicar pelo nosso crescimento e termos cuidado tanto de nós mesmos quanto de nossos irmãos. Não é suficiente ser firmado na fé; diariamente devemos aumentar cada vez mais esta firmeza. Pois crescer na fé é um dos meios designados para a nossa preservação. Nós edificamos a nossa fé ao aprofundarmos nosso conhecimento dela. “O sábio ouvirá e crescerá em conhecimento”, diz Salomão (Provérbios 1:5). Edificamos a nossa fé, por meditarmos em sua substância ou conteúdo (Salmos 1:2; Lucas 2:19), por acreditarmos e nos apropriarmos dela, por aplicá-la a nós mesmos e por sermos governados por ela. Observe que ela é uma “santíssima fé”, pois tanto exige quanto promove a santidade pessoal. Assim, podemos distinguir-nos de professos carnis e apóstatas. “Orando no Espírito Santo”. Devemos ardente e constantemente buscar a Sua presença e poder divino, que pode conceder-nos a força de vontade e as afeições necessárias para obedecer a estes preceitos.

“Conservai-vos a vós mesmos no amor de Deus” (v. 21). Cuide para que o seu amor por Deus seja preservado em um estado puro, saudável e vigoroso. Veja por que seu amor por Cristo esteja continuamente ativo, obedecendo Àquele que disse: “Se me amais,

guardareis os meus mandamentos” (João 14:15). “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu *coração*” (Provérbios 4:23), pois se suas afeições diminuïrem, sua comunhão com Ele se deteriorará e seu testemunho a respeito dEle será prejudicado. Somente se você se mantiver no amor de Deus é que será distinguido de todos os professos carnis ao seu redor. Esta exortação não é desnecessária para ninguém. O cristão vive em um mundo cujas avalanches de neve logo esfriarão o seu amor por Deus, se ele não o conservar como a menina dos seus olhos. Um adversário malicioso fará tudo o que pode para jogar água fria sobre ele. Lembre-se da solene advertência de Apocalipse 2:4. Oh, que Cristo nunca venha a queixar-se sobre você ou sobre mim usando tais palavras: “Tenho, porém, contra ti que *deixaste* o teu primeiro amor”. Em vez disso, que o nosso amor “cresça mais e mais” (Filipenses 1:9). Para isso, a esperança deve estar ativa: “esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna” (v. 21). Os versículos 22 e 23 nos dão a conhecer o nosso dever, e qual deve ser a nossa atitude para com aqueles de nossos irmãos que caíram pelo caminho. Em relação a alguns, devemos mostrar compaixão, e por motivo de ternura podemos ficar apenas nas repreensões leves e nas admoestações; pois de outro modo, a aspereza poderia apenas conduzi-los ao desespero e ao adiamento da sua busca, em arrependimento, por Cristo. Mas outros, que são de diferentes temperamentos ou duros de coração, exigem fortes repreensões para a sua recuperação, com advertências assustadoras quanto ao juízo de Deus contra os pecadores obstinados que se opõem às Suas ameaças e demonstrações de

misericórdia. Devemos fazer isso visando salvar “alguns com temor, arrebatando-os do fogo, odiando até a túnica manchada da carne”.

“Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar”. Em uma análise mais aprofundada da conexão desta oração, a seguinte pergunta é crucial: quem são estes que o Senhor Jesus preserva assim? Nem todo aquele que professa crer e ser um seguidor Seu é preservado por Deus da apostasia, como fica claro a partir do caso de Judas Iscariotes. Então quem é que Ele preserva? Sem dúvida, Deus preserva aqueles que fazem um esforço genuíno para obedecer às exortações encontradas em versículos 20-23, que foram tratadas anteriormente. Esses verdadeiros crentes, tão longe de estarem contentes com o seu conhecimento atual e com suas realizações espirituais, sinceramente se esforçam para continuar a edificarem a si mesmos em sua santíssima fé. Esses verdadeiros amigos de Deus, muito longe de serem indiferentes ao estado de seus corações, zelosamente vigiam suas afeições, a fim de que o seu amor por Deus seja preservado em estado puro, saldável e vigoroso pelo exercício regular dos atos de devoção e obediência. Esses verdadeiros santos, longe de terem prazer em flertar com o mundo e entregarem-se aos seus desejos carnis, têm seus corações envolvidos em “odiar até a túnica manchada pela carne”. Esses verdadeiros discípulos oram fervorosamente pela ajuda do Espírito Santo, no desempenho de todas as suas funções, e são profundamente solícitos para com o bem-estar dos seus irmãos e irmãs em Cristo. Tais são os que, apesar de toda sua fraqueza e fragilidade, serão preservados, pelo poder e pela graça de Deus, da apostasia.

Dois Princípios de Interpretação Necessários para a Compreensão desta Oração

É de vital importância para um bom conhecimento das Escrituras observar a ordem em que a verdade está ali estabelecida. Por exemplo, encontramos Davi dizendo: “Apartai-vos de mim, malfeitores, pois guardarei os mandamentos do meu Deus”. Isso ele disse antes de fazer a seguinte oração: “Sustenta-me conforme a tua palavra” (Salmos 119:115-116). Não teria havido nenhuma sinceridade em sua oração para que Deus o auxiliasse a menos que ele já houvesse resolvido obedecer aos preceitos divinos. É uma zombaria horrível que alguém peça a Deus para lhe ajudar a fazer a sua vontade própria. Primeiro deve vir o propósito e a resolução santa de nossa parte, e, em seguida, a busca da graça capacitadora. É de igual importância para a correta compreensão das Escrituras que tenhamos um cuidado especial para não separarmos o que Deus uniu, desprendendo uma frase de seu contexto de qualificação. Muitas vezes lemos a citação: “Minhas ovelhas jamais perecerão”. Enquanto que isso é substancialmente correto, essas não são exatamente as palavras usadas por Cristo. Isto é o que Ele realmente disse: “As minhas ovelhas ouvem [atendem] a minha voz, e eu conheço-as [aprovação], e elas me *seguem* [contrariando as suas inclinações naturais]; e *dou-lhes* a vida eterna, e nunca hão de perecer [os ouvintes e obedientes], e ninguém as arrebatará da minha mão” (João 10:27-28).

A Fé é o Meio Instrumental de Nossa Preservação

“Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar”. Nestas palavras, descobrimos a primeira grande razão por trás da oração do apóstolo Judas, ou seja, a capacidade divina de preservar os santos da apostasia. O leitor perspicaz perceberá nas observações feitas acima que a questão de como Cristo preserva o Seu povo tem sido antecipada e respondida. Ele faz isso de uma maneira muito diferente daquela em que Ele mantém os planetas em seus cursos, pois isto Ele faz pela energia física. Cristo preserva Seu próprio povo pelo poder espiritual, pelas operações eficazes de Sua graça em suas almas. Cristo preserva o Seu povo, e não em um curso de autossatisfação imprudente, mas de autonegação. Ele os preserva, e os inclina a observar Suas advertências, a praticar Seus preceitos e a seguir o exemplo que Ele nos deixou. Cristo os preserva, capacitando-lhes a perseverar na fé e na santidade. Nós, que somos Seus, estamos “guardados pelo poder de Deus *através da fé*” (1 Pedro 1:5), e a fé diz respeito aos Seus mandamentos (Salmos 119:66; Hebreus 11:8), bem como às Suas promessas. Cristo realmente é “o autor e consumidor da nossa fé” (Hebreus 12:2), mas nós somos os únicos que devem exercer essa fé, e não Ele. No entanto, pelo Espírito Santo, Ele está operando em nós “tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade” (Filipenses 2:13). Assim como a fé é o meio instrumental pelo qual somos justificados diante de Deus, a nossa perseverança na fé é o meio instrumental

pelo qual Cristo nos preserva até a Sua vinda (1 Tessalonicenses 5:23; Judas 1).

Depois de exortar os santos quanto aos seus deveres (vv. 20-23), Judas dá a entender para quem eles devem olhar em sua busca por capacitação e para obterem a bênção sobre seus esforços, a saber, “Àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar”. Seus leitores devem colocar toda a sua dependência por preservação no Senhor Jesus. Ele não diz isso a fim de verificar a sua diligência, mas sim para incentivar a sua esperança de sucesso. É um grande alívio para a fé saber que “poderoso é Deus para o [nós] firmar” (Romanos 14:4). John Gill começa seus comentários sobre Judas 24 dizendo: “O povo de Deus estaria sujeito a cair em tentação, em pecado, em erros e até mesmo em apostasia final e total, se não fosse pelo poder divino”. Sim, eles são dolorosamente sensíveis tanto de suas inclinações más quanto por sua fragilidade, e, portanto, eles frequentemente clamam ao Senhor, “Sustenta-me, e serei salvo, e de contínuo terei respeito aos teus estatutos” (Salmos 119:117). Enquanto leem sobre Adão em um estado de inocência sendo incapaz de guardar-se de cair, e também os anjos no céu, eles sabem muito bem que criaturas imperfeitas e pecadoras como eles são não podem guardar a si mesmas. O caminho para o céu é estreito, e há precipícios de ambos os lados. Há inimigos por dentro e por fora buscando a minha destruição, e não tenho mais força em mim mesmo do que o pobre Pedro teve quando Ele foi posto à prova por uma empregada. ^[15]

Estas Metáforas que Descrevem a Fraqueza Inerente dos Cristãos são Indicadores para que Direcionemos a Nossa Fé para Deus

Quase todas as figuras usadas na Bíblia para descrever um filho de Deus enfatizam a sua fraqueza e sua incapacidade de ajudar a si mesmo: uma ovelha, um ramo da videira, uma cana quebrada, um pavio que fumeja. É somente quando nós, experimentalmente, descobrimos a nossa fraqueza que aprendemos a valorizar mais Aquele que é capaz de nos guardar de cair. Há algum dos meus leitores tremendo e dizendo: “Eu temo que também eu pereça no deserto”? Isso não acontecerá, se a sua oração for sincera quando você clamar: “Dirige os meus passos nos teus caminhos, para que as minhas pegadas não vacilem” (Salmos 17:5). Cristo é capaz de protegê-lo, pois Seu poder é ilimitado e Sua graça é infinita. Que força isso deve dar para o guerreiro exausto! Davi consolou-se com isso quando declarou: “Não temeria mal algum, porque tu estás comigo” (Salmos 23:4). Esta epístola fala de duas salvaguardas dos eleitos: uma antes da regeneração, e outra depois. No versículo de abertura, Judas os chama de “aos chamados, santificados em Deus Pai, e conservados por Jesus Cristo”.^[16] Eles foram separados para a salvação do Pai em Seu decreto eterno (2 Tessalonicenses 2:13) e “conservados”, antes de serem chamados eficazmente. Que fato maravilhoso e abençoado é este! Mesmo enquanto vagavam longe do aprisco, sim, enquanto eles estavam desprezando o Pastor de suas almas, Seu amor os observava (Jeremias 31:3) e Seu poder os livrou de uma sepultura

precoce. A morte não pode ceifar um pecador eleito até que ele tenha nascido de novo!

Cristo Não Alimenta as Nossas Esperanças Meramente para Frustrá-las

O que acaba de ser pontuado deve deixar muito claro que não há qualquer dúvida sobre o desejo da vontade do Senhor para preservar o Seu povo. Se Ele os guardou da morte natural, enquanto estavam em um estado não regenerado, muito mais Ele os livrará da morte espiritual agora que os fez novas criaturas (cf. Romanos 5:9-10). Se Cristo não estivesse disposto a “fazer abundar toda a graça” para a Seu povo (2 Coríntios 9:8), para “guardar o meu [deles] depósito até àquele dia” (2 Timóteo 1:12), para “socorrer os que são tentados” (Hebreus 2:18) e “salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus” (Hebreus 7:25), certamente não nos atormentaria afirmando em cada passagem que Ele é capaz de fazer essas coisas. Quando Cristo perguntou aos dois cegos, que lhe suplicavam que Ele tivesse misericórdia deles: “Credes vós que eu possa fazer isto” (Mateus 9:28), Ele não estava sugerindo uma dúvida em suas mentes quanto à Sua prontidão para dar-lhes a vista; antes estava evocando a sua fé, como o versículo seguinte torna evidente. As palavras “àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar” é uma expressão geral, incluindo não só a sua força e vontade, mas a Sua bondade e generosidade, que Ele já exerceu e continuará a exercer para a preservação do Seu povo.

Cristo é Comprometido pelo Pacto à Obrigação de Preservar Seu Povo da Apostasia Total e Final

É verdade que o poder de Cristo é muito maior do que o que Ele exerce efetivamente, pois o Seu poder é infinito. Ele estava tão disposto, que poderia guardar completamente o Seu povo do pecado; mas por razões sábias e santas Ele não o faz. Como Seu precursor João Batista declarou aos fariseus e saduceus: “Mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão” (Mateus 3:9). Cristo poderia ter ordenado que uma legião de O livrasse de Seus inimigos (Mateus 26:53), mas Ele não quis. O exercício do Seu poder era e é regulado pelo propósito eterno de Deus; Ele exerce Seu poder somente na medida em que estipulou fazê-lo pelo Seu envolvimento no pacto. Assim, as palavras “Àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar” dizem respeito não a todo tipo de queda, mas a ser vítima dos erros fatais daqueles “homens ímpios” mencionados no versículo 4 e a ser desencaminhado por sofismas e exemplos de mestres heréticos. Como o pastor das ovelhas de Deus, Cristo foi responsabilizado de preservá-las, não de impedi-las de se afastarem, mas de que fossem destruídas. É dos pecados grosseiros citados no contexto, quando unidos à obstinação e à impenitência, que Cristo preserva o Seu povo. Estes são “pecados de soberba” (Salmos 19:13), em relação aos quais, se alguém os comete e continua impenitente, são pecados imperdoáveis (assim como o suicídio). Em outras palavras, é da apostasia total e final que Cristo guarda todos os Seus.

Como um Salvador onipotente, Cristo foi comissionado à obra de preservação de Seu povo. Eles foram dados a Ele pelo Pai, com esse fim em vista. Ele é, em todos os sentidos, qualificado para essa tarefa,

considerando tanto Sua divindade quanto a Sua humanidade (Hebreus 2:18). Toda a autoridade foi dada a Ele no céu e na terra (Mateus 28:18). Ele é tão disposto quanto competente, pois é a vontade do Pai que Ele não perca nenhum daqueles que fazem parte do Seu povo (João 6:39), e é nisso que Cristo se deleita. Ele tem um interesse pessoal neles, pois os comprou para Si mesmo. Ele é responsável pela sua custódia e, portanto, os preserva de serem devorados pelo pecado. O nosso Salvador não é fraco, mas alguém que é revestido de onipotência. Isso se manifestou, mesmo durante os dias de Sua humilhação, quando expulsou demônios, curou os enfermos e acalmou a tempestade por Sua ordem e autoridade. Evidenciou-se, quando por um único pronunciamento Ele fez aqueles que vieram prendê-LO caírem para trás por terra (João 18:6). Isso foi extremamente demonstrado em Sua vitória pessoal sobre a morte e a sepultura. Esse mesmo poder onipotente é exercido em ordenar todos os assuntos do Seu povo, e em dirigir continuamente suas vontades e ações durante toda a sua peregrinação terrena. Da Sua vinha Ele declara: “Eu, o Senhor, a guardo, e cada momento a regarei; para que ninguém lhe faça dano, de noite e de dia a guardarei” (Isaías 27:3).

A Gloriosa Recepção com a qual Cristo Recebe e Apresenta o Redimido

“E apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória”. Aqui está a segunda razão que levou a essa explosão de adoração. Cristo não só protege o Seu povo aqui, mas tem provido felicidade para sua vida futura. Tal é a Sua graça e poder, que Ele faz bem

para todos aqueles a quem Deus propôs e prometeu. A apresentação de Seu povo para Si mesmo é individual e corporativa. A primeira é no momento da morte, quando Ele leva o crente para Si mesmo. Esta é bem-aventurança e indizível, acontece imediatamente após o crente deixar o seu corpo, o seu espírito é conduzido à presença imediata de Deus, e o próprio Salvador o admite ao céu e o apresenta diante do trono. O espírito desencarnado, livre de toda a corrupção e mácula, é recebido por Cristo para a glória de Deus. Ele irá aperfeiçoar este espírito resgatado de um pecador justificado (Hebreus 12:23) diante de Si mesmo com grande complacência de coração, de modo que ele refletirá Suas próprias perfeições. Ele vai honrá-lo grandemente, enchê-lo com glória, expressar-lhe o máximo de Seu amor e alegrar-Se com ele. Cristo recebe cada espírito lavado pelo Seu sangue com Seus abraços eternos após sua morte, e os apresenta, com alegria, perante a Sua glória.

Nossa presente passagem também aguarda com expectativa o momento em que Cristo apresentará pública e corporativamente o Seu povo para Si mesmo, quando o cabeça e salvador, que “amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela”, vai “apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Efésios 5:25, 27). Esse será o seguro e triunfante resultado do Seu amor, pois será a consumação da nossa redenção. A palavra grega para “apresentar” (Nº 2476 em Strong e Thayer; cf. apresentar, nº 3936 em Efésios 5:27) pode ser usada no sentido de “colocar ao lado de”. Tendo

purificado a igreja de toda a sua poluição natural, a preparou e adornou para o seu lugar destinado como a companheira da Sua glória, Ele, formal e oficialmente, a tomou para Si mesmo. Esta declaração eufórica irromperá: “Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória [a Deus]; porque vindas são as bodas do Cordeiro” (Apocalipse 19:7). Cristo terá feito a igreja formosa com Suas próprias perfeições, e ela será cheia de beleza e esplendor, como uma esposa ataviada para o seu marido. Ele, então, dirá: “Tu és toda formosa, meu amor, e em ti não há mancha” (Cânticos 4:7). Dela se dirá: “a filha do rei é toda ilustre lá dentro; o seu vestido é [será] entretecido de ouro”. É a ela que se diz: “Então o rei se afeiçoará da tua formosura” (Salmos 45:13, 11), e Ele será para sempre a satisfatória porção de sua alegria.

As Escrituras também indicam que na alvorada da ressurreição Cristo também apresentará a igreja ao Seu Pai (2 Coríntios 4:14), e dirá exultante: “Eis-me aqui a mim, e aos filhos que Deus me deu” (Hebreus 2:13; cf. Gênesis 33:5; Isaías 8:18). Nenhum será perdido (João 6:39-40; 10:27-30; 17:12, 24)! E todos serão perfeitamente conformes à Sua santa imagem (Romanos 8:29). Ele nos apresentará diante de Deus para Sua inspeção, aceitação e aprovação. Diz Albert Barnes:

Ele nos apresentará no tribunal do céu, diante do trono do Pai eterno, como Seu povo resgatado, como recuperados das ruínas da queda, como salvos pelos méritos de Seu sangue. Eles não serão apenas ressuscitados dentre os mortos por Ele, mas pública e solenemente apresentados a Deus como

Seus, como restaurados a Seu serviço e como tendo participação no Pacto da Graça para a bem-aventurança do céu.

Cristo tomará o Seu lugar diante de Deus como o Mediador triunfante, em posse dos “filhos”, como dom de Deus para Ele, confessará Sua unidade com eles e Se deleitará com os frutos do Seu trabalho. Ele lhes apresenta como “irrepreensíveis, justificados, santificados e glorificados”. A maneira pela qual Ele faz isso será “com alegria”, pois Ele então: “verá o fruto do trabalho da sua alma, e ficará satisfeito” (Isaías 53:11). Em Judas 15 aprendemos sobre o destino que aguarda os apóstatas; aqui vemos a felicidade designada para os remidos. Eles brilharão para sempre na justiça de Cristo, e Ele se deleitará na igreja, como participante de Sua bem-aventurança.

Uma Grande Doxologia é Atribuída a uma Pessoa Divina de Perfeições Infinitas

“Ao único Deus sábio, Salvador nosso, seja glória e majestade, domínio e poder, agora, e para todo o sempre. Amém”. Chegamos a uma consideração da natureza e objeto dessa oração. É uma doxologia, uma expressão de louvor; e, embora seja breve, as verdades divinas sobre o qual incide são imensas. Vendo que o Senhor está vestido com glória e beleza (Jó 40:10), devemos atribuir continuamente essas excelências a Ele (Êxodo 15:11; 1 Crônicas 29:11). Os santos devem publicar e proclamar as perfeições de seu Deus: “Cantai a glória do seu nome; dai glória ao seu louvor” (Salmos 66:2). Isso é o que fizeram os apóstolos, e devemos imitá-los. Aqui Ele é adorado por Sua sabedoria.

Há algo aqui que pode apresentar uma dificuldade para jovens teólogos que aprenderam a distinguir entre os atributos incomunicáveis de Deus, como Sua infinitude e imutabilidade, e Seus atributos comunicáveis, como a misericórdia, a sabedoria, e assim por diante. Vendo que Deus dotou algumas de Suas criaturas com sabedoria, como Ele pode ser chamado de “único sábio”? Primeiro, Ele é superlativamente sábio. Sua sabedoria é tão vastamente superior à dos homens e dos anjos, que em comparação com ela a sabedoria das criaturas é loucura. Em segundo lugar, Ele é essencialmente sábio. A sabedoria de Deus não é uma qualidade separada de Si mesmo como acontece conosco. Há muitos homens que estão longe de serem sábios; mas Deus não seria Deus se Ele não fosse onisciente, sendo naturalmente dotado de todo o conhecimento e sendo Ele mesmo a fonte de toda a sabedoria. Em terceiro lugar, Ele é originalmente sábio, sem derivação. Toda a sabedoria vem de Deus, porque Ele possui toda a sabedoria em Si mesmo. Toda a verdadeira sabedoria das criaturas é apenas um raio de Sua luz.

O objeto glorioso desta doxologia não é outro senão o Mediador do Pacto da Graça. As razões para assim honrarmos a Ele são a onipotência e a onisciência que Ele possui, que são gloriosamente demonstradas na Sua salvação da Igreja. Em vista do que é predicado dEle no versículo 24, não deve haver a menor dúvida em nossas mentes de que “o único Deus sábio” do versículo 25 não é outro senão o Senhor Jesus Cristo, pois é Seu domínio particular, como um pastor, a preservação de Sua igreja da destruição e apresentá-la em glória ao Pai. Além

disso, o epíteto acrescentado “Salvador nosso” confirma o assunto. Aqui a divindade absoluta é atribuída a ele: “O único Deus”, como também é em Tito 2:13 (onde o texto grego seria mais precisa e literalmente traduzido como: “O grande Deus e Salvador nosso, Jesus Cristo”), 2 Pedro 1:1 (onde o grego deve ser traduzido como “de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo”, testemunha as notas marginais da KJV e da ASV), e muitos outros lugares. Cristo, o Filho, é “o único Deus”, embora isso não exclua o Pai e o Espírito. Provavelmente Ele está aqui designado como tal em contraste com os falsos e insensatos “deuses” dos corruptores heréticos mencionados no contexto. Devo acrescentar que, em comparação ao soberano Deus triuno da Sagrada Escritura, que é mais gloriosamente representado no Deus-homem Jesus, o Cristo (que agora reina como o Senhor absoluto do universo), o deus fictício dos unitaristas, dos modernistas do século XX e da maioria dos arminianos também é tolo e pueril.

Cristo é o Único Apto para a Obra Atribuída a Ele

Cristo é poderoso e suficiente para tudo aquilo que concerne à Sua mediação redentora que é aqui magnificada. Ele é adorado como Aquele que triunfantemente completará o trabalho que Lhe foi dado para fazer, um trabalho que nenhuma mera criatura, nem mesmo um arcanjo, poderia realizar. Ninguém exceto Aquele que é Deus e homem poderia atuar como Mediador. Ninguém senão uma pessoa divina poderia oferecer uma satisfação adequada à justiça divina. Ninguém exceto o possuidor de mérito infinito poderia

fornecer um sacrifício de valor infinito. Ninguém exceto Deus poderia preservar ovelhas no meio de lobos. Em Provérbios 8, especialmente os versículos 12, 13, 31 e 32, Cristo é denominado “sabedoria”, e é ouvido falando como uma pessoa distinta. Ele foi anunciado como o “Maravilhoso Conselheiro” (Isaías 9:6). Ele designou a Si mesmo “sabedoria” em Lucas 7:35. Ele é expressamente chamado de “sabedoria de Deus” (1 Coríntios 1:24), “no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Colossenses 2:3). Sua sabedoria aparece em Sua criação de todas as coisas (João 1:3), em Seu governo e sustentação de todas as coisas (Hebreus 1:3), e por isso o Pai “deu ao Filho todo o juízo” (João 5:22).

A sabedoria consumada de Cristo foi manifestada durante os dias de Sua carne. Ele publicou aos homens os segredos de Deus (Mateus 13:11), Ele declarou: “o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma [que à luz do contexto seguinte significa que Ele não faz nada, independentemente da vontade do Pai], se o não vir fazer o Pai; porque tudo quanto ele faz, o *Filho* o faz igualmente” (João 5:19, 30, 28). Cristo, assim, afirma uma igualdade de competências entre Ele e Seu Pai. Ele “não necessitava de que alguém testificasse do homem, porque ele bem sabia o que havia no homem” (João 2:25). Aqueles que O ouviram ensinar “se maravilhavam, e diziam: De onde veio a este a sabedoria, e estas maravilhas?” (Mateus 13:54). A sabedoria única de Cristo apareceu em responder de forma a calar os seus inimigos: “Nunca homem algum falou assim como este homem” (João 7:46),

testemunharam aqueles que foram enviados para prendê-lo. Ele então confundiu Seus críticos de modo que Mateus testemunha: “E ninguém podia responder-lhe uma palavra; nem desde aquele dia ousou mais alguém interrogá-lo” (Mateus 22:46). Uma vez que, portanto, Ele é dotado de onisciência, não encontraremos nenhuma falha com qualquer um de Seus líderes para conosco. Vamos levar a Ele todos os nossos problemas, vamos confiar nEle de maneira absoluta, colocando-nos e todas as nossas atividades em Suas mãos.

Os Maiores Louvores São Devidos ao Senhor Jesus Cristo

Visto que Ele é o “único Deus sábio, Salvador nosso”, o único, suficiente e vitorioso Salvador, vamos louvá-lo como tal. Como aqueles nos céus lançam as suas coroas diante do Cordeiro e exaltam Suas perfeições incomparáveis, assim devemos fazer nós que ainda estamos na terra. Uma vez que Cristo Se sujeitou a tal desonra indizível e humilhação por amor a nós, suportou sofrimentos até a morte, e morte de cruz, quão prontamente e de coração devemos honrar e magnificar a Ele, clamando com o apóstolo: “A ele seja glória e majestade, domínio e poder”! Glória é a exibição de excelência de tal forma que obtenha a aprovação de todos os que a virem. Aqui, a palavra significa uma alta honra e consideração que é devida a Cristo por causa de Suas perfeições, pelas quais Ele ultrapassa infinitamente todas as criaturas e coisas. Majestade refere-se a Sua dignidade exaltada e grandeza divina, que fazem Ele ser honrado e preferido mais do que todas as Suas criaturas, tendo recebido um nome que está acima de todo nome

(Filipenses 2:9). Domínio é a regra absoluta ou propriedade que é adquirida pela conquista e mantida pela força ou poder superior ao de todos os rivais. Isso o Deus-homem exerce de tal forma que “não há quem possa estorvar a sua mão, e lhe diga: Que fazes?” (Daniel 4:35). Ele já esmagou a cabeça de Satanás, Seu inimigo mais poderoso (Gênesis 3:15), e lançou o seu reino do mal no caos. “E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo”, em Sua morte na cruz (Colossenses 2:15). Poder, aqui, significa a autoridade de governar, que é derivada do direito legal. Porque Cristo “foi obediente até à morte, e morte de cruz” (Filipenses 2:8-9), e Deus Pai exaltou ao lugar de autoridade e regente universal (Mateus 28:18), onde agora reina como o “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (Apocalipse 19:16). Este governo universal, Cristo ganhou como um direito legal por Sua perfeita obediência como o segundo Adão (Gênesis 1:26-28). Como o Deus-homem, Cristo não só possui os méritos de autoridade e domínio sobre a terra em relação a todas as Suas criaturas, mas também sobre todo o universo que Ele mesmo criou.

Rei Jesus Reina Agora e para Todo o Sempre

“Ao único Deus sábio, Salvador nosso, seja glória e majestade, domínio e poder, *agora*, e para todo o sempre. Amém”. Observe bem a palavra em itálico. Radicalmente diferente foi o conceito inspirado de Judas de tantos “estudantes de profecia” que adiam o reinado de Cristo para uma futura era “milenar”. São ao mesmo tempo as presentes e infinitas dignidades do Mediador que estão aqui em vista. Ele já foi “coroadado de glória e de

honra” (Hebreus 2:9). A majestade é Sua hoje, pois Ele é exaltado “acima de todo o principado, e poder”, pois Deus “*sujeitou* [e não “*sujeitará*”] todas as coisas a seus pés” (Efésios 1:21-22). O domínio também é exercido por Ele agora, e com a mesma força pela qual Ele obteve o domínio Ele está atualmente “sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hebreus 1:3). Mesmo agora, o Senhor Jesus está assentado sobre o trono de Davi (Atos 2:29-35), “tendo subido ao céu, havendo-se-lhe sujeitado os anjos, e as autoridades, e as potências” (1 Pedro 3:22). Assim Ele reinará, e não apenas por mil anos, mas para sempre. Amém. E assim Judas conclui a mais solene de todas as epístolas com este hino de santa exultação sobre a presente e eterna glória do Cordeiro.

6

Apocalipse 1:5-6

E da parte de Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o primogênito dentre os mortos e o príncipe dos reis da terra. Àquele que nos amou, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados, e nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai; a ele glória e poder para todo o sempre. Amém.

A oração que está agora diante de nós realmente constitui a parte de encerramento da saudação e bênção dos versículos 4 e 5 de Apocalipse 1, em que a “graça e paz” são buscadas a partir do Deus triuno em Suas pessoas distintas: (1) “da parte daquele que é, e que era, e que há de vir”, isto é, da parte do Senhor como o único autoexistente e imutável, Ele é referido pelo equivalente de Seu nome memorial (Êxodo 3:13-17), pelo que Seu eterno Ser e fidelidade em guardar a aliança são lembrados (Êxodo 6:2-5, “o Senhor” é igual a “Yahwéh” em todo o Antigo Testamento); (2) “e da dos sete espíritos que estão diante do seu trono”, isto é, do Espírito Santo na plenitude do Seu poder e diversidade de Suas operações (Isaías 11:1-2); e (3) “da parte de

Jesus Cristo”, que é mencionado como o último elo entre Deus e o Seu povo. Uma denominação tríplice é aqui concedida ao Salvador: (1) “a fiel testemunha”, que contempla e abrange toda a Sua vida virtuosa da manjedoura à cruz; (2) “o primogênito dentre os mortos”, que celebra sua vitória sobre a sepultura, este é um título de dignidade (Gênesis 49:3) e significa prioridade de classificação em vez de antecedência no tempo; e (3) “e o príncipe dos reis da terra”, que anuncia sua majestade real e domínio. Este terceiro título contempla o Vitorioso como exaltado “acima de todo o principado, e poder” (Efésios 1:21), como Aquele sobre cujos ombros o governo do universo tem sido colocado (Isaías 9:6), que agora mesmo continua a “sustentar todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hebreus 1:3), e diante do qual todo joelho ainda se dobrará (Filipenses 2:10).

Uma Sinopse Analítica desta Oração

A anterior nomeação das perfeições e dignidades do Redentor é evocada a partir da boca do apóstolo João nesta exclamação de adoração: “Àquele que nos amou, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados, e nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai; a ele glória e poder para todo o sempre. Amém”. Assim, a natureza da nossa oração é novamente uma doxologia. Seu objeto é o Filho de Deus encarnado em Seu caráter e ofício de mediador. Seus adoradores são aqueles de “nós” que são os beneficiários de Sua mediação. Suas razões são as nossas apreensões de Seu amor insondável, a eficácia da purificação de Seu precioso sangue e as dignidades maravilhosas que Ele tem conferido aos Seus remidos. Sua atribuição é “a ele glória e poder”, e não apenas por

mil anos, mas “para todo o sempre”, que termina com a segura afirmação: “Amém”, assim será. Para o benefício de jovens pregadores, acrescentarei mais algumas observações sobre doxologias em geral.

As Doxologias são Necessárias para Ampliar Nossas Concepções das Pessoas da Divindade

As doxologias da Escritura revelam a nossa necessidade de formar concepções mais exaltadas sobre as pessoas divinas. Para fazer isso, devemos envolver-nos em meditações mais frequentes e devotas em Seus atributos inefáveis. Quão pouco nossos pensamentos se fixam sobre a exposição deles na criação material. A divindade é “claramente vista” nas coisas que Deus fez, e até mesmo os pagãos são acusados de culpa imperdoável por causa de sua incapacidade de glorificar a Deus por Sua obra (Romanos 1:19-21). Não somente os nossos sentidos se deleitam pelas cores bonitas das árvores e perfumes das flores, mas as nossas mentes devem se exercitar sobre os movimentos e os instintos dos animais, admirando a mão divina que assim os equipou. Quão pouco refletimos sobre as maravilhas de nossos próprios corpos, a estrutura, conveniência e perfeita adaptabilidade de cada membro. Quão pouco nos unimos com o salmista em sua exclamação: “Eu te louvarei, porque de um modo assombroso, e tão maravilhoso fui feito; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem” (Salmos 139:14). Quanto mais maravilhosas são as faculdades de nosso homem interior, elas nos elevam acima de todas as criaturas irracionais. De que outro modo nossa razão seria mais

bem empregada do que em exaltar Aquele que tão ricamente nos abençoou? No entanto, pouco reconhecimento e pouca gratidão são tributados ao beneficente formador e doador de nossas existências.

Quão pouco consideramos a sabedoria e o poder de Deus que se manifesta no governo do mundo. Tomemos, por exemplo, o equilíbrio preservado entre os sexos no número relativo de nascimentos e mortes, para que a população da terra seja mantida de geração em geração, sem qualquer manipulação humana. Ou deixe-nos considerar os diversos temperamentos e talentos dados aos homens, de modo que alguns são sábios para aconselhar, administrar e gerir, alguns são mais qualificados para o trabalho braçal, e outros para servir em funções ministeriais. Ou consideremos como Seu governo reprime as paixões mais baixas dos homens, para que uma medida desse tipo de lei e ordem se mantenha geralmente na sociedade de modo que os fracos não são destruídos pelos fortes nem os bons são incapacitados de viver em um mundo que totalmente “jaz no maligno” (1 João 5:19). Ou pensemos sobre como Deus estabelece limites para o êxito de ditadores cruéis, de modo que, quando parece que estão a ponto de devastar tudo à sua frente, eles são subitamente barrados por Aquele que decretou que eles “daqui não passarão”. Ou reflitamos sobre como, na Sua aplicação da lei da retribuição, os indivíduos e as nações são levadas a colher o que semearam, seja isso bom ou mau. É porque nós prestamos tão pouca atenção a estes e a uma centena de outros fenômenos semelhantes que tão

raramente somos levados a clamar: “Aleluia! pois já o Senhor Deus Todo-Poderoso reina” (Apocalipse 19:6).

As Doxologias são Totalmente Dedicadas aos Louvores da Divindade, em Particular pelas Obras da Graça Divina

Porém, são as obras maravilhosas de Deus no reino da graça, em vez de no reino da criação e no reino da providência, que são mais projetadas para levar o coração do Seu povo à honrá-IO em adoração. Mais particularmente, as obras em que o Amado de Seu próprio coração estava e está envolvido em nosso nome nos levam à admiração e louvor. Assim acontece nos versículos que agora estamos ponderando. Tão logo a pessoa e as perfeições do amante eterno de sua alma são postas diante da mente e do coração do apóstolo João, ele clamou exultante: “A Ele glória e poder para todo o sempre”. E assim é com todos os verdadeiros santos de Deus. Essa exclamação é a resposta espontânea que sai de suas almas para Ele. Isso me leva a apontar a uma coisa que é comum a todas as doxologias: Nelas o louvor é sempre oferecido exclusivamente à divindade, e nunca a uma mera ação ou realização humanas. A auto-ocupação e a autogratificação absolutamente não possuem lugar nelas. Muito diferente é isso do baixo nível comumente prevalente nas igrejas atualmente. Este escritor esteve presente em um culto onde um hino foi cantado, cujo coro dizia: “Ah, como eu amo Jesus”. Mas eu não podia conscienciosamente participar desse canto. Ninguém no céu louva ou magnifica suas graças, não devem os cristãos fazer isso aqui na terra.

O Objeto Específico desta Doxologia

O objeto desta adoração e ação de graças é Aquele Bendito que empreendeu, com o Pai e o Espírito Santo, para salvar o Seu povo dos seus pecados e misérias pelo preço do Seu sangue e com o braço do Seu poder. Em Sua pessoa essencial, Deus Filho é coigual e coeterno com o Pai e com o Espírito, “é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém” (Romanos 9:5). Ele é o incriado sol da justiça (Salmos 84:11; Malaquias 4:2). Toda a glória da divindade reluz nEle, e por Ele todas as perfeições da deidade se manifestaram. Em resposta a essa mesma homenagem, Ele declara: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso” (Apocalipse 1:8). Antes que os mundos fossem criados, Ele entrou em aliança de noivado para encarnar-se e ser feito à semelhança da carne do pecado (Romanos 8:3), para servir como o Fiador do Seu povo, para ser o noivo de Sua igreja, o seu completo e todo-suficiente Salvador. Como tal, Ele é o homem da mão direita de Deus, o companheiro do Senhor dos Exércitos, o Rei da glória. Seu trabalho é honroso; Sua plenitude, infinita; Seu poder, onipotente. Seu trono subsiste para todo o sempre. Seu nome está acima de todo nome. Sua glória está acima dos céus. É impossível exaltar-Lhe demasiadamente, pois o Seu nome glorioso “está exaltado *sobre toda* a bênção e louvor” (Neemias 9:5).

No contexto imediato, este Ser adorável é visto, em Sua pessoa teantrópica, como O encarnado, como o Mediador Deus-homem. Ele está estabelecido sobre Seu triplo ofício como profeta, sacerdote e soberano. Seu

ofício profético é claramente indicado no título “a testemunha fiel”, pois na profecia do Antigo Testamento o Pai anunciou: “Eis que eu o dei por testemunha aos povos” (Isaías 55:4). O próprio Cristo declarou a Pilatos: “Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade” (João 18:37). Como tal, Ele anunciou o Evangelho aos pobres e o confirmou por poderosos milagres. Seu ofício sacerdotal é necessariamente implícito na expressão “primogênito dentre os mortos”, pois na morte Ele se ofereceu como sacrifício a Deus para fazer satisfação pelas transgressões de Seu povo. Ele então ressurgiu novamente para que pudesse continuar a exercer seu sacerdócio por Sua intercessão constante por eles. Seu ofício real aparece claramente na designação “príncipe dos reis da terra”, pois Ele tem domínio absoluto sobre eles. Por Ele, eles reinam (Provérbios 8:15), e para Ele, eles são ordenados a Lhe prestar fidelidade (Salmos 2:10-12). A Cristo devemos dar ouvidos, nEle devemos crer e a Ele estamos sujeitos. Individual e coletivamente, estes títulos anunciam que Jesus deve ser grandemente respeitado e reverenciado.

Os Anjos estão Cheios de Admiração Concernente ao Amor Redentor de Cristo por Sua Igreja

Enquanto estava e Livros na ilha de Patmos, João foi levado a contemplar Emanuel nas excelências de Sua pessoa, ofícios e obra. Quando isso aconteceu, seu coração foi arrebatado, e ele exclamou: “Àquele que nos amou”. O amor de Cristo é aqui expresso pelo apóstolo João no tempo passado, não porque é inoperante no

presente, mas para concentrar a nossa atenção sobre o que Ele fez anteriormente. O amor de Cristo é a mais grandiosa verdade e mistério revelado nas Sagradas Escrituras. Esse amor se originou no Seu coração e esteve em operação por toda a eternidade, pois antes que as montanhas fossem formadas Seu prazer “estava com os filhos dos homens” (Provérbios 8:31). Que amor maravilhoso foi demonstrado por Cristo em conexão com o Pacto Eterno, onde Ele concordou em servir como o Fiador do Seu povo e de exercer todas as Suas obrigações. O fato de que se deleitaria em criaturas de pó é a maravilha dos céus (Efésios 3:8-10, 1 Pedro 1:12). Que Ele houvesse posto o Seu coração sobre eles enquanto foram vistos em seu estado caído é incompreensível. Esse amor foi expresso abertamente na Sua encarnação, humilhação, obediência, sofrimentos e morte.

A Sagrada Escritura afirma que “o amor de Cristo excede todo o entendimento” (Efésios 3:19). Ele está inteiramente além da computação finita ou compreensão. Que o próprio Filho de Deus se dignasse a olhar para criaturas finitas foi um ato de grande condescendência por parte dEle (Salmos 13:6). Que Ele tenha ido a tal ponto de apiedar-se deles é ainda mais maravilhoso. Que Ele nos amasse estando nós ainda em nossa corrupção é algo que transcende inteiramente nosso entendimento. Que as inclinações do Seu coração em relação à igreja O levassem a deixar de lado a glória que Ele tinha com o Pai antes que o mundo existisse (João 17:5), para tomar sobre Si a forma de servo, e tornar-se “obediente até à morte” por causa deles, e

“morte de cruz” (Filipenses 2:7-8), supera todo o pensamento e está além de todos os louvores. Que o Santo estivesse disposto a ser feito pecado por Seu povo (2 Coríntios 5:21) e a suportar a maldição para que a bênção infinita fosse a porção deles (Gálatas 3:13-14) é algo totalmente inconcebível. Como S.E. Pierce tão habilmente expressou:

Seu amor é um ato perfeito e contínuo de eternidade a eternidade. Ele não conhece abatimento ou decadência. Ele é um amor eterno e imutável. Ele excede toda a concepção e ultrapassa toda a expressão. Temos a maior prova de amor no fato de que “Cristo morreu pelos ímpios” (Romanos 5:6). Em Sua vida, Jesus demonstrou plenamente Seu amor. Em Seus sofrimentos e morte, Ele o marcou com ênfase eterna.

O Amor de Cristo é Completamente Imparcial, Não Evocado por Qualquer Mérito em seus Objetos

O amor de Cristo era um amor totalmente desinteressado, pois ele não sofreu influência de qualquer coisa em seus objetos ou quaisquer outras considerações externas a Si mesmo. Não havia absolutamente nada em Seu povo, seja real ou previsto, para atrair o Seu amor; nada presente, pois eles haviam se rebelado contra Deus e deliberadamente escolheram para seu exemplo e mestre alguém que fora um mentiroso e assassino desde o início; nada foi previsto, pois eles não poderiam ter nenhuma excelência, senão a que Sua graciosa mão formou neles. O amor de Cristo infinitamente se destacou em pureza, em intensidade,

em seu desinteresse e um amor como este nunca se moveu em qualquer peito humano. Cristo nos amou de forma completamente gratuita e espontânea. Ele nos amou quando não O amávamos e lhe éramos desagradáveis. Estávamos totalmente incapazes de prestar-lhe qualquer compensação adequada ou devolução. Sua própria bem-aventurança essencial e glória não poderiam nem ser diminuídas pela nossa condenação, nem aumentadas pela nossa salvação. Seu amor não foi convidado, nem atraído, mas completamente autoprovocado e automotivado. Foi o Seu amor que levou à atividade todos os outros atributos, Sua sabedoria, poder, santidade, e assim por diante. As palavras de Davi, “livrou-me, *porque* tinha prazer em mim” (Salmos 18:19), fornecem a explicação divina da minha redenção.

O amor de Cristo foi um amor distinguidor. “O Senhor é bom para todos, e as suas misericórdias são sobre todas as suas obras” (Salmos 145:9). Ele é benevolente para com todas as Suas criaturas, fazendo com que o seu sol se levante sobre maus e bons, e enviando de chuva sobre os justos e sobre os injustos (Mateus 5:45). “Ele é *benigno* até para com os ingratos e maus” (Lucas 6:35). Mas Cristo amou a igreja e se entregou por ela com um amor que Ele não possui por toda a humanidade. A igreja é o único objeto especial e peculiar de Suas afeições. Para ela, Ele reserva e entretém um amor único e devoção que a faz brilhar entre todas as obras criadas de Suas mãos com o brilho inconfundível de uma favorita. Maridos são convidados a amarem suas esposas “como também Cristo amou a

igreja” (Efésios 5:25). O amor de um marido para com sua esposa é especial e exclusivo; assim Cristo nutre por Sua igreja uma afeição particular. Esse Seu amor está sobre Sua noiva e não sobre a raça humana em geral. Ela é Seu tesouro peculiar. “Como havia amado *os seus*, que estavam no mundo, amou-os até o fim” (João 13:1). Em vez de fazermos objeções capciosas a esta verdade, desfrutemos de sua preciosidade. O amor de Cristo é também constante e continuamente exercido sobre seus objetos “até o fim”; e, como veremos agora, é um amor sacrificial e enriquecedor.

O Amor de Cristo se Dirige à Nossa Maior Necessidade: A Purificação de Nossos Pecados

As manifestações do amor de Cristo correspondem à nossa miséria e necessidade, as suas operações são adequadas à condição e às circunstâncias de seus objetos. A nossa mais triste necessidade era a lavagem de nossos pecados, e esta necessidade tem sido plenamente satisfeita por Ele. Seu amor por si só não poderia remover as nossas transgressões, “Assim como está longe o oriente do ocidente”.^[17] As reivindicações de Deus tinham que ser cumpridas; e a pena da lei teria que ser suportada. “Sem derramamento de sangue não há remissão” (Hebreus 9:22), e Cristo amou a igreja a ponto de derramar Seu sangue precioso por ela. Por isso, o apóstolo João é aqui ouvido exclamando: “Àquele que nos amou, e em [ou “por”] seu sangue nos lavou dos nossos pecados”. Esta é a segunda razão inspiradora ou motivo por trás dessa bênção. Essa referência ao sangue de Cristo ressalta necessariamente Sua divindade, bem

como Sua humanidade. Nada senão uma criatura pode derramar sangue e morrer, mas só Deus pode perdoar pecados. Esse é também um testemunho da natureza e eficácia de Seu sacrifício vicário ou substitutivo. Como este poderia não nos lavar de nossos pecados? Além disso, Ele celebra a prova suprema do Seu cuidado por Seu povo: “Porque o amor é forte como a morte. As muitas águas não podem apagar este amor, nem os rios afogá-lo” (Cântico 8:6-7), isso foi demonstrado na cruz, onde todas as ondas e vagas da ira de Deus (Salmos 42:7) passaram por cima daquele que tomou o pecado sobre si.

O amor conquistador de Cristo foi evidenciado pelo Seu desposar dos eleitos de Deus, comprometendo-se com a sua causa, assumindo a sua natureza, obedecendo e sofrendo em seu lugar. O apóstolo Paulo mostrou a origem dessa bendita verdade com aplicação para os crentes, quando disse: “Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave” (Efésios 5:1-2).

O Senhor Jesus sabia o que era necessário para a nossa salvação, e Seu amor O levou à realização disso. E os apóstolos Paulo e João entenderam e ensinaram sobre a pesada dívida de amor e gratidão que é colocada sobre todos os felizes beneficiários da obra salvífica de Cristo. Pois nos “lavar de nossos pecados” era a própria essência das coisas que são necessárias para a nossa salvação, e para o que Seu sangue foi derramado. Que grande prova de Seu amor foi isso! Nisso consiste o

amor, que o justo voluntariamente e de bom grado sofresse pelos injustos, “para levar-nos a Deus” (1 Pedro 3:18). “Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores” (Romanos 5:8). Notícias maravilhosas são aqueles que anunciam que Cristo Jesus fez expiação completa por aqueles que naquele momento eram Seus inimigos (Romanos 5:10)! Ele escolheu dar a Sua vida por aqueles que eram por natureza e por prática rebeldes contra Deus, em vez de eles terem sido um sacrifício destinado à ira de Deus para sempre. O culpado transgride, mas o inocente é condenado. Os ímpios cometem ofensas, mas o Santo recebe a pena. O servo comete o crime, mas o Senhor da glória paga por ele em seu lugar. Que razão temos nós para adorá-IO!

O Amor de Cristo é Infinito e Imutável

Como Cristo pode sempre manifestar o Seu amor pelo Seu povo de uma forma que excede o que Ele já fez? “Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos” (João 15:13). Ainda que este era o Deus-homem, por fazer isso Ele mostrou que Seu amor era infinito e eterno, incapaz de ser amplificado! Ele fez o Seu amor resplandecer ao máximo do seu poder e esplendor, no Getsêmani e no Calvário. Ali Ele sofreu em Sua alma toda a terrível maldição que era devida e pagou pelos pecados de Seu povo. Foi então que aprouve a Deus moê-IO e infligir tristeza à Sua alma (Isaías 53:10). Sua angústia era inconcebível. Ele gritou: “Por que me desamparaste?”. Foi assim que Ele nos amou, e foi assim que forneceu a fonte para nos purificar de nossas iniquidades. Através

do derramamento de Seu precioso sangue, Ele purificou totalmente o Seu povo da culpa e da contaminação do pecado. Unamo-nos ao louvor exultante de S.E. Pierce:

Bendito, eternamente bendito seja o Cordeiro que levou os nossos pecados e as nossas dores! Seu suor de sangue é a nossa cura e saúde eternas. As dores de Sua alma são o nosso livramento eterno da maldição da lei e da ira vindoura. O Seu carregar os nossos pecados em Seu próprio corpo no madeiro é a nossa eterna libertação deles. Seu preciosíssimo derramamento de sangue é a nossa purificação eterna.

“E em seu sangue nos lavou dos nossos pecados”. Pecados como que mancham nosso registro perante Deus, poluem a alma e contaminam a consciência; e nada pode removê-los, exceto a expiação e a purificação unicamente promovidas pelo sangue de Cristo. O pecado é a única coisa que o Senhor Jesus odeia. É essencial para a Sua santidade que Ele assim o faça. Ele o odeia imutavelmente, Jesus pode antes deixar de amar a Deus do que passar amar o pecado. Não obstante o Seu amor para com Seu povo é ainda maior do que o Seu ódio pelo pecado. Através de sua queda em Adão, eles são pecadores e suas naturezas caídas são totalmente depravadas. Eles são pecadores por pensamentos, palavras e ações. Eles são culpados de literalmente inúmeras transgressões, pois seus pecados são mais numerosos do que os cabelos da sua cabeça (Salmos 40:12). No entanto, Cristo os amou! Ele os amou antes que houvessem pecado em Adão, e Seus primeiros pensamentos sobre eles em seu estado caído não produziram nenhuma mudança em Seu amor por eles; ao

contrário, isso lhe concedeu maior oportunidade para Ele demonstrar esse amor. Por isso, Ele se encarnou, para que pudesse apagar os pecados deles. Nada era mais repugnante para o Santo de Deus, no entanto Ele estava disposto a ser um desconhecido para os filhos de sua mãe, desprezado e rejeitado pelos homens, escarnecido e açoitado por eles e, até mesmo, abandonado por Deus por algum tempo, para que Seu povo pudesse ser purificado.

Cristo de uma Vez por Todas Lavou os Pecados do Seu Povo

Concordo plenamente com os comentários de John Gill sobre as palavras “nos lavou dos nossos pecados”: “Isto não deve ser entendido como a santificação de suas naturezas, pois esta é a obra do Espírito, mas sim como a expiação de seus pecados e justificação deles”.

Em outras palavras, é a compra de redenção, e não a sua aplicação, o que está aqui em vista. Este último, é claro, segue na regeneração, pois todos aqueles a quem Ele lavou judicialmente da culpa e da pena do pecado (de uma vez por todas no Gólgota) são no devido tempo limpos e libertados do amor e do domínio do pecado. Aquilo que é dito nesta cláusula diante de nós é que a culpa do pecado foi cancelada; a condenação; removida; a maldição da lei, tirada e a sentença de absolvição foi pronunciada. Esta é a porção de todos os crentes: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Romanos 8:1). Devemos distinguir entre a justificação das nossas pessoas que aconteceu de uma vez por todas (Atos 13:39) e o perdão dos pecados que cometemos como cristãos (1 João 1:9).

Estes últimos devem ser penitencialmente confessados, e então somos perdoados e purificados com base no sangue de Cristo. É a justificação que está sendo referida em Apocalipse 1:5, onde o apóstolo João está se regozijando no amor dAquele cujo sangue tem de uma vez por todas lavado as pessoas dos santos. A purificação permanente do pecado que é necessária no dia a dia é reconhecida em Apocalipse 7:13-14, onde vemos os santos em brilhantes vestes brancas, vestes anteriormente manchadas da viagem, que foram lavadas, dia após dia (cf. João 13:3-17).

Duas evidências do amor de Cristo por Seu povo são mencionadas nesta oração: Sua purificação de seus pecados por Seu próprio sangue e o fato de Ele valorizá-los pelas dignidades que lhes concede. Mas há também uma terceira expressão e manifestação do Seu amor que, embora não claramente expressa, é necessariamente implícita aqui, ou seja, Sua provisão para eles. Como o resultado da obra que o Seu amor O levou a realizar em lugar deles, Ele meritoriamente garantiu o Espírito Santo para o Seu povo (Atos 2:33). Cristo, portanto, envia o Espírito Santo para regenerá-los, para pegar as coisas de Cristo e revelá-las a eles (João 16:14-15), para comunicar um conhecimento experiencial e salvífico do Senhor Jesus e produzir fé em seus corações para que eles creiam nEle para a vida eterna. Eu digo que tudo isso está necessariamente implícito, pois somente por essas realidades eles são capacitados a real e sensivelmente exclamar “o qual me amou”, sim, de modo que cada um deles veja que este Cristo, o Filho de Deus, “me amou, e se entregou a si mesmo por mim” (Gálatas 2:20). Esta é

a quintessência da verdadeira bem-aventurança, a saber, ser assegurado pelo Espírito da Palavra que eu sou um objeto de amor infinito e imutável de Cristo. O conhecimento disso O torna “totalmente desejável” em minha estima (Cânticos 5:16) alegre a minha alma e santifica minhas afeições.

Por Meio da Fé Salvífica, Alguém Olha para Fora de Si Mesmo, para Cristo

Veja aqui a natureza apropriada da fé salvífica. Ela se apega a Cristo e Seu sacrifício pelos pecadores como revelado pela Palavra da verdade. Ela diz: Aqui está uma carta de amor do céu sobre o glorioso Evangelho do Filho de Deus, que relata o amor de Cristo e as mais fortes e maiores provas possíveis dele. Eu vejo que esta carta é para mim, pois ela é dirigida aos pecadores, e até mesmo ao principal dos pecadores. Ela tanto convida quanto me ordena a receber este amável Ser divino e acreditar sinceramente na suficiência de Seu sangue expiatório pelos meus pecados. Por isso, O tomo como Ele é oferecido gratuitamente pelo Evangelho, e confio em Sua própria palavra: “Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora” (João 6:37). Essa fé não vem por sentimentos de meu amor a Cristo, mas pelo anúncio de Seu amor pelos pecadores (Romanos 5:8, 10:17). É verdade, o Espírito Santo, no dia do Seu poder, faz impressões sobre o coração pela Palavra. No entanto, o fundamento da fé não são essas impressões, mas o Evangelho em si mesmo. O objeto da fé não é Cristo operando no coração e suavizando-o, mas sim Cristo como Ele é apresentado para nossa aceitação na Palavra. O que nós somos

chamados a ouvir não é Cristo falando secretamente dentro de nós, mas é Cristo que fala abertamente, objetivamente, fora de nós.

Os Benditos Frutos da Fé Salvífica

Uma maldição mui terrível é pronunciada sobre todos os que “não amam ao Senhor Jesus Cristo” (1 Coríntios 16:22). Verdadeiramente solene é perceber que essa maldição recai sobre a grande maioria dos nossos companheiros, mesmo nos países que têm a reputação de serem cristãos. Mas por que algum pecador ama a Cristo? Alguém só pode fazê-lo porque ele crê no amor de Cristo pelos pecadores. Ele percebe a sua maravilha e sua preciosidade; pois “a fé opera pelo amor” (Gálatas 5:6), isto é, pelo amor de Cristo, que se manifesta para nós. Ela recebe ou toma o Seu amor para o coração. Em seguida, opera a paz na consciência, concede acesso consciente a Deus (Efésios 3:12), desperta a alegria nEle e promove a comunhão e conformidade com Ele. Essa fé, implantada pelo Espírito Santo, que opera pelo amor, e é o reflexo de nossa apreensão e apropriação do amor de Cristo, mata nossa inimizade contra Deus e nos leva a nos deleitarmos em Sua lei (Romanos 7:22). Tal fé conhece, sob a autoridade da Palavra de Deus, que os nossos pecados, que eram a causa da nossa separação e alienação dEle, foram lavados pelo sangue expiatório de Cristo. Quão inefavelmente bendito é saber que na plenitude dos tempos Cristo apareceu “para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo” (Hebreus 9:26), e que Deus diz sobre todos os crentes “e jamais me lembrarei de seus pecados e de suas iniquidades” (Hebreus 10:17).

Sobre nossa confiança nos testemunhos divinos do Evangelho dependem, em grande medida, tanto a nossa santidade prática quanto o nosso consolo. Nosso amor e a nossa adoração a Cristo crescerá ou diminuirá em proporção à nossa fé na pessoa e obra dEle. Onde existe uma segurança pessoal do Seu amor, não pode deixar de haver uma união com os santos no céu em louvor a Cristo por lavar-nos de nossos pecados (Apocalipse 5:9-10). Mas muitos se oporão: “Eu ainda tenho tanto pecado em mim; e ele tantas vezes me domina, que não me atrevo a acalantar a segurança de que Cristo me lavou dos meus pecados”. Se este é o seu caso, eu pergunto: Você se lamenta a respeito de suas corrupções, e sinceramente deseja se livrar delas para sempre? Se assim for, isso é prova de que você tem o direito de se alegrar no sangue expiatório de Cristo. Deus vê quão apropriado é deixar o pecado em você, para que nesta vida você seja mantido humilde diante dEle e maravilhe-se mais de Sua longanimidade. É Seu propósito que agora o Cordeiro seja comido “com ervas amargas” (Êxodo 12:8). Este mundo não é o lugar do seu descanso. Deus permite que você seja afligido por suas concupiscências, para que olhe adiante e deseje mais ardentemente a libertação e o descanso que esperam por você. Embora Romanos 7:14-25 descreva com precisão a sua experiência presente, Romanos 8:1 também declara: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”!

As Elevadas Posições e Privilégios Concedidos Aos cristãos em Virtude da União com Cristo

“E nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai”. Aqui está o terceiro motivo inspirador para a atribuição que se segue. Tendo reconhecido a dívida dos santos devido ao amor e ao sacrifício do Salvador, o apóstolo João agora celebra, na linguagem dos “espíritos dos justos aperfeiçoados” (Apocalipse 1:6; Hebreus 12:23), as elevadas dignidades que Ele lhes conferiu. Nós, que somos filhos do Altíssimo, na devida medida, somos feitos participantes das honras dAquele que é o Rei dos reis e nosso grande Sumo Sacerdote; e a apreensão deste fato evoca uma canção de louvor a Deus. Quando percebemos que o Senhor Jesus compartilha Suas próprias honras com Seus remidos, conferindo-lhes tanto dignidade real quanto uma proximidade sacerdotal de Deus, não podemos deixar de exclamar, com exultação: “A ele glória e poder para todo o sempre”. Somos virtualmente feitos reis e sacerdotes quando Ele contraiu o cumprimento dos termos da aliança eterna, por esse engajamento fomos assim constituídos. Por compra, fomos feitos reis e sacerdotes quando Ele pagou o preço de nossa redenção, pois foi por Seus méritos que comprou esses privilégios para nós. Federalmente fomos feitos assim, quando Ele subiu às alturas (Efésios 4:8, 2:6) e entrou no interior do véu como nosso precursor (Hebreus 6:19-20). De fato, nós somos feitos assim em nossa regeneração, quando nos tornamos participantes de Sua unção.

“E nos fez reis e sacerdotes para Deus”. Aqui nós temos o Redentor exaltando e enobrecendo Seus remidos. Isso pressupõe e decorre do nosso perdão, e é o resultado positivo da obediência meritória de Cristo à lei de Deus (sem a qual Ele não poderia ter morrido no lugar dos pecadores). Aquele que nos amou não somente removeu nossas impurezas, mas também nos tem restaurado ao favor e comunhão divinos. Além disso, Ele garantiu para nós uma recompensa gloriosa, tomou o nosso lugar para que pudéssemos compartilhar o Seu. A fim de que possamos ser protegidos de certos erros insidiosos, que enredaram não poucos dos filhos de Deus, é importante perceber que essas designações não pertencem apenas a uma classe muito seleta e elevada de cristãos, mas também a todos os crentes. Também é necessário, para que não sejamos roubados pelo dispensacionalismo, que compreendamos que essas dignidades pertencem a nós agora. Elas não estão adiadas até a nossa chegada no céu, e muito menos até ao início do milênio. Cada santo tem essas duas honrarias conferidas a ele imediatamente: ele é um sacerdote real e um rei sacerdotal. Aqui vemos a dignidade e a nobreza do povo do Senhor. O mundo olha para nós como miseráveis e desprezíveis, mas Ele fala de nós como “ilustres em quem está todo o meu prazer” (Salmos 16:3).

Quando Paulo diz em 2 Coríntios 1:21 que Deus “nos confirma convosco em Cristo, e o que nos *ungiu* é Deus”, ele está indicando que Deus nos fez reis e sacerdotes; pois a palavra “ungido” é expressiva de dignidade. Reis e sacerdotes eram ungidos quando inauguravam em seus

ofícios. Portanto, quando é dito que Deus ungiu todos os que estão em Cristo Jesus, somos levados a entender que Ele os qualificou e autorizou ao cumprimento desses ofícios elevados. Ao elaborar um nítido contraste entre os crentes verdadeiros e falsos irmãos e falsos mestres, o apóstolo João diz: “E vós tendes a unção do Santo... E a unção que vós recebestes dele fica em vós” (1 João 2:20, 27). Temos uma participação na unção de Cristo (Atos 10:38), recebendo o mesmo Espírito com que Ele foi ungido (um belo tipo da unção de Cristo é apresentado em Salmos 133:2). A bem-aventurança dos eleitos aparece na medida em que são feitos reis e sacerdotes, em virtude do Nome em que eles são apresentados diante de Deus. Aqueles que “recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, *reinarão* em vida por um só, Jesus Cristo” (Romano 5:17). Embora em todas as coisas Cristo tenha a primazia, sendo “o Rei dos reis”, pois Ele foi “*ungido* com óleo de alegria mais do que a Seus companheiros” (Salmos 45:7), ainda assim os Seus companheiros são investidos com a realeza; e “*qual* ele é, somos nós também neste mundo” (1 João 4:17). Oh, a fé deve apropriar-se desse fato, e pela graça conduzir-nos em conformidade com ele!

Aparentemente, há um contraste projetado entre as duas expressões, “os reis da terra” e “nos fez reis e sacerdotes para Deus”. Eles são reis, naturalmente, nós espiritualmente; eles quanto aos homens, nós quanto a Deus. Eles são apenas reis, mas nós somos ambos, reis e sacerdotes. O domínio dos monarcas terrestres é apenas passageiro; sua glória real desaparece rapidamente. Mesmo a glória de Salomão, que superou a de todos os

reis da terra, foi apenas de curta duração. Mas nós seremos corregentes com um rei, cujo trono é indestrutível (Apocalipse 3:21), cujo cetro é eterno, e cujo domínio é universal (Mateus 28:18; Apocalipse 21:7). Devemos nos vestir com a imortalidade e ser investidos de uma glória que nunca se esmaecerá. Os crentes são reis, não no sentido de que eles tomam parte no governo do céu sobre a terra, mas como partícipes da vitória de seu Senhor sobre Satanás, o pecado e o mundo. Nisso os cristãos também são distinguidos dos anjos, pois estes não são reis, nem jamais reinarão, pois não são ungidos. Eles não têm união com o Filho de Deus encarnado, e, portanto, não são “coerdeiros com Cristo”, como são os redimidos (Romanos 8:17). Longe disso, todos os anjos são “espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação” (Hebreus 1:14). A eles pertence um lugar subordinado e uma tarefa subserviente!

O Domínio Moral Exercido pelo Cristão

Cristo não apenas realizou uma grande obra para o Seu povo, mas Ele efetua uma grande obra neles. Ele não apenas os lava de seus pecados, os quais Ele odeia, mas também transforma pelo Seu poder as pessoas deles, as quais Ele ama. Ele não os deixa como os encontra inicialmente sob o domínio de Satanás, o pecado e o mundo. Não, mas Ele os torna reis. Um rei é aquele que é chamado para governar, que é investido de autoridade, e que exerce o domínio; e assim o fazem os crentes sobre os seus inimigos. É verdade que alguns dos

sujeitos sobre os quais somos chamados para governar são fortes e truculentos, ainda assim somos “mais do que vencedores, por meio daquele que nos amou” (Romanos 8:37). O cristão é um “rei a quem não se pode resistir” (Provérbios 30:31). Embora seja muitas vezes vencido em sua pessoa, ele jamais será vencido em sua causa. Ainda há uma lei em seus membros guerreando contra a lei de seu espírito (Romanos 8:23), mas o pecado não terá domínio sobre ele (Romanos 6:14). Uma vez o mundo o mantinha em cativeiro, presumindo ditar a sua conduta, de modo que ele temia desafiar seus costumes e envergonhava-se de ignorar suas regras de conduta, mas agora “todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé” (1 João 5:4). Por meio do dom da graça divina da fé, somos capazes de buscar a nossa porção e deleite nas coisas de cima. Observe bem as palavras de Thomas Manton sobre este assunto:

Rei é um nome de honra, poder e ampla possessão. Aqui nós reinamos espiritualmente, enquanto vencemos o Diabo, o mundo e a carne, em alguma medida. É algo de caráter real estar acima dessas coisas inferiores e pisar tudo sob os nossos pés em uma santa e celeste dignidade. Um pagão poderia dizer: “Ele é um rei que não teme nada e tem tudo que pode desejar”. Mas o homem que possui um espírito de rei é alguém que está acima das esperanças e temores do mundo, o seu coração está posto no céu e está acima das ninharias temporais e dos altos e baixos do mundo, ele é alguém cujas afeições estão acima deste mundo. O reino de Cristo

não é deste mundo, nem o é o de um crente. “E para o nosso Deus nos fizeste reis e sacerdotes; e reinaremos sobre a terra” (Apocalipse 5:10), ou seja, de uma forma espiritual. É algo bestial atender às nossas concupiscências, por outro lado é algo majestoso estarmos familiarizados com o céu e vencermos o mundo por vivermos de acordo com a nossa fé e amarmos com um espírito nobre. Futuramente, reinaremos visível e gloriosamente quando nos assentarmos no trono com Cristo.

Os santos ainda julgarão o mundo, e até mesmo os anjos (1 Coríntios 6:2-3).

A Superioridade do Autogoverno sobre o Governo Secular

O trabalho que é atribuído ao cristão como um rei é *governar a si mesmo*. “Melhor é o que tarda em irar-se do que o poderoso, e o que *controla o seu ânimo* do que aquele que toma uma cidade” (Provérbios 16:32). Como um rei, o cristão é chamado a mortificar a sua própria carne, resistir ao Diabo, disciplinar seu temperamento, subjugar suas paixões e trazer cativo todo pensamento à obediência de Cristo (2 Coríntios 10:5). Essa é uma tarefa que dura por toda a vida. O cristão não consegue realizá-la em sua própria força. É o seu dever buscar capacitação do alto, e recorrer à plenitude da graça que está disponível para ele em Cristo. O coração é o seu reino (Provérbios 4:23); e é sua responsabilidade fazer a razão e a consciência, ambos formados pela Palavra de Deus, governarem os seus desejos de modo que a sua vontade seja sujeita a Deus. É exigido dEle ser o mestre

de seus desejos e regulador de suas afeições, renunciar a concupiscências ímpias e mundanas, e viver sóbria, justa e piedosamente neste mundo. Ele deve “de tudo se abster” (1 Coríntios 9:25). Ele deve subjugar sua impetuosidade e impaciência, recusar a vingar-se quando os outros o prejudicam, refrear suas paixões, “vencer o mal com o bem” (Romanos 12:21), e ter tal controle de si mesmo, que se alegre com tremor (Salmos 2:11). Ele deve aprender o contentamento em cada estado ou condição de vida que Deus, em Sua sábia e boa providência, se agrada em colocá-lo (Filipenses 4:11).

Alguns monarcas terrenos têm não poucos súditos infiéis e indisciplinados que os invejam e os odeiam, que se irritam com seu cetro, e que querem depô-los. No entanto, eles ainda mantêm seus tronos. Da mesma maneira, o rei cristão tem muitas concupiscências rebeldes e inclinações traidoras que se opõem e resistem continuamente ao seu governo, no entanto ele deve buscar graça para restringi-las. Em vez de esperar a derrota, seu privilégio é ter a certeza: “Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece” (Filipenses 4:13). O apóstolo Paulo estava exercendo seu ofício real, quando declarou: “Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma” (1 Coríntios 6:12). E nisso ele nos deixou um exemplo (1 Coríntios 11:1). Ele também estava se comportando como um rei quando disse: “Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão” (1 Coríntios 9:27). No entanto, como tudo nesta vida, o exercício do nosso ofício real é muito imperfeito. Ainda não temos entrado totalmente em nossas honras reais ou agido em nossa dignidade real.

Ainda não recebemos a coroa, ou nos sentamos com Cristo em Seu trono, cujas cerimônias de coroação são essenciais para a manifestação completa de nosso reinado. No entanto, a coroa está guardada para nós, uma mansão (infinitamente superior ao Palácio de Buckingham) está sendo preparada para nós, e essa promessa é nossa: “E o Deus de paz esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés” (Romanos 16:20).

Os Privilégios Sacerdotais e Deveres do Crente

Seguindo meu costume habitual, tenho me esforçado para fornecer o máximo de auxílio onde comentaristas e outros expositores forneceram o mínimo. Tendo procurado explicar em algum pormenor o ofício real do crente, enquanto menos necessita ser dito sobre o seu ofício sacerdotal. Um sacerdote é aquele a quem é dado um lugar de proximidade de Deus, que tem acesso a Ele, quem tem santo relacionamento com Ele. É o seu privilégio ser admitido à presença do Pai e receber sinais especiais de Seu favor. Ele tem um serviço divino a executar. Seu ofício é um de grande honra e dignidade (Hebreus 5:4-5). No entanto, isso não se refere a nenhuma hierarquia eclesiástica, mas é comum a todos os crentes. “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real”. Os cristãos são “o sacerdócio real” ordenado a “oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo” (1 Pedro 2:5, 9). Eles são adoradores da majestade divina, e trazem com eles um sacrifício de louvor (Hebreus 13:15). “Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens buscar a lei” (Malaquias 2:7). Como sacerdotes,

eles devem ser intercessores por todos os homens, especialmente pelos reis e por todos os que estão em posição de autoridade (1 Timóteo 2:1-2). Mas o exercício pleno e perfeito de nosso sacerdócio está no futuro, quando, livres do pecado e dos temores carnis, veremos a Deus face a face e O adoraremos de forma ininterrupta.

Uma Doxologia Appropriada com Base em Quem Cristo é e no que Ele Fez

“A ele glória e poder para todo o sempre. Amém”. Este é um ato de adoração, uma atribuição de louvor, um suspiro de adoração ao Redentor a partir do coração dos redimidos. cristãos variam muito em suas capacidades e realizações, e eles diferem em muitos pontos de vista e práticas menores. Mas todos eles se unem com o apóstolo nisso. Todos os cristãos têm substancialmente as mesmas visões de Cristo e o mesmo amor por Ele. Onde quer que o Evangelho tenha sido salvificamente compreendido, ele não pode deixar de produzir esse efeito. Primeiro, há um reconhecimento piedoso do que o Senhor Jesus fez por nós, e, em seguida, uma doxologia é prestada a Ele. Enquanto contemplamos quem foi que nos amou — não um companheiro mortal, mas Deus — não podemos senão nos prostrar diante dEle em adoração, ao considerarmos o que Ele fez por nós, a saber, derramou Seu sangue precioso, os nossos corações são inclinados em amor a Ele. Na medida em que percebemos como Ele nos concedeu tais dignidades maravilhosas, fazendo-nos reis e sacerdotes, não podemos deixar de lançar nossas coroas aos Seus pés (Apocalipse 4:10). Quando esses sentimentos verdadeiramente dominam a alma, verdadeiramente

daremos a Cristo o trono de nossos corações. Nosso desejo mais profundo será o de agradar a Deus e viver para Sua glória.

“A ele glória”. Esta é uma palavra que significa (1) brilho visível ou esplendor, ou (2) uma excelência de caráter que coloca uma pessoa (ou coisa) em uma posição de boa reputação, honra e louvor. A “glória de Deus” denota principalmente a excelência do Seu Ser divino e as perfeições de Seu caráter. A “glória de Cristo” compreende Sua divindade essencial, as perfeições morais de Sua humanidade e o alto valor de todos os Seus ofícios. Secundariamente, compreende as manifestações físicas da glória de Yahwéh (Êxodo 3:2-6, 13:21-22) e do Seu ungido (Mateus 17:1-9) são derivadas da grande santidade do Deus triuno (Êxodo 20:18-19, 33:17-23; Juízes 13:22; 1 Timóteo 6:16). Cristo tem uma glória intrínseca como o Filho de Deus (João 17:5). Ele tem uma glória oficial como o Mediador Deus-homem (Hebreus 2:9). Ele tem uma glória meritória como a recompensa de Seu trabalho, e isso Ele compartilha com Seus remidos (João 17:5). Em nosso texto, glória é atribuída a Ele, por cada uma das seguintes razões. Cristo é aqui magnificado tanto pela excelência não derivada de Sua pessoa que O exalta infinitamente acima de todas as criaturas e pela Sua glória adquirida que ainda será exibida diante de um universo reunido. Há uma glória que pertence a Ele como Deus encarnado, e ela foi proclamada pelos anjos sobre as planícies de Belém (Lucas 2:14). Há uma glória que pertence a Ele, em consequência de Seu ofício e obra de

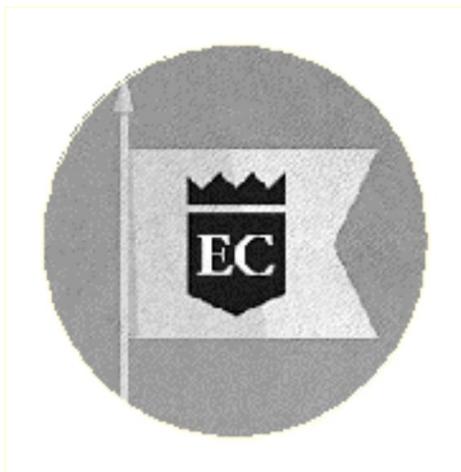
mediador, e que só pode ser apropriadamente celebrada apenas pelos remidos.

“E poder”. Isso também pertence a Ele em primeiro lugar por direito como o Deus eterno. Como tal, o domínio de Cristo é não derivado e supremo. Assim senso, Ele tem soberania absoluta sobre todas as criaturas, estando o próprio Diabo sob Seu domínio. Além disso, o domínio universal também é Seu por mérito. Deus fez “a esse Jesus”, a quem os homens crucificaram, “Senhor e Cristo” (Atos 2:36). Toda autoridade é dada a Ele, tanto no céu como na terra (Mateus 28:18). Isso foi prometido a Ele no Pacto Eterno como recompensa de Seu grande empreendimento. O reino mediatório de Cristo está fundamentado sobre a Sua morte sacrificial e ressurreição triunfante. Essas dignidades são Suas “para todo o sempre”, pois “do aumento deste principado e da paz não haverá fim” (Isaías 9:7; cf. Daniel 7:13-14). Por meio de um fiel “Amém”, estabeleçamos o nosso selo e confirmamos a veracidade da declaração de Deus.

Quão abençoado é o fato de antes que qualquer anúncio seja feito sobre os terríveis juízos descritos no Apocalipse, antes que uma trombeta de desgraça seja tocada, antes que um cálice da ira de Deus seja derramado sobre a terra, os santos (pela bênção inspirada de João) são primeiramente ouvidos louvando no cântico do Cordeiro:

“Aquele que nos amou, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados. E nos fez reis e sacerdotes [não para nós mesmos, mas] para Deus e seu Pai [para a Sua honra]; a ele glória e poder para todo o sempre. Amém”!

.



A editora *O Estandarte de Cristo* é fruto de um trabalho que começou a ser idealizado por volta do início de 2013, por William e Camila Rebeca, com o propósito principal de publicar traduções de autores bíblicos fiéis. Fizemos as primeiras publicações no dia 2 de dezembro de 2013 (publicação de 4 eBooks). De lá para cá já são quase 5 anos e centenas de traduções de autores bíblicos fiéis, sobre diversos temas da Fé Cristã.

Somos uma editora de fé Cristã Batista Reformada e Confessional. Estamos firmemente comprometidos com as verdades bíblicas fielmente expostas na Confissão de Fé Batista de 1689.

OEstandarteDeCristo.com

Adquira “A Interpretação das Escrituras”, outro livro por A.W. Pink publicado pela editora *O Estandarte de Cristo*.



“ Nestes capítulos temos nos esforçado para colocar diante de nossos leitores as regras que temos usado há muito tempo em nosso próprio estudo da Palavra; elas foram projetadas mais especialmente para os jovens pregadores. Nós não poupamos esforços para torná-los tão lúcidos e completos quanto possível, colocando em suas mãos esses princípios de exegese que nos foram de grande proveito. ” — A.W. Pink | A Interpretação das Escrituras

-
- [1] PINK, A.W. Oração Particular.
- [2] ALLEINE, Joseph. Um Guia Seguro para o Céu. São Paulo: PES, 2002. p. 163.
- [3] LLOYD-JONES, David Martyn. Como está sua vida de Oração? Disponível em: <<http://www.bomcaminho.com/mlj002.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2013.
- [4] PIPER, John. A Vida e o Ministério de Charles Spurgeon. Disponível em: <<http://www.desiringgod.org/conference-messages/the-life-and-ministry-of-charles-spurgeon>>. Acesso em: 21 out. 2014. Tradução pessoal.
- [5] SPURGEON, C.H. Oração Eficaz. Livreto do sermão nº 700, publicado em português pela editora PES.
- [6] Este texto apareceu em *Studies in the Scriptures* [Estudos nas Escrituras] sob o título, *Private Prayer*, foi publicado em duas partes, a primeira em já-neiro de 1938 e a última no mês seguinte. *Studies in the Scriptures* foi uma revista teológica publicada por A.W. Pink (1886-1952) sem interrupção de 1922 a 1953 (as publicações de 1953 foram publicações póstumas). Cada edição de *Studies in the Scriptures* possui de seis a oito artigos, cada artigo abordando um tema diferente das Escrituras e muitas vezes dando continuação a séries de exposições bíblicas sobre vários temas. (Esta e todas as outras notas de rodapé foram acrescentadas à presente tradução.)
- [7] Este livro foi compilado pelo autor a partir de alguns artigos selecionados da série *The Prayers of the Apostles* publicados em *Studies in the Scriptures*, entre novembro de 1948 a dezembro de 1949. Passagens como Efésios 1:3, 1:16-19 e 3:14-21 e 2 Coríntios 1:3 não foram incluídas.
- [8] *Um Colar de Pérolas*, Sermão nº 948.
- [9] João 17:2.
- [10] Colossenses 3:3-4.
- [11] Hebreus 2:8.
- [12] Hebreus 2:9.
- [13] Romanos 4:16.
- [14] 2 Tessalonicenses 3:5; cf. 2 Timóteo 1:13-14.
- [15] Cf. Marcos 14:66-70.
- [16] É interessante perceber a estrutura trinitária usada pelo apóstolo Judas ao se referir aos eleitos caracterizando-os pelas obras que cada pessoa divina realiza neles, ele atribui a sua santificação ao Pai, sua conservação ao Filho e, implicitamente, o seu chamado ao Espírito.
- [17] Salmos 103:12.